


13



Digitized by the Internet Archive  
in 2010 with funding from  
University of Toronto

OBRA S  
DE  
HORACIO.

1880

1880

O B R A S  
D E  
H O R A C I O,

TRADUZIDAS EM VERSO PORTUGUEZ,

P O R

JOSE' AGOSTINHO DE MACEDO,

TOMO 1. *(2.ª edição)*

*Os quatro Livros das Odes, e Epodos.*



L I S B O A,  
N A I M P R E S S Ã O R E G I A

Anno 1806.

*Com licença de S. A. R.*

12110

17707

17707

17707

17707



17707

17707

## P R E F A Ç Ã O.

**H**E tão prodigiosa a multidão de Livros , que tem apparecido ha dois Seculos , e que continuamente vão apparecendo , que não ha Bibliotheca , por vasta que seja , que os contenha todos , e como os Auctores se persuadem que o Público os acceita favoravelmente , não se canção de os compor. Muitos ateimão em escrever , ainda que saibão , que o mais longo caminho que deve fazer seu Livro he da Prensa para a Sepultura. Os que mais se illudem com a esperança da immortalidade , são os Poetas , e com tudo , quam poucos são os que não hajão experimentado o duro Imperio da morte ? Contão-se acaso muitos Virgilios , e muitos Horacios desde o feliz reinado de Augusto ? Sei que muitos me responderão

rão com as palavras que Marcial dirigia a Valerio Flaco.

*Sint Maccenates, non deerunt tibi Flacc Marones.*

Illusoria desculpa, porque na verdade, quando ha Virgílios, logo apparecem Mecenas. A Protecção não dá Talentos, os verdadeiros Talentos grangeão Protecção. Não duvido que seja muitas vezes caprichosa a Fortuna dos Livros; alguns ha que morrem primeiro que seus Auctores, ainda que não fossem destituídos de merecimento. Esta fatal mortalidade se experimenta muito mais nos Poetas, que em outros quaesquer Compositores. O Público, Juiz imparcial, os condemna ao desprezo, e esquecimento, e não ha jámais appellar desta Sentença. Se algum incidente obscureceu alguns apenas nascêrão, como succedeu ao Paraíso perdido de Milton; outro incidente o descobrio, e lhe deu Fama, e Imortalidade. Se ouvirmos os Poetas, não ha hum só, que se não prometta a si mesmo passar aos Vindoirs, cheio de gloria, e de applausos. Assoalhão por toda a parte, que tem commercio directo com o Olympo, que os inspira hum certo Nume, que seu Fogo lhe abra-



abraza o Entendimento , que vivem debaixo da sua Protecção , mas a pezar desta Protecção , e deste Nume , muitos tem existido , e existem , que não grangeão na Terra mais que desprezós , e vilipendios ; e o Público tem razão , e não se illude. E com effeito , que coisa mais frivola , mais digna de hum profundo desprezo , que certas Composições em verso , que se não vem directamenté corromper os côstúmes , vem cançar a paciência , e enjoar o homem mais distrahido , e superficial ? Se Platão banio da sua Republica o Pai de todos os Vates , o grande Homero , mandando , assim he , que se lhe fizessem grandes honras , que se corôasse de Lóiros ; mas que se pozessê da parte de fóra das Portás da Cidade ; que deve o Público fazer a tantos , e tantos Vadios , que nos não offerecem Iliadas , nem Odisseas , porém que nos imbutem Quimeras , e Monstros forjados na sua Imaginação ? Que nos dão sem serem preguntados hum catalogo exácto de suas Paixoens , que nos querem matar com o rigor , e belleza das suas Amadas , que nos aturdem com o seu merecimento , e contínuas queixas do corrompido gosto do Seculo que os não estima , e emprega ?

Que

Que paciência se não aborrecerá das frioteirás do Seculo de seiscentos, em que parece que á porfia se querião degradar os Engenhos, e redicularizar os Poetas! Deixo os Marinos de Italia, e os Gorgoras de Hespanha, para me lembrar daquelles Portuguezes, que tão desgraçadamente, os seguirão, e imitarão. Na verdade, desde a morte de Francisco Rodrigues Lobo, e Vasco Mouzinho de Quevedo, até á criação da Arcadia, temos hum intervalo lastimoso. Houve, assim he, hum Diluvio de Poetas, e huma innundação de parvoices. Existio eclipsado o Astro da Poesia, e foi surgindo das sombras, ou chegou a E'poca da sua emersão, quando apparecerão Antonio Diniz da Cruz, e Pedro Antonio Correa Garção. Estes se atrevêrão a hir desenterrar do pó das Bibliothecas os bons Quinhentistas. Leo-se, imitou-se Camoens, Ferreira, Bernardes, Lobo; lembrou-se hum Academico benemerito de fazer huma nova Edicção de Fernão Alvares do Oriente, e envergonhárão-se os Portuguezes de haverem acordado tão tarde, quando França lhe offerencia Modellos em todo o genero acabados. Estimou-se, e reproduzio-se a antiga lingoagem, desterrarão-se os Equivocos, e reinou aquella magestosa simplicidade, que he o Ca-

racter dos Grandes Homens, e das Grandes Obras. Houve quem lesse, e entendesse Horacio, e esta Revolução felicissima contra as arreigadas preoccupações, e corrompido gosto, fez que a Poesia se aproximasse áquella perfeição de que tão desgraçadamente havia cahido.

Mas assim como a vida humana, e o estado moral, e politico dos Homens anda em huma contínua vicicitude, segue a mesma vicicitude as Sciencias, e boas Artes. Vai declinando o gosto, bem como desde a morte de Luis Racine, e Thomás, declinou em França o gosto, e perfeição da Poesia, e Eloquencia. Que composições tem apparecido! A simplicidade nobre, e magestosa se vai seguindo a empoação redicula. Que Gongora, que Calderon, fez jámais hum verso como este:

» Eu, que cem vezes concebendo o Olympo?

Que Antonio da Fonseca Soares chamou jámais ao Téjo:

» Barbi canuto Téjo?

Que

Que Academico dos Singulares comessou jámais  
hum Soneto aos annos de huma Mulher :

» Auriverdes Tritóens puláo na arêa ,

E acabou com outros não meños expressivos :

» E o Tempo quebra a Lurida Empulheta ,

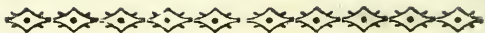
» E rasga a Morte os Crépes denegridos ?

Se o Astro da Poesia não está de tódô eclipsa-  
do, ao menos está retorgado.

Eu não posso tanto, que me atreva a dar á Pa-  
tria originaes perfeitos , por mais que me lastime a  
décadencia em que vejo a Poesia. Talento frivolo,  
assim he , mas Talento agradável , e que póde ter  
suas vantagens quando se lhe dá seu verdadeiro em-  
prego. Horacio deve ser em todos os Seculos , a Lei,  
e o Exemplo. Vulgarizar Horacio , he huma grande  
Empreza , e hum grande remedió. Se a todos os  
que fazem versos se podesse dizer a respeito de Ho-  
racio , o que elle diz dos Exemplares Gregos :

*Nocturna versate manu, versate diurna.*

Seria escusada huma Traducção , e della teria pejo, pois o causá já o mister de Traductor ; que Dôctos, e não Dôctos tem desgraçadamente usurpado. Mas nem todos entendem Horacio em sua lingua materna, que até se vai desprezando o gosto da Latinidade, e nem as Traducçoens que delle ha em Prosa Franceza, e Portugueza, podem fazer conhecer hum Poeta de tão alta Jerarquia, não só porque he impossivel fazer conhecer o Espirito de hum Poeta em huma Traducção em Prosa, porque a Prosa nunca foi a lingoagem da Poesia ; porém tambem, porque quasi todas as que existem são sobre maneira infieis, e antes que demos huma idéa desta nossa Traducção ; cumpre fazer conhecer as que existem ; o que será objecto do seguinte Artigo.



## A R T I G O I.

### *Das Traducçoens que se tem feito de Horacio em diversas Lingoas.*

**O**S Francezes, que tem abrangido todos os generos de Literatura, comessárão a traduzir Horacio, desde que as Letras comessárão a florescer entre elles no Reinado de Francisco I. Jaques de Mondot, Monge Benedictino, fez a primeira Traducção de Horacio, e a imprimio em Leão no anno de 1579. Depois Lucas de la Porte, traduzio todas as Obras de Horacio, e as imprimio em 1584. Seguiu-se a Traducção de Roberto, e Antonio de Agneaux, dedicada a Henrique III., e impressa no anno de 1588. Depois destes apparecêrão outros Traductores, como Nicoláo Rapim, Philippe des Portes, o Cardeal du Perron, e outros. Estas Traducçoens são presentemente ininteligiveis pela sua antiquada lingoagem. A primeira que appareceo capaz de se ler, foi a do infatigavel Traductor Maroles, impressa em 1660,  
tão

tão literal , e tão gramaticalmente construida , que se fosse entermeando a Traducção no Texto, lhe podiamos chamar ; Comento de Horacio , como chamamos ao Livro de que em nossas antigas Escólas se aproveitavão os Rapazes. Com tudo , esta Traducção abriu o passo ás outras , della se aproveitarão todos os que se seguirão , o primeiro que se valeo da Traducção de Maroles , foi o Padre Catrou , Jesuita ; appareceo sobre os mesmos Vestigios a Traducção de Dacier ; seguio-se a de Senadon , e a de Tartaron ; depois a do Abbade Fontaines , com o seu Anonymo Continuator ; e finalmente a de Batteux , que o mutilou horriavelmente. Parece que se devião satisfazer os Francezes com tantas Traducçoens , porém

*Tenet insanabile multos scribendi cachoethes.*

Depois destes Traductores todos que não sessavão de se accusar mutuamente de infidelidade , appareceo Regenhac com a sua Traducção de todas as Odes de Horacio , exacta na verdade , e nelle achei huma Opinião sobre a primeira Ode , que abracei por se me ajustar em extremo á Razão. Diz elle , e o prova , que não he Ode , mas hum Antiloquio ,

ou

ou pequena Prefação , que o Poeta faz á Mecenas sobre as suas Poesias Liricas. A uniformidade dos versos , sem divisão de Estrofes he hum dos argumentos que mais me convencem.

... Não pararáo ainda aqui as Traducçoens de Horacio. Le Franc de Pompinhan , e o Marquez de la Fare , traduzirão em verso a maior parte das Odes , e parece que assinte se apostarão a dizer o contrario do que diz Horacio , ou talvez fosse por não poderem vencer a difficuldade que ha de traduzir de versos para versos hum similhante original. He certo que fazem nojo , nada ha mais superficial , não se conhece Horacio senão pelo Titulo.

Ha duas Traducçoens Inglezas de Horacio , huma antiga de Digbi , e outra mais moderna de Gerhingan. Ser-me-hia preciso hum mais profundo conhecimento da Lingoa Ingleza (tão difficil de entender nos Poetas) para ajuizar de seu merecimento , e fugimos sempre de Juizos precipitados , nada ha mais ridiculo , que Decisoens de Oraculo , nada mais facil que dizer. Não presta , e desgraçadamente , nada ha mais vulgar que ouvir-se.

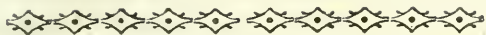
Em Italiano vi huma Traducção das Odes , feita em Tercetos , e isto basta. O admiravel Methas-



tazio traduzio a Arte Poetica , e a Epistola a Torcato, e na Collecção das Obras do sublime Poeta Fulvio Testi , vem algumas Odes magistralmente traduzidas , e se he licito dizer-se , até melhoradas.

Se ha em Hespanhol alguma Traducção não indaguei , nem indago. Temos duas Traducçoens das Odes em Portuguez , ambas em prosa , trabalho de dois zelosos Professores da Latinidade , e trabalho muito util para facilitar a boa intelligencia do Texto aos que se dedicão ao muito necessario estudo da Lingoa Latina , que tanto sem razão se despreza em nossos dias. He certo que não deve ser o unico emprego da vida do homem , mas he hum dos seus principaes ornamentos , e os Romanos nos deixarão tão sublimes Composiçoens em todo o genero , que parece que com ellas tambem nos legarão a obrigação de estudar , e entender a sua lingua , e nenhuma Traducção por boa que seja , dispensará jámais o estudo do Original. Não sei se existe alguma Traducção em Lingoa Alemaá , eu não a entendo , e nenhum conhecimento tenho da Literatura Alemaá vulgar , apenas conheço os quatro Volumes de Poesias , compiladas , e traduzidas em Francez por Hubert. Sei que até se fez huma Traducção de Horacio em

lingoa Grega , por João Bento , Doctor em Medicina , e Professor de Grego em a Universidade de Saumur , o qual diz no Prefacio da Traducção Latina de Luciano , que traduzira as Odes de Horacio em versos Gregos , guardando a mesma medida , e o mesmo numero de versos , trabalho tão penoso como inutil , e tão ingrato como maravilhoso : eis-aqui as Traducçoens de Horacio que poderão vir ao nosso conhecimento. Agora he tambem justo , que em artigo separado , eu falle da nossa Traducção , e de seus motivos.



## A R T I G O   I I .

*Da presente Traducção de Horacio, e das causas que a ella obrigárão.*

**H**Oracio he hum dos Poetas d'Antiguidade mais universalmente estimado, e applaudido. He hum Filosofo agradavel , que sem a enfadonha austeridade dos Declamadores , conduz o Homem do meio dos divertimentos ao amor da virtude , e entre os mesmos prazeres lhe faz conhecer a rapidez do tempo, a brevidade da vida , e a inevitavel necessidade de morrer. He o amigo dos Homens, não sessando de os reduzir aos simplices, e verdadeiros principios da Natureza, ensina-lhes a se contentar de pouco, e a desprezar o Fausto , e Luxo , como hum encargo, que por ser brilhante, não deixa de ser pezado. Inspira-lhes o amor do campo , debuxando-lhes com a maior energia, e vivacidade suas delicias, dando-lhes primeiro, o exemplo com seu continuado retiro. Estes são em breve os principios porque Horacio se faz

amavel a todos os Homens , mas não são estes só os motivos da minha simpatia com elle. Descubro-lhe hum character muito analogo ao meu. A minha Paixão predominante he o amor do socego a que alguns inquietos chamarão Preguiça. O socego pois he o Idolo a que eu sacrificarei voluntariamente a posse do Mundo inteiro, e não accitaria hum Throno se mo offerecessem , com a condição de me envolver por hum mez só em huma Intriga , que me tirasse do seio d'Apathia em que encontro todos os prazeres, sendo os maiores, o Silencio, e a Incommunicabilidade, a que alguns Genios folgazoens dão o nome de Mizantropia. Eu me inquieto todas as vezes que a ordem da vida civil me põe na obrigação de fazer alguma coisa, e como vivo sem muitas relaçoens com os outros homens, gosto, como gostava o tranquillo la Fontaine do prazer de não fazer nada :

Je le verrai ce pais ou l'on dort  
On y fait plus, on y fait nulle chose:  
C'est un emploi, que je recherche encor.

Ora quando vejo Horacio fugindo ao primeiro en-  
con-

contro na Batalha de Filippo, metter-se em Roma, e com a herança do Pai, e liberalidade de Mecenas, adquirir huma cómoda subsistencia, desprezando não menos, que a dignidade de Secretario de Augusto, e passando depois disto a maior parte da vida na sua casa de campo, e encostado á sombra passar deliciosamente as horas na lição de Livros antigos, e empregar seus versos nos louvores da vida rustica, silencio, retiro, e mediocridade, ou em invectivar contra as desordens d'Ambição, Avareza, e futeis, e temtuosos empregos dos Homens, mas sem a vehemencia, e transportes, ou mordazes hyperboles de Juvenal, quando vejo digo, este asizado Filosofo, cujo character já mais se desmente, se eu posso sentir a inquietação de algum desejo vivo, só quizera existir assim, e ver-me constituido na mesma ditosa independencia, e mediocridade em que elle viveo. Ora eu compenso esta falta com o prazer de o vulgarizar, trabalhando pelo dar no mesmo tom, e felizmente a Poesia Portugueza he capaz de o fazer, a lingua, he quasi tão rica, e tão harmoniosa como a Latina. Depois disto, o desejo sincero de obstar á corrupção, e decadencia da Poesia Portugueza, dando-lhe hum modello tão judicioso como

Horacio , e tão perfeito em todos os generos. Eis bastantes motivos para amar Horacio , e para traduzir Horacio.

Tem com tudo esta Traducção duas difficuldades da parte do mesmo Original para que sáia literal , e exactamente fiel : a primeira he , a exotica Sintaxe de que o Poeta usa : tem formulas particulares , e Helenismos , que se apartáo muito do mechanismo ordinario da Lingoa Latina ; porém como eu não intento dar ao meu nome a dezinencia em *us* , degole-se quem quizer por hum Archaismo , ou por hum Solecismo , porque eu estou persuadido , que as Traducções , devem-se dar por pezo , e não por medida , e quando he impossivel achar o identico , basta que se encontre o equivalente : e quando absolutamente se não póde verter a frase latina na frase correspondente Portugueza , he licito dar em outra frase diversa o mesmo sentido do Auctor. Esta he a regra estabelecida pelo Conde de Roscomon no seu Poema da maneira de traduzir em verso , e pelo Abbade Bateux no Tratado das Boas Artes , reduzidas a hum mesmo principio , e ainda quando elles o não disseráo , o diria com maior força a necessidade , e a diversidade das Lingoas , e o que

que na Traducção em verso de Poetas Latinos, não despreza minucias Gramaticaes, não vence a difficuldade, e desta maneira venço eu, ou ao inenos afronto a primeira.

A segunda he a tenebrosidade de huma grande parte dos Escritos de Horacio, não inherente, porém relativa. A perfeita ignorancia em que estamos sobre alguns costumes, ceremonias, e ridiculos do tempo dos Romanos, nos torna impenetraveis, e inintelligiveis muitas das allusoens de que o Poeta está cheio. Podemos fazer huma idéa abstracta de hum Avaro, de hum Glotão, de hum Ambicioso, de hum Intermetido, de hum Fallador (o mais cruel dos Flagelos da Humanidade). mas as circumstancias particulares destes Individuos, e as suas relações, nos são profundamente desconhecidas, enterrou-as o Tempo, e nunca mais apparecêrão. Que Mente-captos tão solemnes se achárão em nossa idade dignos da Imortalidade, e cuja Apotheose em os Escritos de algum bom Satirico nos encheria de prazer, o qual já não sentirão os Leitores futuros, porque este prazer está sempre na razão da intelligibilidade, e conhecimento. Grande detrimento para os Escritos de Horacio! Antes se os antigos Scholiastes,

e Comentadores, em lugar das enfadonhãs Discu-  
 çoens Gramaticaes, nos deixassem monumentos,  
 que dessem claridade a suas contínuas Allusoens, e  
 Allegorias!

A extrema delicadeza com que devem ser tra-  
 tadas materias que offendem a decencia, e honesti-  
 dade, e o perigo a que os costumes se expõe de se  
 corromper, quando se debuxão os prazeres sensuaes  
 com aquellas cores, que a Poesia empresta ás Pai-  
 xoens, formão hum grande embaraço em huma com-  
 pleta, e literal Traducção de algumas Obras de Ho-  
 racio. Os Romanos erão menos delicados sobre cer-  
 titos termos obscenos, que a Religião prescreve, e  
 crimina; pasmo de ver como hum Cortezão como  
 Horacio, escrevendo no meio da Côte mais polida  
 podésse usar de tão pouco rebuço nas suas expres-  
 soens, o mesmo observamos em o rigido Juvenal;  
 porém nós vivemos em outro Seculo, outros costu-  
 mes, em outra Religião: percão-se embora quantas  
 Odes ha no Mundo, e quantas Satiras, e Epistolas  
 até agora se hão composto, e não se offenda a mo-  
 destia com huma só expressão menos casta. Eis-aqui  
 porque sem respeito nenhum a Horacio omittimos  
 huma inteira composiçáo que elle não devia ter fei-  
 to, vem a ser o Epodo 12.<sup>o</sup>

*Quid*



*Quid tibi vis Mulier nigris dignissima Barris.*

Com a mesma liberdade , e com a mesma razão omittimos huma parte da Satira segunda do Livro primeiro , onde não podemos de sorte alguma lançar hum véo sobre as turpitudes , que o Poeta revélla sem pejo algum ; e nem por isto fica Horacio menos estimavel , e menos traduzido ; e podemos muito bem com estas mesmas mutilações , conseguir o fim que nós propozemos em o vulgarizar.

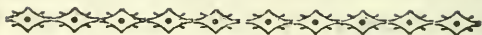
Resta dizermos alguma coisa sobre o trabalho da Traducção. Não ha por certo mister mais ingrato , e mais difficultoso , sempre o Original faz esquecer o Traductor , ainda que se conheça que o Copista teve mais trabalho na Traducção , que o Auctor na Composição. Isto se vê claramente na Traducção das Odes , não he traduzir em prosa , principiando , estendendo , e acabando quando querem , como fazem os Francezes , he traduzir literalmente , he ficar horas , e dias suspenso na escolha de frases , porque o que he elevado em Latim , he baixo em Portuguez ; he acabar-se a Estrofe Latina , e serem precisos ainda versos para se acabar a Estrofe Portugueza , e isto muitas vezes no fim da Ode ,  
ven-

vendo-nos obrigados a regeitar o que tínhamos feito, e comessar de novo ; he dar nobreza a composiçõens, que muitas vezes em Portuguez traduzidas literalmente ficarião intoleraveis, como o Epodo 3.<sup>o</sup> em que Horacio se queixa a Mecenas do guizado que lhe dera, temperado com muito alho. Mas em fim concluimos a Traducção mil vezes comessada, e mil interrompida ; ora alentados com a utilidade que resultaria da leitura, e melhor estudo de hum tão grande Poeta, ora desanimados com a difficuldade quasi insuperavel da Empreza. Conheço que a deixamos de todo vencida, mas ao menos deixamos a estrada já batida, para que outro mais feliz Engenho se aproveite de nossas mesmas faltas, erros, e imperfeiçoens para o fazer melhor. Deixaremos grandes margens em nosso Livro, para que á sua vontade, justos Censores possam escrever quantas anotaçoens quizerem, se forem sensatas aproveitarnos-hemos, se forem impertinentes, e maliciosas, o desprezo será a nossa desforra. Achar imperfeiçoens nos Homens, não he grande novidade, e enganar-se muitas vezes na intelligencia de composiçoens taes como as de Horacio, he condição de quem entra primeiro na Empreza de o traduzir em verso. As

As Notas melhores que até agora se conhecião, erão as de Bentheley, pois depois delle Alexandre Coningamio, descobriu nas mesmas notas, quatrocentos e tantos erros palmares.

*Inserere nunc Milibé Piros, pone ordine vites!*

Vão lá traduzir em verso com a presumpção de não errar huma só vez!



### A R T I G O III.

*Sobre a Vida, e Escritos de Horacio.*

**H**oracio se chama a si mesmo Quinto em a Satira 6.<sup>a</sup> do Livro segundo. Todos lhe chamão Horacio, e elle mesmo o diz em termos expressos na Ode 6.<sup>a</sup> do Livro quarto. Plutarco na vida de Lucullo lhe dá o nome de Flaco, e assim o declara o Poeta em o Epodo 15.<sup>o</sup> Foi a sua Patria a Cidade de Venuza, Colonia famosa dos Romanos na Apulia. Seu Pai, foi hum Escravo forro de baxa condição, e muito poucos bens, e sobre isto se pôde ver a 4.<sup>a</sup>, e 6.<sup>a</sup> Satira do Livro primeiro, onde mostra em maravilhosos versos, qual seja o Pai de que cada hum devia desejar ter nascido. Alguns dizem que vendia sal, porém ha toda a razão para duvidar disto, porque Horacio o não teria dissimulado, antes expressamente nos diz na Satira 6.<sup>a</sup> do Livro primeiro, que era cobrador de impóstos públicos. He certo que nasceo dois annos antes da Conjuração de

Ca-

Catilina , que Cicero descobrio em o anno de seu Consulado , que foi o de 690 da fundação de Roma. Nasceo pois Horacio em 688 da fundação desta Cidade , no Consulado de Lucio Aurelio Cotta , e Manlio Torcato , como elle mesmo o declara na Ode 21.<sup>a</sup> do Livro terceiro , tempo em que tanto florecião em Roma , na Poesia , Catulo , Licinio , e Cina , na Eloquencia Cicero , Hortencio , e Quinto Catulo , na Filosofia , Varrão , e Nigidio Figulo.

Sendo ainda Menino foi trazido a Roma , para que se instruisse nas Letras. Seu Pai empregava nisto sumo cuidado , conduzindo-o elle mesmo ás Escolas públicas , como se vê pela Satira 6.<sup>a</sup> do Livro primeiro , e 2.<sup>a</sup> Epistola do Livro segundo , onde diz que vivêra em Roma 41 annos , que aprendera de cór a Iliada de Homéro , sem nos dizer quaes forão seus Mestres , ainda que na 1.<sup>a</sup> Epistola do Livro segundo nos declara que os versos de Lucio Andronico , antigo Poeta Latino , lhe forão dictados pelo Gramatico Orbilio , a que o Poeta chama *Plagiosus* , Espancador. Este Orbilio viveo em Roma , no Consulado de Cicero , como nos diz Suetonio. Horacio aproveitando muito no Estudo das Letras , porque de tudo era capaz seu grande Engenho , de-

ter-

terminou sahir de Roma, e hir para Athenas, para ouvir de perto os maiores Filozofos, e sobre tudo os da Seita de Epicuro, cuja doutrina parece haver seguido, como se collige daquelles dois versos da Epistola 4.<sup>a</sup> do Livro primeiro.

*Me pinguem et nitidum bene curata cute vises,  
Cum videre voles Epicuri de Grege Porcum.*

Em Athenas se deixou arrebatado do Turbilhão das Guerras civis, tomando o partido de Bruto, e Cassio. Achou-se na Batalha de Filippo, sendo de 23 annos de idade. Inlga-se que fôra Tribuno, porque na Satira 6.<sup>a</sup> do Livro primeiro, diz a Mecenas, que occupára este posto.

Pela Epistola a Julio Floro, sabemos, que depois desta desgraçada Batalha, se entregára de todo ao estudo da Poesia, e nos diz na Ode 7.<sup>a</sup> do Livro segundo, que perdêra o Escudo, e que depois disto, renunciára de todo o mister das armas. Neste mesmo lugar falla do perigo que corrêra em seu Naufragio, jntto ao Cabo Palinuro.

Mecenas célebre valido de Augusto, foi seu particular amigo, e Horacio confessa francamente na

Satira 6.<sup>a</sup> do Livro primeiro , que era devedor de muitos beneficios á liberalidade desta illustre Personagem , que o acharia sempre prompto a lhe liberalizar maiores bens ainda , se mais desejasse. Na Epistola 7.<sup>a</sup> louva , e celebra suas virtudes , e lhe diz , que podendo contar os Reis de Toscana entre seus Avogengos , se contentára com a simples qualidade de Cavalleiro Romano , Mecenas favorecia as Letras , e protegia os Homens dados a ellas , eis-aqui porque o Horacio nas Odes 16.<sup>a</sup> do Livro primeiro , e 29.<sup>a</sup> do Livro terceiro , e no 1.<sup>o</sup> Epodo o chama seu soccorro , sua gloria. Honrava o dia dos annos de Mecenas , como hum dia sagrado , e festival. Viveo pois com Mecenas muitos annos em íntima familiaridade , o que se vê em diversos lugares de suas obras , e particularmente na Satira 6.<sup>a</sup> do Livro segundo.

Teve Horacio huma pequena Fazenda no Territorio dos Sabinos , que elle descreve , e pinta muito agradavelmente na Epistola 16.<sup>a</sup> a Quinto , e vemos pela Satira 2.<sup>a</sup> do Livro segundo , e pela Epistola 10.<sup>a</sup> a Aristio Fusco , que com muito gosto se retirava dos motins da Cidade , para passar no Campo , onde tinha huma vida tranquilla , e socegada , go-  
zan-

zando verdadeiras delicias , e pondo-se a cuberto da inveja , e inquietaçoens importunas , o que nos dá a conhecer que elle não era menor Filosofo , que Poeta , não querendo jámais exercitar emprego público , como quereria officios na República , hum Homem que não quiz ser Secretario de Augusto Cezar ?

O mais claro testemunho que podemos ter das suas Letras , Sciencias , e boas qualidades , he a estima em que o tiverão as Pessoas de seu tempo mais recommendaveis por letras , virtudes , auctoridade , e riquezas. Elle escrevia com muita familiaridade a Marco Vepsanio Agripa , como se vê pela Ode 6.<sup>a</sup> do Livro primeiro. Que diremos de Julio Antonio , Filho do Triunvir , de Assinio Polião , de Vario de Messalla , de Julio Floro , de Torcato , Maximo , Lolio , e Elio , e outras Personagens principaes do Imperio , com quem vivia familiarmente , como nos dizem seus versos ! Porém a amizade que elle mostra estimar mais , he a de Virgilio , chama-lhe a metade da sua alma. Virgilio , e Vario , o introduzirão ná amizade , e lhe grangearão a protecção de Mecenas. Estimou muito Valgio , Poeta célebre de seu tempo , como se vê pela Ode 9.<sup>a</sup> do Livro segundo. Julga-se que Tibulo fôra tambem seu ami-



go , pela consolação que lhe derige na Epistola  
4.<sup>a</sup>

Ovidio falla de Horacio com muita distincção , chamando-lhe harmonioso , capaz de deleitar ouvidos sabios , porém Horacio não diz huma palavra só a respeito de Ovidio , assim como a respeito de Cicero , ambos seus contemporaneos . Nisto não podemos desculpar Horacio , tanto póde a dependencia até na alma de hum Filosofo tal como Horacio , não quiz certamente desgostar Augusto , fallando em dois Romanos de tanto merecimento , como o maior dos Romanos , qual era Cicero , e o mais delicado , engenhoso dos Poetas , qual era Ovidio , porque Octaviano não gostava delles . Outro tanto não faria Juvenal , que eu prefirirei sempre a Horacio pelo lado da Moral .

Horacio nos diz em muitos lugares de suas Obras , que passára a vida gostosamente , satisfeito da sua condição , louvando o repouso , o asseio da Meza , e o bom vinho com seus amigos , desprezando o luxo , e grandes riquezas , como se vê nas Epistolas 1.<sup>a</sup> , 14.<sup>a</sup> , 15.<sup>a</sup> , e 18.<sup>a</sup> do Livro primeiro . Do que elle diz a Tibulo , que viria nelle hum Porco do Rebanho de Epicuro , muitos inferem , que era

gordo, mas elle diz na Epistola 20.<sup>a</sup>, que era magro, pequeno, e delgado. Confessa na Sátira 5.<sup>a</sup> do Livro primeiro, que padecia huma Fluxão nos olhos, e que se servio do Colirio. Suetonio, e Eusebio nos dizem que morrêra de idade de 57 annos, no Consulado de Marco Censorino, e Caio Assinio Galo, que foi no anno de Roma 747, no mesmo anno morreo Mecenas.

Não só ao modo Poetico se promette huma gloria imortal pela excellencia de seus versos na Ode 30.<sup>a</sup> do Livro terceiro; porém na Ode 4.<sup>a</sup> do mesmo Livro, diz que fôra amado das Musas desde a sua Infancia; e na Ode 20.<sup>a</sup> do Livro segundo nos diz, que será mudado em Cisne para voar pelo Universo.

A variedade das Odes, e de todas as Poesias de Horacio he maravilhosa, a escolha que faz de palavras he incomparavel. Todos os seus pensamentos são delicados, tudo diz a proposito, misturando nos Assumptos que trata, Sentenças gravissimas, e algumas vezes digressoens excellentes, como a das Danaides, de Europa, de Alceo, e Sapho, das Ilhas venturosas, da morte de Asdrubal, de Regulo, dos Gigantes, de Belorofonte, e outras Fabulas, e His-

terias que tóca em outros lugares muito agradavelmente. Quintiliano nos diz , que Horacio entre os Liricos he quasi o unico digno de ser lido , porque muitas vezes se eleva , introduzindo com felicidade inumeraveis maneiras de se explicar inteiramente novas. Accrescentando , que o seu modo de escrever , he o mais puro , e judicioso. Persio falla delle com grandes elogios.

Dos que escrevêrão Comentarios , e observaçoens sobre as Obras de Horacio , não ha outro mais judicioso , segundo entendemos , que Dionizio Lamábino. Fez muitas correcçoens importantes , tanto nas Edicçoens antigas , como nas Obras manuscritas do nosso Poeta. Cumpre com tudo confessar que lhe derão muitas luzes aquelles , que o precedêrão neste mister como Helenio Ancron , e Profirião , as Notas , e observaçoens de Emilió , de Julio Modesto , e de Terencio Escauro. Os Comentarios de Jorge Fabricio , de Kemenicio , de Christovão Landino , de Francisco Luizino , de Jaques Griseville , de Jason de Nores da Ilha de Chipre , sobre a Arte Poetica , de Erasmo , de Aldo Manucio , de Celio Rhodigno , de Angelo Policiano , de Coccio Sabelico , de João Baptista Pio , de Jaques da Cruz , de Pedro Crinito ,

de Henrique Glareano, de Francisco Robortello, de Ascencio Badio. Todos estes contribuirão para os grandes Comentaríos, e claríssimas Anotações do grande Filologo Dionizio Lambino.

Depois deste, muitos outros exercitááo seu engenho, e letras na exposição de Horacio, entre outros, os incomparaveis em saber, e Eloquencia Julio Cezar Scaligero, Adrião Turnebo, Muretó, Janus Dousa Holandez, Lipsio, Livino Torrencio, Pedro Nanio, Daniel Heincio, Thomás Bernardino, Parthenio, Federico Ceruto, que fez humã Paraphraze Latina; assim como Eirardo Lubino, Tetero, e João Bond Holandez, de cuja Edicção em 24.º nos servimos para esta Traducção, pela julgarmos a mais correcta, e na qual se não encontra hum só erro Typografico, a que possuímos he impressa em Amsterdão na Officina de Blaeu, no anno de 1650. Depois destes ha outros mais Comentaríadores, e Edictóres de Horacio, em quem se observa hum grande cuidado na exactidão do Texto, como he a Edicção de Cuningamio. Deixámos de fallar nas Impressões de Luxo, que continuamente se fazem em Inglaterra, para não eternizarmos a Prefação. Os curiosos as poderão ver nos Gabinetes de

de alguns Bibliomaniacos, onde para seus Possuidores vivem eternamente fechadas.

Os testemunhos dos Auctores antigos sobre o merecimento de Horacio são muitos, e sabidos. Ovidio, Persio, Quintiliano, Sidonio Apolinar, Ausonio fallão com distincção neste Poeta. Nós acrescentaremos hum que talvez haja sceapado:

*Elii Lampridii ex Alexandri Severi vita.*

*Latina cum legeret, non alia magis legebat; quam de Officiis Ciceronis, et de Republica. Nonnunquam et Oratores, et Poetas, in quibus Serenum Sammonicum, quem ipse noverat, et dilexerat, et Horatium.*

Journal

Monday, 1st of May 1861  
Left London at 10 AM for  
Oxford. Arrived at 6 PM.  
Spent the evening at the  
Oxford Hotel. The weather  
is very fine and the  
scenery is beautiful.

Tuesday, 2nd of May  
Visited the Bodleian  
Library. The collection  
is very extensive and  
well arranged. The  
staff are very friendly  
and helpful.

Wednesday, 3rd of May  
Spent the day at the  
Oxford Museum. The  
collections are very  
interesting and well  
displayed.

Thursday, 4th of May  
Visited the Oxford  
University. The  
buildings are very  
impressive and the  
atmosphere is very  
pleasant.

## LIVRO PRIMEIRO.

## O D E I.

*A Mecenas.*

**M**eu illustre Brazão, meu firme amparo;  
 O' Prole de Monarcas, ó Mecenas!  
 Quantos verás, a quem sómente agrada  
 Erguer nuvens de pó no Olympio Estádio:  
 Se a méta esquivão co'as ferventes rodas,  
 Ao empunhar das palmas, se contemplão  
 Iguaes aos Numes, Arbitros do Mundo.  
 Dos inconstantes filhos de Quirino  
 Se a Turba elleva a triplicadas honras  
 Este, e se aquelle se compráz sómente  
 No celleiro juntar quanto debulhão  
 As eiras Africanas; cultivando  
 Co' liso ferro seu Casal paterno,  
 Nem d'Attalo c'os cofres o obrigáras  
 De Créta o mar fender em Cyprio Lenho;  
 Pávido Mercador, que se recêa  
 Do Sul raivoso nas Icárias ondas,  
 Louva o Clima natal, louva o descanso;  
 Mas logo espalma os destroçados Lenhos,  
 Mal soffrendo da Inopia a tôrva fronte.  
 Outro c'o antigo Mássico-espumante

Se apraz encher do dia inteiras horas,  
 De verde Arbusto reclinado á sombra;  
 Ou junto ao sossurrante, e sacro arroyo.  
 Outro só gosta do fragôr da guerra,  
 Do marçio som do Pifano, e Trombeta,  
 Que as amorosas Mâis tanto detestão.  
 Da terna esposa deslembado, véla  
 O Caçadôr ao frígido relento,  
 Se os fidos Caens a Côrsa farejarão,  
 Ou Março Javali lhê rompe as redes.  
 A douctas frentes reservados premios,  
 Aos Immórtaes as Héras me emparelhão:  
 Separão-me do Vulgo a Sélva umbrosa,  
 E as Choréas dos Satyros, e Nynfas;  
 Se de Euterpe a sabôr, e de Polymnia,  
 Empunho a fruta, e o Lésbico alaúde:  
 Mas se aos Lyricos Vates tu me agrégas,  
 Ver-me-has, Mecenas, revoar nos Astros.

\*\*\*\*\*

O D. E. II.

*A Cezar Augusto.*

**A** Ssáz frígido Gello,  
 Devastador Granizo  
 Irado Jóve arremessou do Olympo:  
 Da rubra dextra desfexando raios,  
 Os Sacros Templos habateo, e as Aras,  
 E encheo de espanto de Quirino os Muros.

Te-



Temeo a afflicta Gente,  
 Que lhe tornasse a Idade  
 De que se queixa magoada Pirra  
 De ver monstros crueis, quaes nunca víra,  
 Quando levou Proteo o equoreo Gado  
 Por cima das Montanhas pedregosas.

Pelas cimas dos Olmos  
 Os Peixes se prendêrão,  
 Morada hum tempo das mimosas Pombas;  
 E as pavorosas Côrsas dividirão  
 As espriadas furibundas ondas  
 Do Mar, que além dos térmios corrêra.

Vimos o loiro Tibre  
 Co'as vagas enróladas  
 Em furia refluir do mar Tyrreno,  
 Do justo Numa derrubar, correndo,  
 A antiga habitação: co'a mesma furia  
 O Sacro Templo arruinar de Vésta.

Assim presume o Rio;  
 Da consternada Esposa,  
 Que inda se queixa em vão, vingar a offensa;  
 Corre furioso pela esquerda margem,  
 As ribas excedendo, em quanto Jove  
 Tamanha furia lhe reprova irado.

A muito diminuta  
 Florente Juventude,  
 Dos crimes de seus Pais victima infausta,

Hum dia escutará como empunharão  
Contra seu peito os Cidadãos a espada;  
Que contra os Pérsas empunhar devêrão.

Qual dos Numes devemos  
Chamar do excelso Olympo,  
Que seja esteio ao vacilante Imperio?  
Com que Cançõens, e sacrosantos Hymnos  
Deverão puras, candidas Donzellas  
A gram Vêsta invocar, já surda aos votos?

Qual dos Numes celestes  
Jóve dos Ceos envia  
Nosso crime expiar? Desce ligeiro,  
O' fatidico Apólo, e nossos votos  
Escuta de huma vez; desce, e nos hombros  
Candidos lança o refulgente manto.

Désce com meigo aspécto  
Ou tu, Venus rizonha,  
A cujo lado o Rizo, e as Graças vôão.  
Ou tu, Marte feróz, se inda piedoso  
Volves da Esféra luminosa os olhos  
Aos desprezados teus miseros Filhos.

Assáz de crébras lides  
Já faltar-te devêras,  
Tu, que te aprazes do clamôr guerreiro;  
Dos lisos Elmos, e de ver o rosto  
Do Soldado Africano, quando em campo  
Abate o féro Imigo, enyôlto em sangue.

Mudada a alada fórma,  
 Se de hum lindo Mancebo  
 Imitas o semblante, ah! vem, Mercurio;  
 Da clara Maia divinal Progenie:  
 Digna-te ser, se as súplicas escutas,  
 Digna-te ser o vingador de Cezar.

E muito tarde vólta  
 Ao refulgente Olympo,  
 E lédo permanece, e lédo mora  
 Entre os afflictos Filhos de Quirino;  
 Inda que irado contra os vícios nossos,  
 Não fujas d'entre nós, qual foge o vento.

Aqui grandes triunfos  
 Do peito préza, e ama:  
 Digna-te ser chamado o Pai da Patria,  
 O' Monarca, ó Senhor, e não consintas,  
 Cezar, que impunes campeando insultem,  
 A augusta Roma os Cavalleiros Médos.

\*\*\*\*\*

### O D E III.

*Ao Navio, que conduzia Virgilio.*

**P**O'ssão de Chypre a poderosa Deosa,  
 E de Helena os Irmãos, lucidos astros,  
 E o Pai dos Ventos governar-te, ó Lenho,  
 A quem Virgilio se confia: póssa

Fazer que assópre só d'Apulia o Vento;  
 Por que intacta, e segura,  
 Essa metade de minha alma leves  
 A ver d'Athenas as tranquillias praias.

Tinha por certo circundado o peito  
 De triplicado bronze, e ferro aquelle,  
 Que ao truculento mar lançou primeiro  
 Fragil ligeira náó, sem ter receio  
 Da crua guerra dos oppostos ventos,  
 Nem das Hyades tristes,  
 Ou furia insana de raivoso Nóto,  
 Do Adriático mar déspota horrendo.

Que genero de morte pôde aquelle  
 Temer, que a seccos olhos, vio nadando  
 Por entre as vagas tímidas os Monstros?  
 Que vio sem medo Acrocerauneas Róchas?  
 Debalde Deos, da Terra o Mar separa,  
 O Mar insociavel,  
 Se as sacrilegas náos transpõem, sem pejo,  
 Os já prescriptos terminos vedados!

Dos transe todos soffredor teimoso,  
 Corre por elles o Mortal aos crimes,  
 E Prometheo sacrilego no Mundo  
 O fogo introduzio, roubado aos Astros:  
 De Males hum tropel desceo com elle,  
 Males não vistos d'antes:  
 Se era tardo até alli o extremo golpe,  
 Entáo foi prompta em nos ferir a Morte.

Dédalo então, co'as inconcessas azas  
 Aos miseros Mortaes, girou nos ares:  
 Então com força insolita do Inferno  
 Valente Alcides despedaça as portas.  
 Nada he difficil aos Humanos! Loucos  
 Contra os Ceos se conjuráo,  
 E não consentem que deponha Jove  
 Das mãos iradas furibundos raios.

\*\*\*\*\*

#### O D E IV.

##### *A Publio Sexto.*

**J**A' foge o duro Inverno, e volta alegre  
 Nas azas do Favonio a Primavera:  
 Ao fundo Pégo as Maquinas conduzem  
 Os Baixeis, que varárão.  
 Deixa o Gado os curraes, e deixa o Fogo  
 O Lavrador contente; por que observa  
 Livres do Gello os campos dilatados.

A' frouxa luz da prateada Lua,  
 Conduz das Nynfas Cytherea os Chóros;  
 Vem com ellas as Graças, e alternadas  
 A dura Terra pizão;  
 Em quanto anda Vulcano, envôlto em chamma,  
 Aos hórridos Ciclópes accendendo  
 As affumadas, tristes Officinas.

'Agora cumpre de cheirosas flores ;  
Que já brótão da terra , ou verde Murta  
Ornar , cingir a nítida madeixa :  
Ora offertar se deve  
Ao caprípede Fauno em denso Bosque  
As promettidas victimas , ou queira  
Tenro Cabrito , ou mansa Cordeirinha :

Com seu pé sempre igual , pálida Morte  
A's portas das Choupanas , e Palacios .  
Eis bate imparcial. Sexto ditoso ,  
Da passageira vida  
O leve curso , longas esperanças  
Formar nos véda ; a Noite se aproxima ;  
Já , já te aguardão fabulados Manes .

E de Plutão sombrio a estreita Casa  
Já te espera tambem : subito entrares ,  
Não serás mais o Arbitro do Vinho ,  
Tirado em léda Sorte :  
Não verás mais de Licidas o rosto ,  
Que a Juventude férvida namora ,  
Por quem as Môças arderão de amores .

\*\*\*\*\*

O D E V.

*A Pirra.*

**Q**ue delicado Mõço,  
De recedentes balsamos banhado,  
E ornada a frente de purpureas rosas,  
Comtigo foge, ó Pirra,  
A' grata sombra de escondida Gruta?  
E por quem roucas a madeixa loira?

Tu sem pompa formosa,  
Tu bella lhe parecez?... Quantas vezes  
Verá quebrada a Fé, que hoje lhe juras,  
Inexperto observando,  
Co' sôlto vento da inconstancia tua  
Revôlto o mar, que socegado corta!

Elle, incauto, imagina  
Que ha de ser d'outro amor teu peito intacto,  
Elle, que hoje te abraça, e cégo espera  
Que não serás mudavel....  
Ah nescio! Inda ha de ver fugir, qual vento,  
Os inconstantes feminis favores?

Desgraçado daquelle,  
A quem tão bella, falsa não parecez!  
Do Sacro Templo o muro, onde pendente

Tenho o Painei votado,  
A todos mostra que offertára ao Nume,  
Ensopados, vestidos na tormenta.

\*\*\*\*\*

O D E VI.

*A Agripa.*

**C**Om voz altissonante,  
Digna da argentea Homericã Trombeta,  
Só Vario aos astros levará teus Feitos,  
Teus Loiros triunfaes, e as nobres Palmas,  
Que teus Soldados alcançárão, quando  
Mandas-te as Legioens no Mar, e em Terra.

Eu não me atrevo, Agripa  
Expôr, cantando, a cólera de Achiles,  
Nem os trabalhos do sagaz Ulysses  
No plano extenso dos ceruleos mares:  
Nem a vingança do ceileste braço  
De Pelope, e d'Atreo na infame Casa.

Froxo, a tanto não chego:  
Suspende-me o Rubôr, e a fragil Musa  
Co' a Lyra inibe a tanto não se atreve;  
E nem devo apoucar com fraco Engenho  
O brado excelso das virtudes tuas,  
E as de Cezar, magnanimas Façanhas.

Quem



Quem com senoros versos ,  
 Póde cantar do formidavel Marte  
 O ferreo Escudo, a Malha diamantina?  
 E Merião de Teucro pó coberto?  
 As implacaveis iras de Diomédes,  
 A quem torna Minerva igual aos Numes?

Eu de cuidados sôlto ,  
 Apenas canto festivaes Banquetes,  
 Os combates das tímidas Donzellas,  
 Que do Moço atrevido o rosto ferem:  
 E inda que arda de amor na chamma immensa,  
 Sempre voluvel sou, sempre inconstante.

\*\*\*\*\*

O D E VII.

*A Numacio Planco.*

**Q**UANTOS a Ródes tecerão louvores,  
 A Mitelene, a E'fezo, e Corintho  
 De dous mares cercada,  
 Que em torno abração torreados Muros!  
 Outros só louváo a soberba Thebas,  
 A fatidica Delfos, a quem tanto  
 Honraráo Fébo, e Bacho,  
 E a fresca Tempe de Tessalia ornato!

Exaltaõ outros a famosa Athenas,  
 Da intacta Pallas protegida sempre:

E cantão em seus versos  
 A verde Oliva dos Heroes ornato.  
 Outros em honra da soberba Juno,  
 Louvão Argos, Missenas opulenta,  
 Que fervidos Ginetes  
 Cria, apascenta nos viçosos campos.

Mas nem da austera, soffredora Esparta;  
 Nem de Larissa as copiosas Mésses,  
 Tanto agradar-me podem,  
 Quanto de Albunea as ressonantes grutas,  
 Quanto me apraz do rápido Anienno  
 A clara linfa, os lagos transparentes,  
 Os Tiburtinos Bosques,  
 E os amenos Jardins, que as agoas cortão.

Bem como o Nóto, que dos Ceos desterra  
 A tempestade sôlta, as nuvens negras,  
 Assim, prudente Plânco,  
 Affôga em vinho os túrbidos cuidados:  
 Desterra a vil tristeza, e torna leve  
 Da vida o pezo, ou denodado sigas  
 No campo o féro Marte,  
 Ou nos Bosques de Tivoli repouzes.

De Salamina desterrado Teucro,  
 Fugindo o austero Pai, diz-se que ornára  
 De verde chôpo a frente,  
 Assim bradando aos pávidos amigos:  
 Vamos onde nos chama hoje a Fortuna,  
 Mais branda, que meu Pai, e em vosso peito

Nutrí doce esperança,  
Em quanto Teucro vos defende, e guia.

Esforçados Guerreiros, quantas vezes  
Móres males comigo suportasteis!  
Apólo me affiança  
A fundação de nova Salamina:  
As mágoas desterrai; duras fadigas  
Sepultai no Licôr do alegre Bromio,  
A' manhã sulcaremos  
No procelloso Mar de novo as ondas.

\*\*\*\*\*

O D E VIII.

*A Lidia.*

**E**U te conjuro pelos Numes todos,  
Que me digas, ó Lidia,  
Por que motivo queres  
Perder o gentil Sibaris de amores?

Do Marcio campo se enfastia, e foge,  
Elle, que duro, e forte,  
Paciente soffria  
O enovelado pó no ardor da calma!

Já não sopêa o fêrvido Ginete  
Entre os iguaes na Idade,

Co' bronzeado freio  
Regendo a seu sabôr o incerto passo.

Já nadando não corta ao Tibre as ondas,  
E na valente luta  
Temer banhar em oleo,  
Como em sangue de viboras, seus membros.

Nem traz pizados, de vestir as armas,  
Os musculosos braços,  
Elle, que tão louvado  
Lançando o Disco foi, brandindo a Lança!

Por que se esconde, dize, qual o Filho  
Da marítima Thetis  
Nos dizem se escondêra  
Antes que Troia se tornasse em cinzas!

Para que as véstes de gentil Mancebo  
Aos olhos o roubassem,  
E assim levar não fosse  
Aos Lícios Esquadroens o ferro, e a morte.

\*\*\*\*\*

O D E IX.

*A Taliarco.*

**O**Lha como branqueja ao longe a néve  
Na espadua do Soracte, e como as Selvas  
Mal sustentão, gravadas,  
Da néve o pezo, que lhe escarcha os Troncos.

Observa os Rios na carreira prezos,  
O' Taliarco! Próvido affugenta  
Os rigores do Inverno,  
Fazendo arder no lar, não parco a lenha.

Dos Sabinos Toneis extrae a farto  
Almo Licôr que afferrolhado víra  
Passar quatro vendimas,  
E larga o resto aos providentes Numes.

Se elles o vento impetuoso enfreão,  
Que no fervido Mar sôlto bramia,  
Já não vérgão os Ramos  
Do açoitado Cypreste, e Freixo antigo.

Não queiras indagar quanto se envolve  
Entre os véos do Futuro. Eia, aproveita  
Os dias, que a Fortuna  
Te permite lograr na curta idade.

Goza do Filtro da Belleza, goza  
Nã leda Juventude a Dança, o Canto,  
Em quanto, inda tardia  
Velhice Amorosa ao longe aponta.

Retorna voluntario ao Marcio campo,  
Ao Circo volta; ao escorregar das sombras,  
Aos amantes colloquios  
Nas aprazadas horas não te esquives.

Retorna ao riso delator da Mõça,  
Que no recanto se te esconde: e busca  
A prenda, que ella deixa  
Tirar do braço, ou mãos não pertinazes.


\*\*\*\*\*

O D E X:

*A Mercurio.*

**O** Progenie de Atlante, õ tu Mercurio,  
Facundo Numen, que aos Mortaes primeiros  
Selvaticos costumes  
Podeste amaciar com doce Canto,  
Da lucta varonil co'as Leis, e exemplo.

Serás dito em meus versos Mensageiro  
Do Grande Jove, dos potentes Numes,  
E da encurvada Lyra



O primeiro Inventor. Festivo, e cauto  
Para esconder sagaz, jocoso furto.

Quando Apolo intentou com voz severa  
Tenro, mimoso Infante intimidar-te,  
Se roubados do Armento  
Os Toiros lhe não desses, rio gostoso,  
Sentindo menos a sonora aljava.

Conduzido por ti Priamo pôde  
Sahir dos muros da cercada Troia,  
E os ferozes Atrides,  
O Thezalico fogo, e a vigilante  
Guarda pôde enganar, seguro, e livre.

Tu justas almas aos Elysios guias,  
Das leves sombras o esquadrão governas  
Com o caduceo doirado:  
Hes agradável aos Supremos Numes,  
Ou governem no Olympo, ou no Acheronte.

\*\*\*\*\*

O D E XI.

*A Leoonidis.*

**A**H! Não procures indagar que termo  
Tenha prescripto o Fado a nossos dias;  
Vedado he saber tanto:  
Os Vaticinios Babylonios deixa,

Para aprender a sopportar constante  
Os assintes da Sorte.

Ou Jove te destine mais Invernoso  
A' curta Idade, ou seja o derradeiro,  
Este, que ao Mar Tirreno  
As furias quebra nas oppostas Róchas,  
E nelle a Parca inexoravel fêxe  
O círculo da vida.

Se hes prudente, se hes cauta, arraza as Taças  
De doce vinho, apouca as Esperanças  
Em duração tão breve.  
Em quanto assim discorro, a Idade foge:  
Aproveita o presente, e não confies  
Crédula no Futuro.

\*\*\*\*\*

O D E XII.

*A Augusto.*

**Q**ue Heroe, ó Clio, que Mortal famoso  
Hoje cantar destinas?  
Na doce frauta, ou na sonora lyra?  
Qual dos supremos Numes  
Deve escutar os écos de seu Nome,  
Ou nos umbrosos serros  
Do Pindo, do Eliconio, ou Emo algente,  
Onde os virentes Bosques



A voz seguirão do cantor de Tracia,  
 Que os Rios caudalosos  
 Com arte Maternal suspender pôde,  
 E o impeto dos ventos,  
 A quem, como se ouvissem, attrahidos  
 Do som da eburnea lyra,  
 Os agrutos carvalhos escutarão.  
 Porém a quem primeiro  
 Devo louvar em meus cadentes versos  
 Que ao A'rbítro do Mundo,  
 Ao Supremo Poder, que os Numes rege;  
 Os Humanos Destinos,  
 A Terra, o Mar, as Estaçoens, e Tudo?  
 Nada pôde crear-se,  
 Que igual lhe seja, que segundo exista:  
 Depois d'elle, com tudo,  
 De grande, alto louvor Palas he digna.  
 Não deixarei teu Nome  
 Em culpado silencio, ó Bacho invicto;  
 Da caçadora Deosa  
 O louvor cantarei. Do loiro Apolo  
 As infalíveis sétas,  
 E de Alcides também. D'ambos os Filhos  
 De Léda enobrecidos,  
 Hum no manejo do feroz Ginete;  
 Outro na forte lucha:  
 Pois quando ao Nauta tímido apparece  
 A refulgente Estrella,  
 Nas praias adormece o Mar cavado,  
 As ondas se aquietão,  
 Fogem as Nuvens, emudece o Vento:

Tanto poder conservão!  
 Mas depois d'elle, Rômulo decanto,  
 E o pacifico Imperio  
 De Pompilio tambem, e o Sceptro activo  
 Do soberbo Tarquinio:  
 Do inflexivel Catão levo ás Estrellas  
 A morte generosa;  
 E o grão nome de Régulo, e de Escauro;  
 De Paulo sempre invicto,  
 Tão pródigo da vida, quando vence  
 A pérfida Cartágo:  
 De Fabricio frugal, do grande Curio  
 D'empessados cabellos,  
 Mas na Guerra esforçado: e de Camillo  
 A rígida Pobreza:  
 A todos estes produzio pequeno  
 Lar, e mesquinha Herança.  
 A Fama de Marcello medra, e cresce,  
 Qual arvore fecunda:  
 Entre todos de Julio a Estrella brilha,  
 Qual brilha a prateada  
 Lua entre os Astros, que menores girão.  
 O' Protector, ó Nume,  
 Progenie de Saturno, que defendes  
 Os míseros Humanos!  
 Derão-te os Fados o sublime emprego  
 De proteger a Cezar:  
 Tu primeiro do Mundo o Throno occupa,  
 E Cezar o segundo;  
 Ou elle em justa Lide os Parthos vença,  
 Que o Lacio ameaçavão,

!Ou já nos Climas do vencido Oriente  
Vença os Séras, e os Indes:  
As rédeas tome do terreno Imperio,  
Em quanto Tu primeiro  
Fazes tremer o refulgente Olympto  
No coche magestoso,  
E contra os Bosques profanados lança  
Os crepitantes Raios.

\*\*\*\*\*

O D E XIII.

*A Lydia.*

**Q**Uando louvas, ó Lydia,  
De Télefo o gentil rozado Cóllo  
Os torneados braços,  
Meu coração em cólera se abraza,  
E a negra Bilis nas entranhas ferve.

A Razão me abandona,  
Foge do Rosto a côr, e hum frio pranto  
Escorrega nas faces.  
Ah! quanto indica devorante chamma,  
Que dentro de meu peito eprénde, elavra!

Ardo em chammãs, se vejo  
Pelo teu cóllo de alabastro impréssos  
Os signaes desgraçados

Des-

Desses transportes, que excitára o vinho,  
Ou nos labios de purpura os descubro:

Indignos caractéres  
De hum indiscreto amor. Ah! nunca esperes  
Que seja invariavel  
Quem póde ser cruel, que offende aquella  
Bôca, onde Venus nectares derrama?

Felizes muitas vezes  
Sómente aquelles são, cujo amor puro  
Une em perpetuos laços,  
Sem que o desgosto, o dissabor os solte  
Antes do extremo, inevitavel golpe!

\*\*\*\*\*

## O D E XIV.

*A' Republica, sobre a Guerra Civil.*

**O** Desgraçada Náo, que novas ondas  
De novo aos mares férvidos te levão?  
Que fazes, imprudente! ah! vem depressa  
Acolher-te no Porto!

Já trazes o costado aberto em rombos,  
Já navegas sem remos, já quebrado  
Teu Mastro foi dos insoffridos Ventos,  
E Tufoens Africanos.

Gémem-te, estalão-te as Antenas. Podes  
Sem Massame vogar? Acaso intentas  
Sem força resistir ao duro embate  
Do Mar imperioso?

Rotas as Vélas tens, e já na Popa  
Os Numes não existem, que tu póssas  
Na Tormenta invocar, quando te vires  
Sossobrada nas Ondas.

Sejas de hum nobre Bosque embora a Filha;  
Fosses, ah! fosses construida embora  
De Pinheiro do Ponto; em vão te jactas  
De tal Estirpe, e nome!

Jámais o Nauta tímido confia  
Nas entalhadas Popas: se não queres  
Ser ludibrio dos Ventos, não te arrisques  
A tentar novos mares.

Duro redio té agora me causavas;  
Mas já sinto temor: eu te conjuro  
Que as Cíclades evites, que espalhadas  
Pelos mares fluctuão.

\*\*\*\*\*

O D E XV.

*O Vaticinio de Nereo sobre a Ruina  
de Troia.*

**Q**uando o falso Pastor pelos extensos  
Mares levava Helena em Nãos, que forão  
No Ida fabricadas;  
Em não grato silencio os Ventos prende  
Nereo, que assim cantando lhe descobre  
Seus implacaveis Fados.

Quantos malles com tigo hoje conduzes  
A' casa Paternal! Armada a Grecia  
Com guerreiras Falanges,  
As tuas Nupcias desfará, e o antigo  
Imperio de Priamo.

Quanto suor já cobre, e quanto inunda  
Guerreiros, e Cavallos! Quanto estrago  
Tu, Barbaro, conduzes  
A' Geração de Dardano! Minerva  
O Morrião já fexa.

A Egide abraça, os fêrvidos Ginetes  
Raivosa ao carro ajunta; e tu soberbo  
Co'a protecção de Venus,

Teus

Teus ondados cabellos enastrando,  
Tanges a frouxa lyra.

Móles Cançoens entoarás, que podem  
Ser agradaveis ás Troianas Môças:  
Sobre teu brando leito  
Debalde evitarás guerreiras lanças,  
Duros farpoens Cretenses.

Debalde esquivarás veloz Aiáce,  
E dos Guerreiros o clamor horrendo;  
Até que torpemente  
O adúltero cabelo, ah tarde! vejas  
Manchado de poeira.

Não ves já perto de Laerte o Filho,  
Que á Patria te conduz o estrago, e a morte?  
Não ves Nestor prudente?  
O Salamino Teucro ás armas feito?  
E Stenelo famoso?

Se he preciso guiar falcados coches,  
Quem mais perito Auriga? Olha, conhece  
A Merião soberbo,  
E mais valente que Tideo, furioso  
Diomedes te busca.

Mas tu, qual Cérvo tímido, que observa  
No valle opposto o Lobo: destembrado  
Da relva humêdecida,

Ligeiro fugirás, mal respirando  
Na rápida carreira.

Não erão estas as promessas dadas  
A' requestada Helena: e se demora  
A colera de Achilles  
O dia infausto das Matronas Frigias,  
E a ruina de Troia;

Alguns Invernos passarão: de todo  
O Grezo Fogo em lastimosas cinzas  
Ha de deixar desfeitos  
Os doirados Palacios, que já forão  
De Troia os ornamentos.

\*\*\*\*\*

O D E XVI.

*A Tindaris.*

**T**U, Filha mais gentil, que a Mãi formosa,  
Eia, esqueção-te os versos criminosos,  
Partos do meu furor: lança-os no fogo;  
Ou, se te apraz, os lança  
Do Adriatico Mar nas bravas ondas.

Nem Pythio Nume, nem feroz Cibelle,  
Nem Bacho os Sacerdotes mais accende  
Em vivo Fogo; ou loucos Cōribantes

Com



Com mais furor arrufão  
Atroadores Timpanos sonoros:

Como da Raiva o ímpeto execrando,  
A quem Norica Espada rão suspende;  
Nem revoltoso Mar, ou Fogo ardente;  
Nem Jupiter irado,  
Vibrando com tumulto accezos Raios.

De Prometheo se diz que ao já vivente  
Mortal primeiro, que formou de Terra,  
De muitos Animaes uníra hum pouco,  
Mettendo-lhe no peito  
De hum Leão féro o coração raivoso.

Deo fim a raiva ao mísero Thiestes;  
E em cinzas transformou vastas Cidades;  
Sobre as ruinas de habatidos muros  
Fez passar lizo Arado  
Devastador Exercito insolente.

O teu furor, ó Tindaris, applaca;  
Eu delle fui a victima igualmente:  
Na minha Juventude incauta, e leve  
O furor me dictava  
Ligeiros Jambos contra ti vibrados.

Agora, ó bella Tindaris, procuro  
Mudar em meigas expreçoens os duros  
Opprobrios, que detesto: assim tu voltes,

Qual dantes me escutavas,  
A ouvir amante, e sustentar-me a vida.



O D E XVII.

*A mesma.*

**O** Veloz Fauno muitas vezes troca  
O Lyceo verdejante  
Do meu Lucretil pelo campo ameno,  
E nelle meus Rebanhos  
Defende cuidadoso  
Do quente Estio, dos chuvosos Ventos.

As petulantes Cabras, sem receio,  
Pelos quietos Bosques  
Do recatado arbusto as folhas comem;  
E os cheirosos Tomilhos,  
Alegres, e seguras,  
Nem de enroscadas Sérpes se receão.

Nem Lobos Marciaes a garra empolgão  
Nos tenros Cordeirinhos:  
Quando nos Montes, Tindaris, ressoão,  
Ou nos profundos Valles,  
E nas quebradas Róchas  
Da Frauta Pastoral doces assentos.

A minha Piedade apraz aos Numes,  
Os Numes me protegem;  
Dos meus cadentes versos se enamorão:  
Opulenta Abundancia  
Ha-de, ó Tindaris, dar-te  
Aqui do campo os bens com larga copia.

Aqui n'hum Valle retirado podes,  
A' sombra recostada,  
Esquivar-te ao furor de Sirio ardente:  
Do terno Anacreonte  
Podes cantar co'a lyra  
Da saudosa Penélope os tormentos:

Ou Circe amante do prudente Grego,  
Que, de amor inflammada,  
Geme, suspira em vão, e ao Mar se queixa:  
E podes do innocente  
Almo Licôr de Lesbos  
A' sombra despejar doiradas Taças.

C'o Filho de Seméle não mistura  
Aqui furioso Marte  
Seus cruentos estragos. Nem tu deves  
Aqui temer que Ciro  
Zeloso te maltrate,  
E as insolentes mãos te lance ao Còlo.

Que mais violento, e forte te espedace  
Nos doirados cabellos  
A Grinalda gentil, que os cêrca, e prende:

Que

Que te rasgue, iracundo,  
O vestido innocente,  
» Bello ornamento de teu corpo airoso.



O D E XVIII.

*A Quintilio Varo.*

**P**Rimeiro, ó Varo, que a sagrada Cepa  
Não disponhas outra arvore, nê m planta  
No viçoso Terreno,  
Que em Tivoli possues, e em torno á antiga  
Muralha de Catillo.

Mil pzares Tionêo permite aos sóbrios,  
Que humedecer não querem seccas fauces  
Com seu Licor fagueiro:  
Nem d'outra arte do peito se desterrão  
Os mordazes cuidados.

Quem, depois de beber, maldiz a Guerra,  
Ou sente o pezo da fatal Pobreza?  
Quem deixa de seguir-te,  
O' Padre Bacho, ó Graciosa Venus  
Entre as festivas Taças!

Mas não excedas, páreo, as justas métras  
Nas dadivas de Bromio; o exemplo brada  
Dos Lapitas ferozes

Em

Em sanguinaria Lide c'os Centauros  
Depois de éxhausto o Vinho.

E que liçoens não dão Scitonios Póvos  
A quem Bromio castiga, quando accezos  
Em Bachicos furores,  
Co'a perturbada Mente não distinguem  
O Crime da Virtude?

O' Bassareo sincero, não receies  
Que eu te provoque invicto, e que indiscreto,  
Revelé teus mysterios,  
Que os verdes, densos Pampanos encobrem,  
Ignotos aos Profanos.

Sésse o Tambor, a Berecinthia Fraura,  
A quem cêgo Amor proprio, e Gloria insana  
Vão seguindo de perto,  
Co'a vitrea Fé, que estólida pública  
Confiados arcanos.



O D E XIX.

*A Glicera.*

**D**E Amor a Mãi tyranna,  
E o Filho de Seméle,  
O ocio, a liberdade hoje me obrigáo

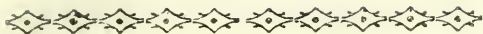
A submeter o Cóllo ao Laço, ao Jugo  
Do brando Amor, que abandonado havia:

De Glicera o semblante  
Mais puro, e refulgente,  
Que de Paros o marmore, me abraza:  
O seu desdem me inflamma, e aquelles olhos,  
Onde doces prizoens só vejo, encontro.

De todo no meu peito  
Se entranha a Cypria Deosa,  
E deixa o Templo, e vem, não me consente  
Que eu já nos versos meus dos Scitas cante,  
Ou féros Parthos, que fugindo atacão.

Não quer célebre a Gloria  
De seu Imperio alheia.  
Trazei vivos Torroens, Mancebos, ponde  
Verbena em torno delles, e aureas Taças  
Enchei de antigo, de espumante Vinho.

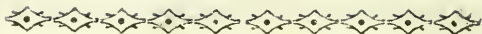
Talvez que meiga, e branda,  
A Bellã, que eu adoro,  
Depois do grato Sacrificio, venha:  
» E já não dura, meus suspiros oiça,  
» E escute o Voto, as Victimias accete. »



O D E XX.

*A Mecenas.*

**T** Erás , caro Mecenas ;  
 Não licor d'alto preço em vitreas Taças ;  
 Mas do humilde Sabino ,  
 Que eu guardo em Gregas Urnas arrolhado  
 Desde o festivo dia ,  
 Em que do Patrio Tibre ambas as margens ,  
 E o Vaticano Monte  
 Dé teu louvor os écos repetirão ,  
 Quando o Romano Povo  
 No grande Circo te applaudio contente.  
 Tu podes com grandeza  
 Beber do Vinho Cécubo , ou d'aquelle ,  
 Que no Lagar Calleno  
 Ha muito se expremeo ; pois não se arrazão  
 Os meus humildes Cópós  
 De Falérno c'os rúbidos Licores ,  
 Ou Nectar Formiano.



O D E XXI.

*Elogio de Apólo, e Diana.*

**D**Ai louvor, Castas Virgens, a Diana,  
Vós, Mòços, celebrai o intonso Apólo,  
E a Grão Latona, que o Supremo Jove  
Tanto do peito amára.

Cantai a Deosa, que se apraz dos Rios,  
Das verdes Balsas, dos cerrados Bosques,  
Que o frio Algêdo cobrem, o Erimanto,  
E a vicejante Licia.

Dai louvores iguaes á fresca Tempe,  
Mancebos, celebrai de Apólo o berço,  
Dellos, Patria do Nume insigne, e grande  
Nas Sétas, e na Lyra.

Com vossas préces commovido o Nume,  
Apartará do Povo de Quirino,  
E de Cezar tambem, da Patria Esteio,  
Os terriveis Flagellos.

Levará contra os Persas, e Britanos  
A lagrimosa Guerra, a Fome horrenda,  
E a Pestilencia, que conduz ao Mundo  
A Morte intempestiva.



\* \* \* \* \*

O D E XXII.

*A Fusco.*

O Constante Varão de intacta vida,  
E que a maldade, e vicio ignora, ó Fusco,  
Jámais carece de Africanas Lanças,  
Ou de Arco retorcido,  
Ou de prenhe Carcáz de ervadas Sétas.

Corra através das Syrtes estiuosas,  
Ou o inóspito Caucaso trasmonte,  
Ou já devasse as Regioens, que inunda  
O fabuloso Hidaspe:  
Marcha seguro, da Virtude armado.

Ha pouco hum Lobo nos Sabinos Bosques,  
Em quanto descantava a formosura  
De Laláge em meus Versos, livre, e sôlto  
De túrbidos cuidados,  
Prestes fugio de mim, que inerme estava.

A bellicosa Daunia igual protentó  
Em seus Bosques não cria, e nunca, eu fico,  
Pelos desertos áridos de Juba,  
As garras estendendo,  
Rugio Leão mais féro, ou Sérpe horrenda.

Leva-me aos Campos perguiçosos, onde  
Nem verde Planta, ou Arvore veceja,  
Com brando vento estivo recreada,  
E ás Regioens sombrias,  
Que em névoa ingrato Jove envolve, e abafa.

Leva-me ao Clima inospital, por onde  
Fébo o Coche conduz, proximo á Terra:  
Amando me acharás tranquillo, e lédo.  
A Laláge formosa,  
Ou ria, ou falle encantadora sempre.

\* \* \* \* \*

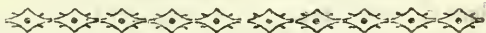
O D E XXIII.

*A Cloris.*

**F**Oges de mim, ó Cloris, mais ligeira,  
Que a timorata Corsa,  
Que busca a Mãi nos solitarios montes,  
Que até se assusta, e trême,  
Dos sussurrantes Ventos, e das Folhas.

Se o vão sópro dos Zéfiro menêa  
Os enramados Troncos,  
E se a Cóbria sagaz, passando, move  
As balsas enlaçadas,  
Frio, prompto tremor lhe agita os membros.

Eu não corro apóz ti, qual Tigre horrendo,  
Ou Leão de Getulia,  
Que iroso te atassalhe: e pois he tempo  
De dar a mão de Esposa,  
Tímida, os passos maternas não sigas.



O D E XXIV.

*A Virgilio.*

**P**Ode o Pejo vedar o amargõ chôro,  
Devido á morte de hum Varão tão caro?  
Sem fim dos olhos se debruce o Pranto.

Tu, Melpómene, entoa  
Lugubres Cantos; pois te afina a Lyra,  
E a voz te empresta o refulgente Apólo.

Somno eterno a Quintilio os olhos cerra?  
Quando o Rubôr singello, a incorruptivel  
Fé, da Justiça Irmã, quando a Verdade  
Verão igual na Terra?

Para todos os bons morte sensivel,  
» Foi lagrimosa de Quintilio a morte.

Ah! tu, mais que ninguem, deves carpilo!  
Mas teu amor, Virgilio, em vão supplica  
Quintilio aos Numes: nada alcançarias,  
Inda que a doce Lyra

Do brando Orfeo, que as arvores ouvião,  
Para o chamar do Averno, ora empregasses.

Não voltará seu sangue á sombra nua,  
Se Mercurio huma vez co'a horrivel vara  
Lhe assignalou lugar: he surdo ás vozes,  
E os Fados não se mudáo.  
He duro o golpe: mas á dôr, sem cura,  
Dá brando lenitivo a Paciencia.

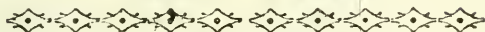
\* \* \* \* \*

O D E XXV.

*A Lidia.*

**N**ão tão frequentes atrevidos Mõços  
Nas cerradas Janellas  
Vão já pulsar, ó Lidia, e já não rompem  
Teu prolongado Somno:  
Fechada a Porta permanece, aquella  
Porta, que n'outro tempo  
Tão facil se moveo nos térreos gonzos:  
E já de dia em dia  
Menos escutas os chorosos écos:  
= E dormes soçegada  
= Longas noites, em quanto o triste Amante  
Por ti doido suspira?  
Em breve chorarás, Lidia, os desprezós  
De Amantes orgulhosos,

Lá n'hum Canto mettida em Noite escura,  
Quando o Nordéste frio  
Nos Interlunios se embravece, e bérra :  
A devorante chamma  
D' hum affecto brutal então raivosa  
Te ferverá no peito,  
Formando então de balde inuteis queixas.  
A léda Mocidade  
Só préza Héra viçosa, e escura Murta,  
E lança seccas folhas  
No Hébro arrebatado, amigo, e socio  
Do desabrido Inverno.



O D E XXVI.

*A E'llio Lamia.*

**A** Cceito ás Nove Irmáas; tristeza, e medo  
Entregarei aos petulantes Ventos,  
Que os vão submergir no mar de Créta;  
Sem que me dê cuidado  
Que Rei se tema do gellado Norte,  
Quem Teridates sobressalte agora.

Tu, ó doce Pimplea, que te aprazes  
Tanto das frescas, crystalinas fontes,  
Téce de flores huma c'roa, téce,  
Que ao meu prezado Lamia

(Pernio assáz merecido) a fronte exorne;  
As honras, que lhe dou, sem ti não valem.

Prepara para Lamia hum novo Plectro,  
De novas cordas encordo a Lyra,  
Mais sublimes Cançoens hoje medita.  
No Lesbico alaúde;  
He de Lamia o louvor, de Lamia o nome  
De ti, das Irmáas tuas digno emprego.

\* \* \* \* \*

O D E XXVII.

*Aos Amigos.*

**C**ombater-se com Cópos, que nascêrão  
Para gerar prazer: barbara usança  
He só dos Traces. Esquecei-vos della,  
E com sanguineas Lides  
Não obrigueis a Bacho  
A se despir da natural modestia.

Das tortas serpentinas, e das taças  
Ah! quanto dista a Simitarra horrenda  
Des aguerridos Médos! Eia, Amigos,  
Nos festivaes Banquetes.  
Moderai os clamores,  
Sem grita á Meza recostai-vos sempre.

Que-

Quereis que eu prove do Falerno annoso!  
Pois de Megalla Opuncia o Irmão me diga  
De que suave, na morada frida

Elle morrer se sente,  
E que inflammada se'ta

Lhe vare o terno coração no peito.

Não de outra sorte beberei convosco,  
Seja quem for a Formosura, seja,  
Que te inflamme d'amor; ella não pôde

Em vergonhosos laços

A vontade prender-te,

He sempre o teu amor, nobre, e puro.

Seguro, eia, confia a meus ouvidos  
Amorosos segredos . . . . Desgraçado,  
Digno Mancebo de melhor emprego!

Em que cega Caribdis

Eu náufrago te vejo!

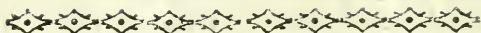
Que Feiticeira de Tezalia pôde.

Que Mágico, ou que Deos pôde arrancar-te  
Das frias mãos do lívido veneno,  
Que já te lavra nas profundas veias?

Pêgazo remontado

Apenas poderia

A' tri-fronte Quimera hoje arrancar-te:



O D E XXVIII.

*A Archita Poeta de Tarento,*

**T**U, que medias a extensão dos Mares,  
E grandeza da Terra, e calculavas  
A multidão sem numero de area,  
O' Filosofo Archita,  
Hum só punhado mísero de terra  
Nas praias de Matino hoje te prende.

Tu devias ser victima da morte ;  
De nada te servio tentar co'a Idéa  
Aş cellestes mansoens, correr ligeiro  
O radiante Olympo.  
Tambem expirou Tantalo, que pôde  
Sentar-se á Meza dos Supremos Numes :

E Titono morreo, que além dos ares  
Pôde ser transportado, e tambem Minos,  
De quem confiou Jupiter segredos,  
Sentio da Morte a Foice :  
O Tartaro a Pythagoras conserva,  
Que inda mais de huma vez entrou no Abyssmo.

Embora elle mostrasse pelo Escudo,  
Arrancado da abobada do Templo,

Que



Que nos tempos de Troia elle existira ;  
Interprete famoso  
Da Natureza , e da Verdade , apenas  
Deixou á negra morte a péle , e os nervos.

Huma noite funesta espera a Todos :  
Da Morte huma só vez se piza a estrada ;  
Huns , arrastados das insanas Fúrias  
A sanguinoso Marte  
Vão servir de espectáculo medonho :  
Expira o Nauta sôfrego nos Mares.

Dos Anciãos , dos Môços se misturão  
Os mesmos Funeraes : nenhuma Vida  
A' dura Lei de Prozerpina escapa :  
A mim hum Sul raivoso ,  
Que acompanhava d'Orionte a Estrella ,  
Me submergió do Ilircio nas ondas.

Mas tu , ó Marinheiro , ah ! não duvides  
Alguma arêa derramar nos óssos ,  
E na frente insepulta. Assim tu póssas  
Escapar do naufragio ,  
Quando assoprarem denodados Euros ,  
E fizerem bramir da Hisperia as ondas.

Sómente os Bosques Venuzinos soffrão  
A fúria da Tormenta ; e o premio digno  
Então das mãos de Jupiter recebas ,  
Que os Justos remunéra :

Tambem to póde conceder Neptuno,  
Dos sacros muros de Tarento guarda.

Porém se hum crime commetter não témes,  
Que a teus Netos talvez seja funesto,  
Ah! praza aos Justos Ceos, que a dura pena  
Da Lei, que tu desprezas,  
Em ti venha a cahir: seja eu vingado,  
Sem que valer as Victimas te possão.

Inda que o Vento te convide aos mares,  
E queiras já partir; detem-te, espera,  
Eu te seguro que a demora he breve:  
Com piedade derrama  
Tres vezes sobre mim mesquinha terra,  
Deixa as praias então, no Mar te engólsa.

\* \* \* \* \*

O D E XXIX.

*A Iccio.*

**D**Esejo ardente, ó Iccio, hoje te inflamma  
De possuir Arabicos thesouros,  
E aos Monarchas Sabões preparas Guerra,  
Nunca jámais vencidos:

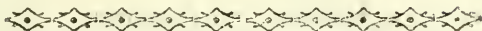
Tu já fôjas grilhoens ao Médo horrivel:  
Ah! que Matrona barbara se apresta

A' servir-te de Escrava, quando em campo  
Chorar o Esposo extincto?

Ou que Regio Mancebo delicado,  
De fragrantos cabellos, e instruido  
No manejo das Séras, e dos Arcos,  
Te ha de servir as Taças?

Quem depois disto negatá que podem  
Tornar atrás os Rios despenhados  
De escarpadas montanhas, e que póde  
Tornar o Tibre á fonte?

Se vir que trócas de Panecio os Livros  
De alto preço, e de Sócrates a Escóla  
Pelas Hiberias Malhas? Tu, que davas  
Hum tempo outra Esperança.



O D E XXX.

*A Venus.*

**O** Venus soberana,  
Tu, que Paphos, e Gnido senhoreas,  
Deixa a dilecta Chypre,  
Corre ligeira a presidir no Templo,  
Que a formosa Glicera te consagra.

Venha tambem contigo  
O fervido Menino, as Graças nuas,  
As Ninfas delicadas;  
Venha Mercurio, venha a Mocidade,  
Que he só amavel, quando vem contigo.

\* \* \* \* \*

O D E XXXI.

*A Apólo.*

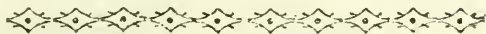
**Q**ue póde o Vate supplicar a Apólo,  
Quando enche a taça de espumante Vinho,  
E liba em honra sua? ah! não lhe pede  
As abundantes Mésés,  
Que pelos campos de Sardenha ondeáo:

Não os gratos Armentos, que se nutrem  
Dá abrazada Calabria nãs campinas,  
Nem oiro, nem marfim da Indiana Terra,  
Nem os campos extensos,  
Que o Liris téga co'as tranquillás agoás.

Embora expremáo no Lagar Caleno  
Rôxas uvas aquelles, que a Fortuna  
Benigna bafejou. Mercador rico,  
Que os Africanos Mares  
Tantas vezes no anno impune sulca;

Beba em taças doiradas o exquesito  
Licôr, que elle trocou por opulentas  
Merces de Siria. A mim nenhum tormento  
Me causa o sustentar-me  
De azeitonas, chicoreas, frescas malvas.

O' Filho de Latona, eu só te peço  
Me dês gozar com animo tranquillo,  
Com saude robusta o que eu já tenho,  
Sem velhice injucunda,  
Entoando Canções na eburnea Lyra.



O D E XXXII.

*A Lyra.*

**S**E, de cuidados desprendido, ó Lyra,  
A' sombra recostado,  
Versos dignos de ti cantava outr'ora,  
Humilde te supplico  
Eterna duração dês a meu Canto:  
Eia, ó Lyra, acompanha  
Lyricos versos em Latino Idioma:  
Módulou-te primeiro,  
Raio da Guerra, o Cidadão de Lésbos,  
Que' ou no Mavorcio Campo,  
Ou dando fundo ás Náos na fresca praia,  
Cantava de continuo

As Musas, e Liéo, e a Cypria Deosa  
 E o folgazão Menino,  
 Que ella não deixa separar do lado:  
 E Licas magestoso  
 De negros olhos, de cabellos negros.  
 O' de Apólo ornamento,  
 Prazer de Jove, harmoniosa Lyra,  
 De meus duros trabalhos  
 Em todo o tempo balsamo suave,  
 O' Lyra, eu te saúdo:  
 Invocada por mim, propicia acude  
 A meus férvidos votos.

\*\*\*\*\*

O D E XXXIII.

*A Albió Tibullo.*

**C**ONsternado Tibullo, ah! não lamente,  
 Além dos termos, que a Razão prescreve,  
 Nos tristes sons de funebre Ellegia  
 Da inumana Glicéra  
 A esquivança, e rigor; se pôde, ingrata,  
 Antepor-te hum Rival mais bello, e mōço.

Arde de amor a candida Licoris  
 Pelo voluvel Ciro: eis-que perdido  
 O vejo apóz de Filis, arrastrando  
 Desprezadas correntes,

É mais depréssa tímidos Cordeiros  
Em doces laços viverão c'os Lobos,

Que ella do indigno Adultero compense  
Os inuteis suspiros: assim julga,  
Assim o determina a Cyprea Deosa;  
Que se compraz mil vezes  
De unir a férreo jugo almas diversas,  
Diversos rostos; com maligno Brinco.

De mim só té direi, que amor mais nobre,  
Mais delicado amor dentro em meu peito  
Tinha firmadò para sempre hum throno;  
Com grilhão mais suave  
Eis me prende Mirtale, inda mais dura,  
Que o Mar, que bate de Calabria as praias.

\* \* \* \* \*

O D E XXXIV.

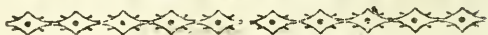
*A Si mesmo.*

**E**M quanto insanas maximas seguia  
De Epicuro brutal, dos Altos Numes  
Os Altares Turicremos não forão  
Frequentados por mim: hoje mareio  
Por outra esteira as infunadas vélas,  
E o Pólo, que deixára,  
Começo a demandar. Jove supremo  
Com crepitante raio as nuvens rasga:

Já pelos ares líquidos eu sinto  
 Rodar, correndo, o fulgurante Carro,  
 Oíço os rinchos dos férvidos cavallos;  
 A bruta maça da pezada Terra,  
 A funda Estige, os serpeantes Rios,  
                     O Ténaro horroroso,  
 Os alicerces do ellevado Atlante,  
 De frio espanto, e de pavor já tremem.

A forte mão de Jupiter potente  
 Mil vezes, se lhe apráz, muda os Destinos,  
 E no lugar do tímido, e soberbo  
 Faz sentar o Pequeno, o Humilde, e Baixo;  
 Eclipsa a luz, e faz brilhar a sombra:

                    A estrondosa Fortuna  
 Do mais alto da Róda este derruba,  
 Ao mais alto da Róda elleva aquelle.



O D E XXXV.

*A Fortuna.*

**O** Deosa, que presides  
 No excelso Templo do aprasível Ancio,  
 Que do mais baixo dos degráos só podes  
 Levantar os Mortaes ao Throno, á Gloria,  
                     E converter em lucto  
 Os mais soberbos, inclitos Triunfos.



Se os votos te dirige  
O pobre, humilde Lavrador nos Campos;  
O que, ousado, cortando o Mar Catpacio;  
Em Britanico Lenho o vento afronta;  
Te chama soberana  
Das impoladas, inconstantes ondas:

Os Scytas vagabundos;  
Os indomaveis, e ferozes Gétas,  
O duro Lácio, os Reinos, as Cidades,  
As proprias Mães dos barbaros Monarchas,  
Purpurados Tyrannos  
Receião teu poder, temem teu Nume,

Para que não derrubes  
Com baque injurioso a alta columna,  
Que firme se levanta, e firme existe;  
Para que o Povo revoltoso ás armas  
Os Cidadãos não chame,  
Quebrando o Jugo do severo Imperio.

Na marcha te precede  
A indomavel, cruel Necessidade,  
Nas mãos de bronze pendurados léva  
Duros Prégos Trabaes, cunhas de ferro  
De lado te acompanhão  
Severa Êscarpa, derretido chumbo.

Adora-te a Esperança,  
E a Fé rara no Mundo, que se artêa  
De vestiduras candidas: não deixa

De seguir-te tambem, quando abandonas,  
Já mudado o vestido,  
Dos Potentados rúmidos os Lares.

Mas o vulgo inconstante,  
A Meretriz perjura as costas volta;  
E, seccos os Tonéis, falsos Amigos  
Apressados, e tímidos se escondem;  
Dolosos, não se atrevem  
Da vil Penuria a supportar o Jugo.

Guarda, protege Augusto,  
Que voa a desfexar da Guerra os Raios  
Contra os Britanos, ultimos no Mundo,  
E dos Mancebos o Esquádrão guerreiro,  
Temido no Oriente,  
Nas rubras praias do Eritreo temido.

Derrama-se-me o Pejo  
Sobre as humidas faces, se me lembro  
Das mal-fexadas cicatrizes nossas,  
De iras Fraternas, vergonhosos crimes,  
Dos Cidadãos extinctos  
Entre os furores da Civil Discordia.

Nós, ímpios Architéos  
Da férrea Idade, que domina agora,  
Em feios crimes nos manchámos todos:  
Nada intacto ficou. Temor dos Numes  
Suspende nunca póde  
As ímpias mãos dos revoltosos Mõços.

As Sacrosantas Aras

Nem mesmo forão da Impiedade o freio.

Embebe, ó Deosa, nos ferozes peitos

Dos Massagétas, e Arabes impuros

Aquelle duro ferro,

Que, em nova Fórja temperado, brilhe.

\* \* \* \* \*

O D E XXXVI.

*A Pomponio Numida.*

**H**Oje applacar destino a altos Numes  
Com denso fumo de fragrante Incenso,  
C'os doces sons da harmoniosa Lyra:  
O quente sangue de feroz Novilho  
Correrá nos Altares,  
Já que das praias ultimas da Hespéria  
Intacto, ó Deoses, Numida trouxestes.

Depois da dura ausencia, ó quão suaves  
Em seus Amigos ósculos imprime!  
Mas entre todos que ternura amostra  
Ao dulcissimo Lamia, inda lembrado  
Da aliança firmada  
No estudo, e letras da primeira Idade,  
Quando a Tóga viril juntos tomárão!

Seja notado tão formoso dia  
Com branca pedra: sem repouso, e modo

As Taças espumíferas se emboquem:  
Em danças festivaes hoje se excedão  
De Marte os Sacerdotes:  
Nem por Dámalis seja hoje vencido  
Basso em vasar de hum sorvo os Tracios Cópós.

Não faltem Rosas nos Festins, não faltem  
De Aipo as grinaldas, os Festoens de Lirios;  
E a delicada Dámalis a todos  
As meigas vistas, amorosas roube,  
Sem que dos ternos braços  
Do seu novo Amador seja arrancada,  
Onde, qual Hera o tronco, o estreite, aperte.

\* \* \* \* \*

O D E XXXVII.

*Aos Amigos.*

**P**ulse-se a terra co'a liberta planta,  
He este o dia, que vasar devemos  
Os arrazados Cópós, e enfeitarmos  
De opiparas viandas  
As ricas Mezas dos Supremos Numes.

Era até agora hum crime das herdadas  
Adégas paternaes tirar o antigo  
Almo Licôr do Cécubo espumante,  
Em quanto audaz Rainha  
Ao Capitolio a monte aparelhava:

E contra as Aguias do Romano Imperio  
Insana conspirava, entre os Eunucos,  
De corruptos mortaes rebanho abjecto;  
Para tudo atrevida,  
Embragada da fagueira Sorte.

Hum Lenho apenas, escapando aos damnos  
Do incendio voracissimo, lhe extingue  
As iras, e o furór: o invicto Cezar  
Enche de espanto, e medo  
De Egypcio vinho a perturbada Mente:

Corre apóz ella, que fendia os Mares,  
Temendo as costas da fatal Hesperia;  
Como segue o Falcão tímidas Pombas,  
E o Caçador a Lebre  
Nos largos Campos da nivosa Emonia.

Ao duro Cólo do soberbo Monstre  
Hia lançar aspérrimas cadeas,  
Ella, buscando com valor a morte,  
Nem como o debil sexo  
Teme a vista, o relampago da Espada:

Nem co' armada veloz, a occultas praias  
Fugindo, reparou bélicas perdas:  
Vio arder, sem pavor, seus Regios Paços,  
E as asperas Serpentes,  
D'onde beba o veneno, escolhe, e aperta.

Co'a decidida morte inda he mais bravo  
Seu nobre coração. Só teme a Roma  
Ir nas ligeiras Náos, Rainha excelsa,  
Ao soberbo Triunfo,  
Como humilde mulher, dar pompa, e nome.

\* \* \* \* \*

O D E XXXVIII.

*Ao Creado.*

**D**A Persia os apparatus aborreço,  
Nem tão pouco me apráz flórea grinalda:  
Ah! não te cances em buscar-me agora  
As Rosas, que vem tarde.

A simples Murta basta, ella te adorne,  
E esta Meza frugal; nada he mais proprio  
De ti, Servo, e de mim, que bebo á sombra  
Dos Pampanos frondosos.

---

## LIVRO SEGUNDO.

### O D E I.

*A C. Asinio Pollião.*

**A**Rdua Empreza, e fatal! Das duras armas  
Escreves, Pollião, das turbulentas,  
E Civis Dissençoes, quando Metello  
Nas mãos as Fexas Consulares tinha,  
Da Fortuna os Caprixos,  
Dos Reis as cavilosas Alianças,  
Dos buidos Punhaes inda manchados  
De sangue não vingado: ah! tu caminhas  
Sobré fogo de cinzas mal coberto!

Da severa Tragedia a Musa hum pouco  
Da Scena se retire, em quanto a Roma  
A pública harmonia, dás, e firmas;  
E calsarás depois no grande assumpto  
O Cothurno de Athenas,  
O' tu da Curia Oraculo sublime,  
Dos assustados Réos Patrono, e Escudo,  
Cuja fronte o Dalmatico Triunfo  
Ornou de eternos, de viçosos Loiros.

Já c'ò duro fragôr da Marcia Tuba  
Féres o attento ouvido, e já ressoão  
Agudos écos do Clarim sonóro ;  
C'ò lampear das fulgurantes armas

Os cavallos se assustão,  
E perde a côr o Cavalleiro ouzado :  
Já vejo os Capitães, de pó cobertos ;  
Tudo ficou vencido, e só não fica  
Do inflexivel Catão o peito invicto.

Juno, ou quem quer dos Numes, que defende  
Os Africanos tórridos, já deixa  
A não vingada Terra, promettendo .  
Dos Vencedores a futura Prole  
Aos Manes de Jugurta.

Que pingue Terra c'ò Latino sangue,  
Coberta de Sepulchros, não declara  
As ímpias Lides, e da Hesperia o baque,  
Que além das margens se escutou do Eufrates?

Que Golfão tão remoto, ou praia extrema  
Da Guerra os tristes écos não repetem?  
Que Mar não muda a côr c'ò Lacio sangue?  
Que Região, que Clima intacto existe  
Deste sangue Romano?

Pára, atrevida Musa, tu deixaste  
Os risos folgasoens; ah! não me inspires  
As Nénias de Simonides: entoa  
Na Gruta de Dione hum som mais brando.





O D E II.

*A Sallustio Crispo.*

O Sallustio, inimigo de Thesoiros,  
Que debaixo da Terra  
O insasiavel Avarento esconde,  
Só brilha o metal loiro,  
Quando discreta mão o emprega, e gasta.  
Viverá Proculeio,  
Assoberbando a Idade, e a Fama eterna  
Nas resfulgentes azas  
Além dos E'vos levará seu nome:  
He este o premio digno  
Da afeição paternal, com que soccorre  
Os Irmãos habatidos.  
Vence a cobiça, reinarás seguro  
Em mais extenso Imperio,  
Que huma, e outra Carthago te form'ráo,  
E se acaso juntasses  
A Libiã ardente co'a reanota Hespanha,  
Cruel contra si mesmo,  
Seu mal, bebendo, o Hidropico accrescenta,  
Se das veias não tira  
Fatal veneno, se do corpo inerte  
A languidez não foge,  
Ardua Virtude, que aborrece o Vulgo,  
Arranca diligente

Dos

Dos ditosos ao numero Faártes,  
Ao Throno levantado,  
Ao Throno augusto, que occupára Ciro;  
E ao rude povo ensina  
Mais sublime lingoagem, quando entrega  
O seguro Diadema,  
O merecido Loiro, o Imperio, o Sceptro  
A'quelle só, que póde  
Olhar com fixos, imudaveis olhos  
Os montoens das Riquezas.

\* \* \* \* \*

O D E III.

*A Délío.*

O Délío, que inda hum dia á Parca dura  
Has de o feudo pagar, guardá seguro  
Huma alma igual na prospera Fortuna,  
Entre os golpes da Sorte.

Ou vivas sempre da Tristeza em braços,  
Ou ja nos dias festivaes te encostes  
Sobre a munda relva, onde te alegres  
C'o Balsamo Falerno:

Onde ingente Vinheiro, e o branco Chôpo  
Corn a rama enlaçada a sombra offrecem,  
E donde as margens fugitivo lambe  
O trémulo Ribeiro,

Neste Alvergue ditoso ajunta o Vinho,  
Os suaves Perfumes, frágeis Rosas,  
Em quanto o soffre a Idade, os bens, e a Parca  
    Não corta os negros fios:

Hum dia deixarás Bosques viçosos,  
A Casa, os Campos, que humedece o Tibre,  
E hão de vir a gozar riquezas tantas  
    Teus sófregos Herdeiros.

Ou tu procedas de Hinaco opulento,  
Ou nascesses Plebeo, de que aproveita,  
Se inda has de vir a ser victima hum tempo  
    Do inexoravel Pluto?

A' mesma méta caminhâmos todos:  
Vivem cerradas dos Mortaes as Sortes  
Nas fataes Urnas do Destino, vivem  
    De todos ignoradas.

Sobre nós foi lançada: ou cedo, ou tarde  
Se ha de extrahir em fim; e entrar devemos  
Na fatal Barca, que nos leve hum dia  
    Para eterno Degredo.

\* \* \* \* \*

O D E IV.

*A Xantio Fócio.*

**N**ÃO te envergonhes, amoroso Xantio,  
Das pezadas cadeias, que ao teu côlo  
Lança humilde creada:  
De Briseida rende o niveo rosto  
Achiles denodado,  
Que dos grilhões d'Amor zombava ufano.

O féro coração de Aiace duro,  
C'o doce aspeito da gentil captiva  
Sentio de amor os golpes:  
E o grão Filho de Atreo, entre seus loiros,  
Da roubada Donzella  
Sentio a escravidão, e ardeo no fogo:

Quando as Falanges barbaras rompêra  
Achiles vencedor, quando aos Troianos  
Heitor arrebatado  
Aos Esquadroens Argolicos cançados  
Deixava mal seguros  
Os Baluartes da fadada Troia.

Ah! tu não sabes, se da loira Filis  
Os Pais afortunados quererão  
Honrar-te c'o subido

Brazão de Genro seu. Ella por certo  
Prantea o illustre sangue,  
E os Penates crueis, que á assim ultrajão.

Nem te lembras que vem de Plebe abjecta  
Essa Escrava gentil, que amante adoras;  
Que tão candido peito,  
Huma alma tão fiel tão generosa  
Não veio á luz do dia  
De Pais humildes, de pudenda Stirpe.

Louvo seu rosto, o magestoso talhe,  
O niveo seio, os braços torneados:  
He meu louvor sincero;  
Ah! não te assalte do Ciurme a Furia;  
Que sobre a frente minha  
Já vem o oitavo lustro as cans lançando.

\* \* \* \* \*

## O D E V.

### *A Lalage.*

**I**Nda não pôde a simplice Novilha  
Suster no côlo delicado o jugo,  
Nem do Toiro robusto  
Inda pôde aceitar o afago, a chamma.

Inda lhe apráz sómente o Campo extenso,  
E as vitreas agoas, donde foge a Calma;  
Brincando entre os Salgueiros;  
Só busca os seus iguaes, tenros Novilhos.

Deixa o desejo prematuro, deixa  
Inda dós verdes, amargosos cachos;  
Eis o Outono já voa,  
Que a flava côr em purpura converte.

Então te seguirá; que a leve Idade  
Rápida foge, e os annos lhe accrescenta,  
Que da existencia tua  
Inexoravel, apressada córta!

Já, rompendo as barreiras do febuço,  
Esposo ha de buscar audaz Lalage,  
Para amor desejada,  
Mais do que Cloris, que a fugáz Folóe.

De seu côlo, e seu rosto a téz mimosa  
Mais alva ha de brilhar, que a argentea Lua  
Brilha em noite sezenã  
Pelo crystal dos mares transparentes.

Inda mais bella, que o formoso Gyges,  
Que entre as Mõças gentis engana os olhos,  
Que o sexo não distingue  
No rosto ambiguo, nos cabellos soltos.

\*\*\*\*\*

O D E VI.

*A Septimio.*

**T**U, que os paizes da remota Cadiz  
Foras, Septimio, viajar comigo,  
E o Cantabro indomado,  
Que o jugo não sentio das armas nossas,  
E as inospitas Sirtes  
Lá d'onde as ondas Mauritanas fremem.

Ah! praza aos Ceos, que dá velhice minhã  
Na Argolica Tivóli os dias passe;  
Que ella seja a guarida,  
Onde descance o corpo trabalhado  
Das fadigas dos Mares;  
Das longas marchas, das sanguineas Guerras.

Mas se a Parca inimiga este repouso  
Tão doce me negar; irei contenté  
A's margens do Galézo,  
Onde encerada pélle os vélos cobre  
Das simples ovelhas;  
E aos férteis campos, que regeo l'alanto:

Este recanto de aprazivel Terra,  
Entre todas, me apráz, ondè as Abelhas  
Os Nectares destilão,

Que igualão, vencem Nectares de Himeto;  
E a verdejante Oliva  
Disputa á de Vanáfro o preço, e o gosto.

Aqui duravel Primavera existe,  
E manda Jove tépidos Invernos;  
E o levantado Aolonio  
De verdejantes Pampanos se arrêa,  
E os almos dons de Bromio.  
Em nada inveja aos de Falerno sentem.

Chama por nós a Terra afortunada,  
E os seus oiteiros apraziveis chamáo:  
Aqui derramar debes  
Com saudade lagrimas singeras,  
Sobre as tépidas cinzas  
Do Vate amigo, que verás extincto.

\*\*\*\*\*

## O D E VII.

*A Pompeo Varo.*

**D**Esejado Pompeo, tu que entre todos,  
Que vestirão comigo as férreas armas,  
Viste sempre comigo á morte o rosto,  
Mandando Bruto as Legioens Romanas;  
Que propicio Destino  
Te conduz outra vez á Italia, a Roma?



Quantos passámos saborosos dias  
C'os dons de Bromio em extase suave;  
Afugentando os túrbidos cuidados?  
De verdes c'roas circundando a frente,  
E os lustrosos cabellos  
C'os perfumes balsamicos da Siria?

Eu vi contigo os Campos de Filipo;  
Fugi contigo ao vencedor ovante,  
Arremessando com desdoiro o Escudo;  
Quando, perdida a natural coragem,  
Os Esquadroens vencidos  
Mordêrão torpemente o infausto Campo.

Porém Cilenio, prompto revoando,  
Pelos líquidos ares me levava,  
Das triunfantes Legioens á vista:  
A ti as ondãs tímidas no seio  
De novo te levárão  
A' tempestade da sanguinea Guerra.

Eia, teus votos satisfaze a Jove,  
E o fatigado corpo em guerras rancias  
Vem repousar ás agradaveis sombras,  
Que os verdes Loiros meus em torno espalhão;  
Nem poupes a torrente  
De almo Licôr, que preparado tenho.

Quem me destapa os arrolhados Botes  
Do Mássico, que extingue, a dor, e as mágoas?  
Quem me derrama os Balsamos suaves?

Quem d'Aipo, e Murta me enterlaça as C'roas?  
Quem do alegre Banquete  
Venus Arbitro escolhe, e quem do Vinho?

Não devo enfurecer neste almo dia,  
Inda mais do que as Ménadas, e os Traces?  
He doce o meu furor: cumpre que eu beba  
Em largas ondas o espumante Bromio,  
Se a bemfazeja Sorte  
Traz a meus braços o perdido Amigo.

\*\*\*\*\*

O D E VIII.

*A Julia Barina.*

**O**S juramentos teus acreditára,  
Barina enganadora,  
Se alguma vez a pena  
De teus perjúrios sobre ti cahira;  
Se teus eburneos dentes se mancháão,  
E as brancas unhas o esplendor perdessem.

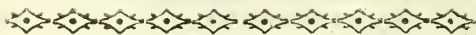
Mas quando o Ceo conjuras, quando fórmás  
Imprecaçoens horrendas,  
Então pérfida brilhas  
Com maior atractivo, e mais belleza,  
E fórmás mais prizoens, e hes digno objecto  
Do violento amor de incautos Mõços:

Inda que as cinzas Maternaes enganes,  
E da calada Noite  
Os vivos Luminares,  
Os luminosos Ceos, e os Astros todos,  
E jures pelos Numes, que no Olympo  
Da fria morte a força, não receião.

Sorrio-se Venus do attentado; rirão  
As simplicies Napeas;  
Rio-se o feróz Cupido,  
Que, na cruenta pedra de continuo  
Assacalando as inflammadas séras  
No coração, indómito, as embebê.

Mais se accrescenta, quanto mais perjura  
De teus adoradores  
O numero infinito:  
Recresce a escravidão; e os que primeiro  
Protestarão, cruel, quebrar teus ferros,  
Beijão de novo as rispidas cadêas.

Temem-te as Máis, receião que lhe encantos  
Os Filhos amorosos,  
E os Veihos avarentos  
Te receião tambem, e teme a Esposa  
Que hum só suspiro teu lhe prenda o Esposo,  
Que á pouco unio com ella o laço eterno.



O D E IX.

*A Valgio.*

**N**Em sempre a chuva das opacas Nuvens  
Sobre as campinas cae, que o frio aperta :  
Nem sempre as ondas do Mar Caspio assoitãc  
Horriſonas Procellas.

Nem sempre o inerte gêllo adstringe, aperta  
As montanhas da Armenia, ó Valgio amigo:  
Nem sobre o Gargano os Carvalhos, Freixos  
Assoita o sôlto vento.

Mas tu te queixas sem cessar da morte,  
Que o bello Mistis te arrancou dos braços ;  
Em teu amor o Véspero te observa,  
E a matutina Estrella.

O Velho, a quem o Ceo deo tres Idades,  
Não chorou sempre Antiloco, nem sempre  
As afflictas Irmãas c'os Pais cançados  
Por Troilo chorárão.

A's queixas feminis põem termo hum dia :  
E antes a Lyra se consagre ao Grande,  
Invencivel Augusto, que amontoa  
Seus Troféos memorandos.

He já vencido o rígido Nifates,  
E o grande Rio, que enobrece a Média,  
A's barbaras Naçoens agrilhoadas  
Se accrescenta de novo;

De assombro as ondas túmidas abate:  
E os Gelloens indomaveis já não passam  
Nos férvidos Ginetes as balizas,  
Que o Vencedor lhes dera.

\* \* \* \* \*

O D E X.

*A Licinio.*

**T**Erás, Licinio, vida mais segura,  
Se do alto Mar nas ondas espumantes  
Nem sempre te engolfares; se nem sempre,  
Temendo a Tempestade,  
Apertares c'ó bórdo a iniqua praia.

Quem amar a feliz mediocridade,  
Tranquillo ha de viver, e a humilde casa  
Sem grandes móveis vê; mas vê contente,  
Que o Varão comedido  
Não quer habitação digna de Inveja.

He quasi sempre o levantado Pinho  
Dos ventos mais batido, e as altas Torres

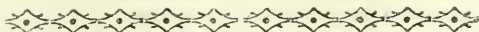
Dão

Dão mór baque, cahindo; e o Raio accezo,  
Quando as nuvens divide,  
Busca primeiro os Montes empinados.

Hum bem formado coração confia  
No meio das Desgraças: quando a Sorte  
Lhe mostra meigo, e serenado o rosto,  
Com prudencia receia  
Do lédo estado a súbita mudança.

Hum mesmo Jove traz, e acaba o triste,  
O desabrido Inverno: se he contrario  
O Tempo, que passou, hoje he propicio:  
E a Lyra, que foi muda,  
Ao canto agora as Musas desafia.

Nem sempre o Arco atéza o loiro Apólo,  
Tu vive igual em ambas as Fortunas:  
E se hum propicio vento enfuna as véllas,  
Tu, sabio não entregues  
O panno todo ao sôpro lisongeiro.



O D E XI.

*A Q. Herpino.*

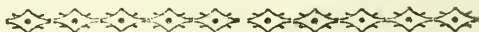
**D**O belicoso Cantabro não queiras  
Os designios saber, Herpino, e menos  
    A indagar te afadigues  
O que projecta o Scyta, a quem da Hisperia  
O Adriatico divide, e nem receies  
Que honestos meios de viver te faltem;  
Com muito pouco se contenta a vida.

Fóge ligeira a léve Mocidade,  
Eclipsa-se a Belleza, e de repente  
    A Velhice enrugada  
Os folgazoens amores afugenta,  
E até dos olhos fóge o doce somno:  
He momentanea a duração das Flores,  
Muda sempre de aspecto a argentea Lua.

O Espirito apoucado ah! não fatigues  
Para os Numes sondar! Antes á sombra  
    De hum Platano frondoso,  
Ou de erguido Pinheiro recostados,  
Lédos bebamos: de purpureas rozas  
A encanecida frente coroando,  
Nella se entorne o Balsamo d'Assiria.

Bromio dessipa os túrbidos cuidados,  
Ah! que déstro Mancebo nos arraza  
Do espumante Falérno  
As Taças, que primeiro arrefecêra  
Nas torrentes das agoas fugitivas?  
Quem Lidia nos trará? Lidia que a custo,  
Sempre abandona o retirado Alvergue?

Venha a engraçada Lidia, e pressurosa  
Comsigo traga a marchetada Lyra;  
Eia, ó Môço, lhe intima:  
Venha de aspécto, e de vestidos, simples;  
He mais bella, e gentil quando enterlaça,  
Qual Espartana Môça, as aureas tranças  
Em modestos Listoens, sem artificio.



O D E XII.

*A Mecenas.*

Não queiras, ó Mecenas, que eu decante,  
Ao som da branda, harmoniosa Lyra,  
As guerras longas da feróz Numancia,  
Nem o duro Anibal, nem de Sicilia  
Os espumantes Mares,  
A quem sangue Africano purpurea.

Nem



Nem Lapitas cruéis, e Hiléo biforme,  
 C'os dons de Bromio furioso, e bravo;  
 Nem a Titania Stirpe destroçada  
 Pela possante mão do forte Alcides,  
     Cuja Stirpe orgulhosa  
 As bases fez tremer do etéreo Olympo.

Nos Historicos Fastos, ó Mecenas,  
 Melhor dirás de Augusto o Nome, e a Gloria,  
 Os immortaes Triunfos, e os domados,  
 E já vencidos Rejs ao carro prezos,  
     C'os alterosos Cólos  
 Inda em çadêas, ameaçando a Roma.

A branda Musa, que me affina a Lyra,  
 Só me inspira Cançoens, com que celebr:  
 Da tua Amada, de Licimnia os olhos,  
 Que doces luzes vividas derramão,  
     E o terno, e firme peito,  
 Que com amor igual te corresponde.

Ella jámais sem garbo o Corpo airoso  
 Fez ver na Dança térvida; e sem graça  
 Jámais se ouviu soltar da boca as frases;  
 Com que attractivos cruza eburneos braços  
     Co'as nítidas Donzellas  
 No dia festival, sacro a Diana!

Ah! não trocáras seu cabello ondado  
 Pelos thesouros da opulenta Persia,  
 Pelas Frígias Riquezas, e por quanto

Os belicosos Arabes encerrão ;  
Quando ella a nívea face  
Présta a teus beijos sôfregos, e ardentes :

Ou quando, armada de Desdens, recusa,  
Com simulada tyrannia, afagos,  
Que, mais que o amante sôfrega, os deseja :  
Ou quando ella primeiro os arrebatá  
Ao suspirado amante,  
Que o coração lhe prende, e lhe avassalla.

\* \* \* \* \*

O D E XIII.

*A huma Arvore.*

**E**M negro dia, ó Arvore funesta,  
Por sacrilega mão foste plantada,  
Para damno, e ruina  
Dos tardos nétos em remota Idade,  
E para opprobrio da viçoça Aldea.

Creio que hum Impio, ó Tronco desgraçado,  
Fôra o teu Plantador, Impio, que a morte  
Dera aos Pais innocentes ;  
Que á noite os lares maculou c'ó sangue  
(Deshumana Traição!) de Hospede incauto.

Co'as sanguinarias mãos tinha mil vezes  
Os Venenos de Colcos misturado,  
Quem plantou no meu Campo  
Arvore tão fatal, que ao proprio dono  
Injusta morte lhe ameaçou na quéda.

Nas carregadas sombras do futuro  
O mal, que fugir deve, o mal, que vóa,  
Nunca o mortal penetra:  
Nauta Africano o Bósforo receia;  
Do negro Fado em nada mais se teme.

Do Parto a simulada fuga, as sétas  
Do Romano Soldado o peito aterrão;  
E as cadêas de Roma,  
O Italico Poder, a força invicta  
Enchem do Parto o coração de susto.

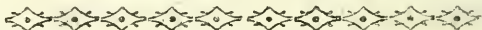
Mas a Morte impervista a todos rouba,  
E sempre ha de roubar! Quão perto estive  
De ver de Porserpina  
O negro Imperio, o Julgador Eáco,  
E o doce Elysio, habitação do Justo!

Já quasi via a namorada Sapho  
Queixar-se ao som do Lésbico Alaúde  
Das Patricias Donzellas:  
E o forte Alceo, cantando em aurea Lyra,  
Os trabalhos do Mar, da Guerra os transes.

Os assombrados Manes lhe escutavão  
As sublimes Cançoens, dignas de ouvir-se  
Com sagrado silencio;  
Mas a Vulgò das Sombras se amontoa  
Por lhe escutar a Guerra, e os Reis vencidos:

E devo-me assombrar! se a mesma Féra  
De cem cabeças, por ouvir-lhe os versos,  
Applica o negro ouvido:  
Na frente das Eumenides as cóbras  
Se recreião có'a harmonica Toada!

O triste Prometheo, Tantalò afflicto  
Sentem repouso no cruel suplicio  
Co'a doce melodia:  
Nem o armado Orion dispara as sétas  
Contra os féros Leoens, timidos Linceis.



## O D E XIV.

### *A Posthumo.*

**F**Ogem os annos, Posthumo, apressados;  
Religiosa Piedade em vão procura  
Deter os passos da Velhice, e Morte;  
Não lhe suspende os golpes.

Inda que intentes appacar com sangue  
De triplice Hecarambe, os dias todos,  
O inflexivel Plurão; surdo a teus votos,  
As Parcas não suspende.

O Triplicado Gerião, e a Ticio  
Nas tristes ondas prende: á Terra quantos  
Devem sustento seu, ou Reis, ou Povo,  
Tem de passar a Estige.

Em vão se evita a Guerra, em vão fugimos  
Do Adriatico Mar ás ondas roucas;  
Debalde temos medo ao Sul no Outono,  
Que os corpos nos ataque.

Do sinuoso Cocito, e negro as ondas  
Perguiçosas, e a vil Prole de Dánao,  
E do Eolio Sizio a pena eterna,  
Verá todo o vivente.

Deve deixar-se a Terra, a Casa, a Esposa,  
E das, que amaste em vida arvores tantas  
Nenhuma seguirá rápido Dono,  
Mais que o odiado Cipreste.

Então consumirá pródigo Herdeiro  
Prenhes Toneis do Cécubo espumante,  
Que ora, tão resguardado, e cauteloso,  
A cem chaves ferrólha.

Com profusão no rico pavimento  
O Vinho entornará, mais generoso,  
Que o Falerno Licôr, que espuma, e corre  
Nas Pontificias Mezas.

\* \* \* \* \*

O D E XV.

*Ao Luxo do seu Seculo:*

**O**S Palacios Reaes já deixão poucas  
Geiras de Terra ao Lavrador cançado;  
E já se formão mais extensos tanques,  
Que o Lago de Lucrino.

Os solitarios Platanos frondosos  
Já crescem nos Terrenos, onde os Chôpos  
N'outro tempo co'as vides pampinosas  
Aos ares se ellevavão.

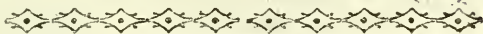
A pálida Violera, a fresca Murta,  
O Imperio todo das cheirosas Flores  
Brotão donde crescia a proveitosa,  
Pacifica Oliveira.

Os immortaes Loireiros enlaçados  
Formão á calma escudo impenetravel:  
Luxo, que proscreevo Catão, Quirino,  
E d'outros mil o exemplo.

Dos Cidadãos a Renda era acanhada,  
Era o Estado opulento, e ninguém tinha  
Os espaçosos Porticos, pátentes  
A's viraçoens do Norte.

Então as justas Leis não consentião,  
Que os Cidadãos, frugaes se envergonhassem  
Dò assento humilde, que lhes dava a Terra  
Na vicejante rélvã.

Queria a Lei que a Pública Riqueza  
Opulentas Cidades levantasse,  
E aos Altos Deoses erigisse os Templos  
De marmores lustrosos.



O D E XVI.

*A Grósfo.*

**C**ombatido das ondas precellosas  
Dò mar Egeo, o Nauta amedrontado,  
Descanço pede aos Deoses, quando as Nùvens  
O rosto encobrem da serena Lua,  
Quando a Pollar Estrella  
Ao Marinheiro pálido não bñha.

Entre os horrores da sanguinea Guerra,  
A furiosa Trácia aos Numes pede  
O socego tambem, e o Persa armado

De burnido Carcáz ; que se não mérca  
O invejado repouso  
A preço d'ouro, Purpura, e Diamantês.

Não tem poder os fúlgidos thesoiros,  
Ou Lictores, que os Consules precedem,  
De afugentar de hum peito atribulado  
Os túrbidos cuidados, que á porfia  
Amontoados vão  
Em tórno até dos aureos Alizares.

Vive com pouco satisfeito o Sabio,  
A quem parca Baixéla, mas herdada  
Brilha na frugal Meza; e nem lhe tira  
Na fria noite o lisongeiro somno  
O remôr descorado,  
Ou vil cubiça nunca farta de oiro.

E se he tão breve a robustez da Idade,  
Para que são projectos orgulhosos,  
Deixando a Patria, procurando ao longe  
Remotos Climas, que outro Sol aqueça?  
Ninguem foge a si mesmo,  
Inda que fuja do Natal Terreno:

Entra com elle o roedôr cuidado  
Dentro das Náos peçadas de Riquezas:  
Nem deixa de ir apóz do cavalleiro,  
Mais velóz, do que o Gamo timorato,  
Mais que as azas dos Euros,  
Quando derramão túrbidos chuveiros.



Quem sabe ser feliz co'hum Bem presente  
 Não cura o que o Futuro encerra, e guarda:  
 Sabe adoçar c'hum riso as amarguras,  
 Inda mais tristes que a implacável Morte:  
                     Nenhum Mortal existe,  
 Que afortunado sempre, e em tudo o seja.

Roubou a morte intempestiva Achilles:  
 Foi minando Titon longa Velhice,  
 Talvez que o Tempo avaro não conceda  
 Aquelles mesmos bens, que a Ti negára,  
                     Inda que cem rebanhos  
 Vejas pastar nos Campos de Secilia:

Inda que visses rinchar, em tórno, o altivo  
 Feróz Ginete, que appetecê a Guerra,  
 E idoneo ao jugo da fugaz Carróça:  
 Inda que as Lâns, em Purpura Africana  
                     Vezes duas tingidas,  
 Fulgurantes vestidos te preparém.

A Parca, que não mente, a mim me otorga  
 Pouco, mas fertil, rustico Terreno:  
 Da Grega Musa o delicado Estillô:  
 Hum coração, que a desprezar se atreve  
                     De hum inconstante Vulgo  
 As decisões malignas, e os Caprichos.

\* \* \* \* \*

O D E XVII.

*A Mecenas.*

**M**Ecenas, meu amparo, e gloria minha,  
Para que me atormentas  
Com tuas longas, repetidas queixas!  
Aos Deoses não apraz, nem cumpre a Horacio  
Que tu sintas primeiro a Lei da Morte.

Se a Foice inexoravel te cortasse  
A Ti, que hes da minha alma  
A metade melhor, eu não quizera  
Mais a Vida reter, já não tão cara;  
Nem já sobrevivendo inteiro, e o mesmo.

Ambos nos fechará hum mesmo dia  
Na triste sepultura.  
Não to prometto em vão: juntos iremos:  
Se me precêdes tu, seguir-te-hei prompto,  
Companheiro fiel no passo extremo.

Nem do teu lado separar-me pôde  
A ignivôma Quimera;  
Inda que surja o centimano Gias,  
De ti me arrancará: he Lei suprema  
De Justiça immortal; mandão no as Parcas.

Vissem dos Ceos embora Escorpio, ou Libra

O meu dia primeiro;  
Ou fosse Capricornio, que preside  
Da Hespéria ao mar, despotico tyranno:  
São sempre iguaes a tua, a minha Estrella.

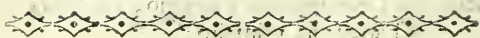
A protecção de Jupiter potente  
Te salvou compassiva  
Das influencias de Saturno impio;  
E do Fado imminente as azas léves  
Retardou Jove na velóz carreira:

Quando em alto clamor, Povo apinhado

No pomposo Theatro  
Teu louvor ás Estrellas levantava:  
Sobre mim já, cahindo hum duro Tronco,  
Hia a fechar-me o círculo dos dias:

Se a mão de hum Fauno, tutelar dos Vates,

Não desviasse o Golpe,  
Tu consagra-lhe as Victimas; e os Templos;  
Eu, pobre, em seus Altares nada posso  
Mais offrecer, que hum simplice Cordeiro.



O D E XVIII.

*A hum Avarento.*

**O** Candido marfim, cúpulas d'ouro  
A minha pobre habitação não cobreni;  
Nem columnas de Marmore Africano  
Sentem pezadas Traves,  
Que o Luxo foi cortar no Monte Himeto,

Nem d'A'talo occupei, herdeiro ignoto,  
Os doirados Palacios, nem conseryo  
Fiéis Escravas, que me teção promptas  
Finas lãs ensopadas  
Mais de huma vez em purpura Espartana.

Só vive, a par de mim, Honra, e Virtude,  
Vive Engenho, e Saber; e inda que humilde,  
Não se dedigna de buscar-me o Grande:  
Jamais, fatigo os Numes  
Com imprudentes, e orgulhosos votos.

Nada mais peço ao poderoso amigo:  
Vivo contente co'a pequena Herdade.  
Corre hum dia apóz outro; a nova Lua  
A seu fim se encaminha;  
E tu, quasi a morrer, marmores cortas:

Esquecido do Tumulo, levantas  
Soberba Habitação: forças as ondas  
A retirar-se da aprazível Baias,  
Inda não satisteito  
De ser senhor do vasto Continente.

A sórdida Avareza te constrange  
A transgredir os términos do Campo,  
Que o teu Visinho possuia, e estendes  
As posseçoens soberbas,  
Invadindo do Pobre a Herdade antiga.

Já dos paternos Lares despejado,  
Foge co'a Esposa miseravel; léva  
Ao cólo os tristes, sórdidos Filhinhos,  
E os antigos Penates,  
» Condoídos das lagrimas, que entorna.

Mas o duro Opulento não conserva  
Mais certa habitação, que o O'rco avaro;  
A Terra abre igualmente humna garganta  
Aos potentes Monarcas,  
E ao Pobre, a quem faltou parco sustento.

E o Barqueiro, Satélite do Inferno,  
Ao sagaz Prometheo jámais consente  
As ondas repassar da Estyge horrenda,  
Inda que lhe offereça  
Cofres pejados do metal luzente.

Elle o soberbo Tântalo conserva  
Em duros Cêpos, e à Tantalea Prole:  
E escute, ou não os votos do Indigente,  
O livra, ou tarde, ou cedo,  
Das miserias, das lastimas da vida.

\* \* \* \* \*

O D E XIX.

*A Bacho.*

**E**U yi nas Grutas de escarpadas róchas  
( Creião-me os tardos Seculos futuros )  
Bacho ensinañdo sonoros versos,  
As Ninfas, que aprendião,  
E fitas as orelhas,  
Os Capripedes Satiros em tórno:

E võe; repentino, immenso Espanto  
De mim se apéssa, me penetra a mente:  
De Bacho cheio o coração, se alegra  
Com prazer turbulento;  
O' Nume poderoso  
No formidavel Tirso; eia, perdoa.

Devo cantar das Tiades fogosas  
A cêga agitação, a exuberante  
Fonte de Vinho, os Nectares suaves,

Que em borbotoens espumão:  
E dos cavados Troncos  
O mel, que estilla, renovar no Canto.

Da linda Esposa, que povôa os Astros,  
Devo cantar a Croa fulgurante:  
De Pentheo a sacrilega morada  
Coberta de ruínas  
Por tua mão potente,  
E do Tracio Licurgo a morte, o Fado.

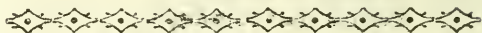
Tu na carreira suspendeste os Rios:  
Hum freio aos mares barbaros pozeste:  
Nos cabeços dos Montes solitarios  
Com viperinos laços,  
Sem fraude, e sem veneno  
As tranças das Bistónides apértas.

Quando de ímpios Gigantes a cohorte  
Por montes sobre montes escalava  
Os sublimes Alcaçares de Jove;  
O temerario Réco  
Por terra derrubaste  
Co'as fortes armas de hum Leão sanhudo.

Inda que as danças, os fagueiros risos  
Te pertencessem mais, que a horrenda Guerra;  
Em ti juntando os jógos, e as pellejas,  
Da Paz entre as doçuras,  
Da Guerra nos furores,  
Hes Numen folgazão, Numen guerreiro.

Tu

Tu co'a frente adornada de aureas pontas,  
Do implacavel Plutão no Imperio entraste;  
Vio-te o feróz Cerbéro, e meigo, e brando  
    Co'a lisongeira cauda,  
    Co'a lingua triplicada  
Os membros te afagou, beijou-te as plantas.



O D E XX.

*A Mecenas.*

**J**A' não com frouxas, e vulgares azas,  
Biforme Vate, os líquidos espaços  
    Cortando irei ligeiro,  
Nem mais serei habitador da Terra.

Maior que a inveja, deixarei o Mundo,  
Inda que em pobre Berço me embalarão;  
    Pois me amaste, Mecenas,  
Da Estige zombo, e zombarei da Morte.

De áspera pélle as pernas se revestem,  
Transforma-se-me a frente em alvo Cysne;  
    Léve, branca plumagem  
Povôa minhas mãos, meus hombros cobre.

**Mais**



Mais, que o Filho de Dédalo, ligeiro,  
Roucas praias do Bósfero já vejo;  
Descubro, Ave canora,  
Libicas Sirtes, Hiperboreos Campos.

Ver-me-ha Cólcos, e o Géta, que disfarça  
O medo, á vista da Cohorte Marsia:  
Repetirão meu nome  
Frios Geloens, o Ródano, o Ibéro.

Não sôe em minha morte a Nenia triste,  
Nem torpe chôro, e funebres queixumes:  
Sufoca teus clamores,  
E inuteis honras do Sepulchro poupa.

## LIVRO TERCEIRO.

### ODE I.

*A Si mesmo.*

O Deio o Vulgo, delle me separo.  
Attendei-me em silencio; hoje descanto,  
Interprete das Musas,  
Nunca escutados Versos, aos Mancebos,  
A's candidas Donzellas.

Potentes Reis aos subditos commandão,  
Jove commanda aos Reis, Jove supremo,  
Que tanto se ennobrece  
Co'a morte dos Gigantes, que governa  
C'hum só aceno o Mundo.

Em maior copia as Arvores disponha  
Este no proprio chão: ao Marcio Campo,  
A's Honras aspirando,  
Desça aquelle, ou melhor na fama, e gloria,  
Nos singellos costumes:

Ou com mór turba de leaes Clientes :  
Com igual Lei, fatal Necessidade  
    Méde os Grandes, e Humildes ;  
Os nomes todos dos humanos volve  
    No espaçoso cofre.

Da Secilia os Banquetes jámais podem  
Adormecer aquelle, que pendente  
    Vê cortadôra Espada  
Suspensa apenas de delgado fio,  
    Sobre a cabeça impia.

Gostar não pôde os sons harmóniosos  
Da Cithera canora, nem lhe trazem  
    O somno saboroso  
Das namoradas Aves o gorgêo  
    Na léda madrugada.

Não foge o brando somno das humildes  
Habitações dos Rusticos; nem foge  
    Das umbríteras Balsas :  
Nem de Tempe aos frondosos arvoredos,  
    Que Zéfiro meneão.

Jámais assusta o Mar tempestuoso  
A quem só busca o necessario á vida :  
    Nem do chuvoso Arcturo  
A negra Tempestade desatada,  
    O socego lhe turbão.

Nem o intristece a frígida Saraiva,  
Que inda tenro Bacello assoita, e crésta:  
Nem o Campo infecundo:  
Nem culpa o iniquo Inverno, ou Sirio ardente,  
Se as arvores não brotão.

Sente o Peixe no Mar, que o Mar se estreita  
C'os grandes mólhes, que no Mar se lanção:  
A mão industriosa  
Alli profunda os gróssos alicêses  
De Habitaçãoens soberbas:

Mas o frio Temor, tristes Receios  
Alli morão c'o altivo Poténtado:  
Nas bronzeadas Quilhas  
Se introduzem com elle, e o vão seguindo,  
Se a cavallo campêa.

E se os brilhantes marmores de Frigia,  
Se a fulgurante Purpura, se os doces  
Nectares de Falerno,  
E se da Persia os Bálsamos não podem  
Afugentar as mágoas:

Para que hei de erguer Porticos soberbos  
De nova Architectura em cem columnas,  
Que a Inveja me difame?  
Por molestos thesoiros trocar devo  
Os vales de Sabino?



O D E II.

*Aos Amigos.*

**N**A tenra Idade se acostuma o Mõço  
A supportar o pezo da Pobreza  
No duro emprego da sanguinea Guerra;  
    Para que pôssa hum dia  
    Sobre o feróz Ginete  
Varar co'a lança o denodado Persa.

Passe o dia ao calôr, e a noite ao frio,  
E se assignalle em duvidosos transes:  
Desde as ameias da muralha o veja  
    A Esposa do Tyranno,  
    Que nos declara a guerra,  
E o veja afflicta, é pálida a Donzella:

E suspirando, exclame: ah! não provoque  
Meu Esposo Real, inda inexperto  
Nos Jógos perigosos de Mavorte,  
    Este Leão sanhudo,  
    A quem furor cruento  
Léva por entre os Esquadroens, que morrem.

Expirar pela Patria he honra, he gosto:  
A Morte corre a póz do fugitivo:  
A Mocidade tímida não poupa:

Inexorável sempre,  
Ao fugitivo ignavo  
Vará na fuga o tímido costado.

Desconhecendo a sórdida repulsa,  
Virtude marcial scintillá, e brilha  
Co'as incorruptas Honras: as Secures;  
Insignias Consulares;  
Não depõem; ou recebe  
Só por arbitrio do favor do Povo:

Aos indignos da Morte os Ceos rasgando,  
Por varedas jámais trilhadas d'antes  
Ignota aos fracos lhes franquea a estrada:  
A' gloria os encaminha;  
Dos vulgares congressos,  
Rouba-os da Terra com ligeiras pënnas:

Tem silêncio fiél tambem seu prêmio,  
Quem mysterios incógnitos de Céres  
Ao mundo revelar, em fragil quilha  
Embravecidas ondas  
Não sulcará comigo,  
E os mesmos Lares não teremos ambos;

Dos mortaes ultrajado, ás vezes Jove  
Na mesma pena, castigando, envolve  
O Justo, o Criminoso: e o Raio accezo,  
Inda que tardo venha,  
Raras vezes perdoa  
Culpada Frente, que o percede em crimes.

\* \* \* \* \*

O D E III.

*Ao Virtuoso.*

**N**Em o furor de ämotinado Pôvo;  
Nem violento rosto d'hum Tyranno,  
Nem a força dos Austros sibilantes,  
Que ás ondas Adriaticas revolvem,  
Nem o potente braço  
De Jove irado, que ätremessá os raios,  
Turbáo o peito do Varáo constante,  
Em seus justos propositos firmado:

Estale o Ceo, e se desfaça o Mundo,  
Villo-háo ferir impávido as ruinas.  
Polux desta arte, e Alcides vagabundo  
Subirão aos alcaçares dos astros,  
Onde glorioso Augusto  
Bébe, a par dellés, robicundo, o Nectar;  
Credôr da Divindade, ao jugo indóceis,  
Desta arte, ó Bacho, os Tygres te levaráo.

Tal, no carro sanguineo de Mavorte,  
Fugio Quirino ás vagas do Acheronte:  
A Apothéose Romulea approvou Juno,  
E assim fallou aos Deoses convocados:

Troia, ó Troia, os teus muros  
Juiz fatal, Juiz incestuoso,

Co'huma estranha Mulher pôde em ruínas,  
E em cinzas converter teus edefícios.

Entregue ao meu poder, e ao dè Minerva,  
Tinha sido a Cidade, e o Rei, e o Povo,  
Do tempo, em que o fatal Laomedonte  
Jurada convenção negára aos Numes:

Da Adúltera de Epartha

Já cessou de existir o Hóspede infame,  
Já não existe Priamo, que os Gregos,  
Soccorrido de Heitor, punha em derrota.

Por nós acceza, terminou a Guerra:  
Eu cedo a Marte minhas iras, cedo  
O Neto aborrecido, ao Mundo dado:  
Por Mãi Troiana, consagrada aos Numes:

Benigna, lhe consinto

Que no Throno Estellifero se assente;  
Que alli goze do Nectar; que contado  
Póssa já ser no numero dos Deoses.

Mas cumpre que entre Troia, e Roma exista  
Embravecido mar, que os Desterrados  
Reinem n'outro lugar, sejam ditosos,  
Que o Sepulchro de Priamo, e de Páris

Calque o disperso armento,

E que as Féras alli guardem seus filhos:  
Floreça em tanto o Nobre Capitolio,  
E dicte á Média as Leis soberba Roma:



Do Universo aos confins léve seu nome,  
 Onde da Europa a Lybia o mar sépara,  
 Onde o tímido Nilo os Campos réga:  
 Setá mais forte, desprezando o oiro

Indá não escavado,

Melhör ná Terra aos olhos escondido,  
 Do qué adoptado dos Mortaes ao uso,  
 Humanás mãos sacrilegas tornando.

À toda a parté as armas triunfantes  
 Léve, e dévasse as Regioens ardentes,  
 E os climas; onde o frio o Imperio estende:  
 Mas aos guerreiros Filhos de Quirino

Os Fados lhe descubro

Com jústa condição; que deslumbrados  
 Com seu proprio fulgôr, jámais se atrevão  
 A erguer de Troia os derrubados muros.

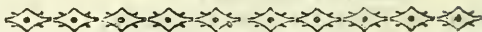
Se outra vez renascer de Troia a gloria,  
 Com sinistros agoiros, habatida  
 Será segunda vez com quéda infausta;  
 A Esposa, e Irmã de Iove as triunfantes

Beligeras Falanges

Saberá conduzir: se o mesmo Apólo  
 De bronze as circundar, meus proprios Gregos  
 Vezes tres desfarão de bronze os muros.

Terceira vez, a Esposa em Captiveiro,  
 Hirá chorando o Esposo, e o Filho extinctos:  
 Mas onde, ó Musa, te diriges? Para  
 Não convem tal assumpto á branda Uyra:

Tão sublimes verédas  
Deixa, audáz, de seguir; jámais profiras  
Os Supremos Oraculos dos Numes;  
Que avilta humilde tom grandes objectos.



O D E IV.

*A Caliope.*

**D**E'sce dos Ceos, Caliope Rainha,  
Da Frauta ao som descanta  
Suave melodia;  
Seja, se assim te apraz, co'a vóz sonora,  
Ou seja ao som de harmoniosas cordas  
Da doce Lyra, dádiva de Apólo.

Não ouviz a toada? ou já me illude  
Huma loucura amavel?  
Enganão-se os sentidos,  
Ou sua vóz escuto, e vejo errante  
Pelos Bosques a Diva, onde murmurão  
Puras correntes, auras boliçosas?

Fóra d'Apulia, no Vulturio Monte  
As fabulosas Pombas  
De folhas me cobrirão,  
Nos tenros annos da viçosa Infancia,  
De brincos juvenis quando entadado,  
O somno os fróxos olhos me prendia:

Pasmááo de Acheroncia os moradores,  
E os rudes habitantes  
Das Brenhas de Bantino.

E os que moráo nos campos de Terento,  
Que jaz humilde nos profundos vales,  
A' vista do prodigio se assombrááo:

Tranquillo adormecendo, audáz infante,  
Entre ferozes Ursos,  
E Viboras atrozes,  
De sacros Loiros, de virentes Murtas  
Pelas ligeiras Pombas circundado,  
Não sem vontade dos supremos Numes.

Comvosco vivo, ó Musas tutelares,  
Ou suba ás escarpadas  
Montanhas de Sabino,  
Ou do frio Preneste o campo habite,  
Ou nos Bosques de Tivoli frondosos;  
Ou de Baias nas agoas crystalinas.

Vossas Fontes só busco, eu amo as vossas  
Choreas engraçadas;  
Nos campos de Filipo;

Quando deo costas o Esquadráo rebelde;  
No arbóreo Transe, mares da Sicilia,  
Defendido por vós, salvei-me á morte.

Se vós comigo sois, Nauta atrevido,  
Eu transporei as ondas  
Do Bósforo fremente;

E seguro convosco, a ardente arêa  
 Contente irei passar da Assiria praia,  
 Com vossa Protecção, Musas, tranquillo,

Hirei convosco ver duros Britanos,  
 C'os Hospedes, ferozes;  
 Os Geloens sempre armados

De Arco, e Carcáz, e venenosas sétas;  
 C'o sangue equino os Concanos contentes,  
 E os largos rios da gellada Scytia.

Vós, quando acantonou Cezar invicto,  
 As Legioens caçadas,  
 Findando-lhe as fadigas,

Então, ó Musas, com sonoros versos,  
 Que resôão nas Grutas do Permesse,  
 Lhe recreasteis Marciaes Trabalhos.

Vós inspirais suavissimos conselhos,  
 E cheias de alegria,  
 Apreceais seus fructos:

Eu sei que Jove a Gigantesca Prôle,  
 Que Titan procreou; impia caterva,  
 C'o Raio assolador sumio no Averno:

Elle, que o Mar ventoso, e a Terra inerte  
 C'hum aceno modera;  
 Que as ingentes Cidades,

Os Reinos do Favôr, excelsos Numes,  
 Os immensos mortaes, unico em mando,  
 Rége com pura, imparcial Justiça.

Graves terrores imprimira em Jove  
Tão atrevida Raça,  
Em forças portentosa,  
De terríveis Irmãos, que unidos todos,  
Amontoando montes sobre montes,  
Forão o Pélion sobrepôr ao Olympo.

Mas que podia Encélado arrogante,  
Mil troncos despedindo,  
O reforçado Mimas?  
Que podia Tifeo, Reco orgulhoso,  
Co'a móle immensa Porfirião terrível,  
Contra de Pallas a sonora Egide?

De hum lado estava o ávido Vulcano,  
E d'outro lado Juno,  
C'o Patareo Apólo,  
Que não larga o Carcáz, que de Castalia  
Nas puras agoas as madeixas lava,  
Que Délos senhorea, e as Licias Sélvas.

A Fôrça sem conselho expira, e morre,  
De seu pezo opprínida,  
E os Numes sempiternos  
A Fôrça ellevão; que a Prudência guia  
E odeião o Valôr, que n'alma o Crime  
Premedita, dispõem, e o Crime exerce.

O Centimano-Gias me affiança  
A Celléste Verdade,  
Que aos Homens annuncio;

E o Sacrilego Orion, que a vida exala  
A duros golpes de empenadas sétas;  
Quando se atreve a profanar Diana.

Doeu-se a Terra de se ver coberta  
Destes hórridos Monstros,  
Que em seu seio nutríra;  
Géme, vendo seus Filhos sepultados  
No fundo Abysmo; nem consóme o fogo  
O duro Monte, que os opprime, e esmaga.

Não deixa a Tício o Abutre, que as entranhas  
Reproduzidas cóme,  
Eterna sentinella,  
Que vigia o Sacrilego insolente:  
E cem cadêas Peritão reprimem,  
Insolente amator de Proserpina.

\*\*\*\*\*

O D E V.

*Em Louvôr de Augusto.*

**D**O Olympo troadôr cernos que Jove.  
Empunha o Sceptro d'ouro,  
Por que de lá desfeixa o raio accezo;  
Mas entre nós Augusto  
Será, qual Numen, respeitado sempre,  
Depois que ao Capitolio

Trou-

Trouxe em cadeas os Bretoens, e os Persas,  
 Que o jugo desdénhaváo.  
 Não foráo vistos do vencido Crasso  
 Os captivos Soldados  
 Viver unidos ( Que torpeza ! ) a estranhas  
 A Barbaras Esposas ?  
 O Guerreiro de Apulia, o Marso horrivel,  
 Das armas esquecidos,  
 Da nobre Tóga, dos Brazoens antigos,  
 E do nome Romano,  
 Dos sacros Fógos eternaes de Vésta,  
 Salva a potente Roma,  
 E o nome augusto do supremo Jove,  
 Não passaráo a idade  
 Servindo o Rei de effeminados Persas ?  
 O' mudados costumes !  
 O' brio antigo do Senado, e Curia !  
 O' próvido Discurso  
 De hum Régulo feróz taes damnos via,  
 Regeitando constante  
 As vergonhosas condiçoens ; temendo  
 Dar á vindoira Idade  
 Funeſto exemplo, productôr de estragos,  
 Se as captivas Falanges,  
 Sem Roma as resgatar, não fossem mortas :  
 Eu vi ( o Heroe clamava )  
 As Armas, e as Bandeiras arrancadas  
 D'entre as mãos dos Guerreiros,  
 Suspensas pelos muros de Carthago,  
 Sem se entornar o sangue :

Eu vi dos Cidadãos os livres braços  
 (Que pejo!) agrilhoados!  
 Vi de Carthago as Portas, e as Muralhas  
 Já sem temôr, abertas;  
 E as extensas Campinas, que algum tempo  
 Forão por nós taladas  
 Eu vi cobertas de ondeantes méeses.  
 Póde o duro Guerreiro,  
 A preço d'oiro aos Barbaros comprado,  
 Com mais valor, e brio  
 As fortes armas empunhar de novo?  
 Ah! incautos, ao damno  
 A infamia accrescentais. Não recupéra  
 As primitivas côres  
 A Lã molhada em Purpura de Tyro;  
 E a sólida Virtude,  
 Abalada huma vez, jámais resurge  
 No effeminado peito,  
 Que aos torpes vicios se entregára Escravo:  
 Acaso a timorata  
 Cérva, rompendo o laço, audáz peleja?  
 O que ao pérfido Imigo  
 Huma vez se rendeo, será ousado:  
 O que temêra a morte,  
 E que seus braços algemados víra  
 Pizará triunfante  
 Segunda vez as armas de Carthago?  
 O! Pudôr! ó famosa  
 Carthago, que creceste co'as ruinas  
 Vergonhosas de Italia!



Diz-se que o forte Régulo , sentindo  
 O pezo das cadêas ,  
 O ósculo meigo da púdica Esposa  
 Desprezará constantê;  
 Que arredará de si os tenros Filhos ;  
 Fitando os tôrvos olhos  
 Na dura Terra , em quanto o vacillante  
 Senado confirmava  
 No conselho té alli por ninguem dado ;  
 E entre afflictos amigos  
 Não se condemne com valôr não visto  
 A perpétuo degredo :  
 Bem sabia que o barbaro verdugo  
 Lhe prepara tormentos ;  
 Mas não d'outra arte intrepido se aparta  
 D'entre os tristes Parentes ,  
 E d'entre o Povo , que lhe embarga os passos ,  
 E deixa , alegre ; a Curia ,  
 Como se fôra de Vanafro aos Campos ,  
 Ou da Espartana Trento ,  
 Depois de haver no Tribunal composto  
 Populares Demandas .

\*\*\*\*\*

O D E VI.

*Aos Romanos.*

**S**Ereis, Romanos, victimas da pena,  
Que os justos Ceos em cólera fulminão  
Contra os feios delictos  
De vossos Avoengos,  
Em quanto os Templos dos supremos Numes,  
Que os E'vos arruinão, reparados,  
Se não virem por vós, em quanto as Aras  
Não tenham cultos, como tinham d'antes.

Por que dobrais a triumphal cabeça  
A's Leis do Olympo, commandais no Mundo;  
Este o principio d'onde  
Nasce vossa Grandeza;

He este o termo das façanhas vossas:  
Os Numes desprezados quantos malles  
A' desgraçada Italia tem mandado,  
A' Italia envolta agora em pranto, em lucto!

As Falanges de Pácoro, e Monésses  
Tem já por duas vezes repulsado  
As Romanas Falanges,  
E cheias de ufania

Já de nossos despojos se adereção:  
O Daçe, o negro Ethiope orgulhoso

Demolindo já vão soberba Roma ;  
Que a Sedicção domestica arruina.

Campêa o Dace Cavalleiro, e atéza  
Os formidaveis atcos : coalha os Mares

O Ethlope em Galéras :

Calamitosos Tempos !

O Leito Nupcial géme ultrajado :  
D'esta empestada origem quantos máes ,  
Calamidades quãntas se detramão  
Na triste Patria , no aviltado Povo !

Apenas tóca a desenvolta Mõça  
Madura idade , que termina a Infancia ,

As Iónicas Coréas

Estuda cuidadosa ;

Nas indecentes artes adéstrada ,  
Móve com arte o corpo melindroso ,  
E desde os tenros , vicejantes annos  
Desordenado amor a abraza , e prende.

E já ligada a Nupciaes cadêas ,  
Despréza as Leis do Thálamo ; só busca

Adúlteros amores

Travar co'a mocidade ,

Que ás luttas mezas maritaes concorre :  
Nem escolhe a quem dê vedados góstos  
Em lugar recatado ; hõras escusas ,  
Quando a sombria noite o Sol eclipsa.

Corre prompta ao adúltero reclamo,  
Do não ignaro Esposo á face, aos olhos,  
E vende a preço d'ouro

A honra pudibunda

Ao rude Nauta, ao Mercador inchado.

Não de taes Pais nascêrão valerosos,

Esfôrçados Guerreiros, que algum dia

O mar de sangue Púnico tingirão.

Não foi esta a Progenie, que abatêra

O duro Pirro, Antiocho soberbo;

Que Anibal formidavel

Afugentou da Hespéria,

Foi a Prole de rusticos Soldados;

Afeita a abrir co' retorcido arado

A dura terra, a conduzir nos hombros,

Ao arbitrio da Mãe, cortados troncos:

Quando o brilhante Sol no ardente piaustre

Descia aos braços da cerúlea Thétis;

Dando lugar ás horas

Amigas do repouso,

Mudando as sombras dos fragosos montes:

Então com mão robusta aos Bois cançados

Do largo Cólo o iugo desprendiao;

Mas que não mudão Seculos ligeiros!

De nossos Pais a idade já passada

Foi mais fértil de crimes, e maldades,

Que os Seculos antigos

Dos nossos avoengos;

E he mais funesto o Seculo, que passa;  
E inda daremos aos tardios E'vos  
Mais preversa Relé, que exceda em crimes  
Quantas a Terra povoarão d'antes.

\*\*\*\*\*

O D E VII.

*A Asteréa.*

**P**orque, formosa Asteréa, noite, e dia  
Prantêas sem repousa  
O terno Giges, o exemplar dos firmes?  
Os Zéñros galernos,  
Mal apontar no Mundo a Primavera,  
À teus amantes braços  
Bem depréssa o trarão, e enriquecido  
Co'as Joias de Betinia.  
O denodado Sul co'as frias azas  
Ao Orico o levárão,  
Quando surgia Capricornio, quando  
Sonoras Tempestades  
O salso mar co'as nuvens confundião:  
Aqui frigiditas noites  
Em pranto amargo o triste tem passado:  
Debalde aqui procura  
Com artificios mil render-lhe o peito  
De Cloé o Nuncio astuto,  
Ella, que por arder nos teus amores,  
Desgraçada se chama;

Lem.

Lembra-lhe o exemplo da infiel consorté  
 Do desgraçado Préto,  
 Que em chammas, e furor o Esposo abraza  
 A dar tyránna morte  
 Ao púdico, infeliz Bellowfonte,  
 Por culpa, que não tinha:  
 E do triste Peleo já quasi entregue  
 A's Parcas desumanas;  
 Por que despreza as impúdicas chammas  
 De Hypolita amorosa;  
 E assim disfarça o crime, assim lho inspira  
 C'os exemplos do crime:  
 Mas elle surdo, qual rochedo Icário,  
 Despreza as magas vozes:  
 Assim tu de Épipo despreza os doces  
 Ternissimos afagos:  
 Ah! não te illuda a mágica figura!  
 Nenhum, nenhum mais déstro  
 No manejo dos férvidos Ginetes,  
 Nenhum do flavo Tibre  
 Córta; nadando, as ondas mais ligeiro:  
 Tímida as portas fecha,  
 Não venhas escutar o tom magoadó  
 Do Sonoro Alaude;  
 E nem te abrande a vóz, que tantas vezes  
 Insensível te chama.

\*\*\*\*\*

O D E VIII.

*A Mecenas:*

**D**outo Mecenas; que possues; que sabes  
Do Grego, e do Romano ambas as linguas;  
Talvez hoje te astombres,  
Vendo-me adicto ás Leis do celibato,  
Queimar incensos; e esparzir mil fletes;  
Do alegre Março na primeira Aurora.

Tinha eu votado neste dia a Bromio  
Doces viandas, e espumante sangue  
De alvo, ligeiro capro;  
Com festejo annual sagto este dia;  
Nelle escapei ás mãos da negra Morte;  
Quando arvore fatal vinha esmagar-me.

Hoje a Pipa se encéta, que me guarda  
O almo, annoso Licôr, no consulado  
Arrolhada de Planco:  
Eia, empunha cem côpos; e os despeja  
A' saude do Amigo, a quem os Fados  
Das mãos tirarão da cruenta Parca.

Dure o prazer em quanto a noite dura,  
E veja o dia, ao recolher das sombras,  
Inda accezas as tôchas:

Torn. I

H

Reis

Reine a serena paz, reine a alegria,  
E do Banquete opíparo se ausentem  
O clamor triste, as iras inflammadas.

Deixa do Estado o pezo hum pouco agora;  
Foi já cortado o Exercito dos Dacos,  
Já o Médo inimigo

Com suas proprias armas se debélla;  
E já na Hespanha o Cantabro rebelde,  
Inda que tarde, agrilhoado géme.

O feróz Scyta, os arcos afrouxando,  
O Campo já nos céde: e removido  
Aos públicos cuidados,

Esquece-os por hum pouco, e os dons aceita,  
Que este momento de prazer te offrece;  
E deixa o pezo dos negocios serios.



\* \* \* \* \*

ODE IX.

DIALOGO

Entre Horácio, e Lydia.

*Horacio.*

**E**M quanto amável me julgaste, ó Lydia,  
Nem mais digno Rival teu côlo eburneo  
Com seus braços cingia;  
Que os Monarcas da Persia  
Passavã mais feliz da vida as horas.

*Lydia.*

Em quanto estranho amor dentro em teu peito  
Não ateou seu fogo, e Clóe em quanto  
Não preferiste a Lydia,  
Via voar meu nome  
Ao nome superior de Ilia Romana.

*Horacio.*

A bella Clóe me conserva prezo  
C'os encantos da vóz, c'os sons da Lyra;  
Por ella a morte afronto,  
Se os Fados lhe outorgarem  
Existência immortal; morto contente.

*Lydia.*

Em mutuo amor meu peito enlaça, e prende  
Calay lindo Mancebo, por quem lèda  
Duas vezes a morte  
Eu soffrerei constante,  
Com tanto que da morte o isente Jovè.

*Horacio.*

Mas dize, ó Lydiá, se as primeiras chammás  
Se atаем de novo, e se o pescosso  
Sob hum jugo de bronze  
Sujeitarmos de novo  
Se me esquecer de tudo, e amar só Lydiá?

*Lydia.*

Inda que Elle he mais bello, que as estrellas,  
E tu mais vário, que a voluvel folha,  
Mais irado, que os mares,  
Comtigo viver quero,  
E a existencia findar comtigo ao lado.

\* \* \* \* \*

O D E X.

*A Licia.*

**S**E as frias agoas do apartado Tanais  
Tu bebesses, ó Licia:  
Se a barbaro Marido  
Fosses viver ligada; terno pranto  
Derramáras talvez, se me observasses  
Dos bravos Aquilloens jazer batido  
Debalde á tua inexoravel porta.

Tu não ouves os ventos sibilantes,  
Que as Janellas te assoitão,  
Que impetuosos bramem  
No Bosque, que te cinge o doce Alvergue?  
Não vês cahir do Ceo sereno, e claro,  
Por mão do hiberno Jove, a neve alpina?  
Deixa o genio cruel, que offende a Venus.

Téme não retroceda a Roda incerta  
Da ímproba Fortuna:  
Teus Pais não te gerarão  
Mais casta que Penélope indomável,  
E sempre dura aos aís de amantes ternos;  
Vê que nem sempre soffrerei constante  
A noite fria, a chuva procellosa.

Inda que tenhas inacéssô o peito  
 A's dádivas, e préces:  
 Nem o pálido Amante,  
 Nem o Esposo infiel entre outros braços,  
 Te renda ao meu amor: ah! sê piedosa  
 Aos ais de hum infeliz. . . . Mas tu hês tronco,  
 Tens a aspereza de Africanos Monstros.

\* \* \* \* \*

O D E XI.

*A Mercurio.*

**V**ersos, que possão comover de Lydia  
 O sempre duro coração de bronze  
 Inspira-me, ó Mercurio, (e pois soubeste  
 Com teu potente ensino  
 Ao docil Amphião inspirar cantos,  
 Que poderão mover alpestres róchas):  
 Que desprendes septisona harmonia,  
 E tu eburnea Lyra,  
 Hum tempo muda, e ingrata, hoje sonora  
 Nas lautas mezas dos mortaes luzidos,  
 Dos altos Numes nos soberbos Templos.

Qual o Ginete fêrvido, indomavel,  
 Que sôlto vaga por extensos campos,  
 As leis do jugo marital não sabe,  
 Ignora a doce chamma,  
 Que layra occulta em coraçöens amantes:

Ah!

Ah! sinta o fogo, que me abraza, e prende,  
Tu domar podes carneiros Tigres,  
Levar contigo os Bosques,  
Ligeiros Rios suspender na fuga;  
Do Tartaro cruel terrível Guarda,  
O Cérbero afagaste, e deo-te entrada;

Viboras cento da medonha fronte,  
Como toucado horrendo, lhe pendião,  
E das fauces trilingues se exalava

Pestífero veneno:

Sorrirão-se Ixion, e o desgraçado  
Ticio rambeim, com rosto contrafeito:  
Sêccas jazêrão por hum pouco as urnas.

Das Danaides tristes,

Mal lhe afagaste com sonoras vozes,  
Unisonas de Orfeo ao mago canto,  
Os absortos, atonitos ouvidos.

Lydia ingrata, e cruel escute, aprenda  
O crime, e a pena, tão patente ao Mundo,  
Das Donzellas fâtaes: e as vacuas urnas,

Pelos abertos fundos

Vertendo a linfa, sem sessar de enchellas:  
Conheça os fados eternaes, que o Orco,  
Bem que tardio, para os Impios guarda.

As Irmâas sanguinosas,

(Que maior crime caberá n'hum peito!)  
Votando á morte seus leaes consortes,  
Rasgão-lhe os coraçõens c'o ferro impio.

Digna do leito nupcial, com gloria  
Mentio ao Pai perjuro huma de tantas,  
E da memoria dos longinquos E'vos

Faz-se credôr seu nome.

Acorda, ó doce Esposo, e rompe os laços,  
Ah! rompe os laços do fagueiro somno,  
Antes que sejas victima da morte,

Meiga exclamou desta arte:

Engana o Sôgro, e as Irmâas perversas,  
Que innocentes Esposos ataçalhão,  
Quaes Leôas os simplices Novilhos:

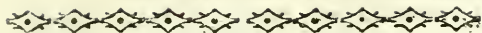
Eu, mais humana que os ferozes monstros,  
Nem dar-te a morte, nem prender-te quero:  
Embora Danao barbaro me envôlya

Em aspêras correntes:

Seja a doce piedade em mim punida;  
A vida ao Esposo dei; tal foi meu crime:  
Seja por elle aos campos desterrada

Dos Numidas ferozes:

Por Mar, ou Terra ah! tu fuge ligeiro,  
Em quanto Venus favorece a fuga,  
E em meu Sepulchro imprime os meus queixumes.



O D E XII.

*A Neobula.*

**H**E condição das míseras escravas  
Do caprichoso Amor, viver na angustia ;  
Nem jámais procurarão  
Afogar seus cuidados  
Nas rubras ondas de espumante Bromio ;  
De hum Tio ralhador temendo a lingua.

O folgazão Meaino de Cithéra,  
Neobula gentil, das mãos te rouba  
O lanoso exercicio ;  
E de Hébro a formosura  
Faz que te esqueças do ligeiro fuzo,  
E dos empregos da sagáz Minerva.

Inda melhor que o grão Belorofonte,  
Hébro subjuga o férvido Ginete :  
Não cede a algum na lucta,  
Nem cede na carreira,  
Se os membros juveniz no Tibre lava,  
Membros, que o oleo mais flexiveis torna.

Ninguém melhor os Gamos fugitivos  
Vára, correndo co'a empenada séta:  
Nas hervosas Campinas  
Ninguém mais denodado  
Espera o Javali, entre arvoredos,  
E espeças matas escondido aos olhos.

\* \* \* \* \*

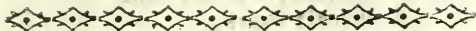
O D E XIII.

*A Fonte Blanduzia.*

**O** Fonte de Blanduzia, mais brilhante  
Que o Crystal, digna de espumante Bromio,  
De flores coroada  
A' manhã te verás: tenro cordeiro,  
A quem na fronte túrgida já rompem  
As retorcidas pontas, e a quem Venus  
A seus combates chama, dessangrado,  
Por offerta has de ter na vítrea margem.

A flagrante Canícula não póde  
C'os abrazados raios offender-te:  
Em tuas frescas agoas  
Mitiga a sêde o vagabundo Armento.  
Terás, ó Fonte illustre, eterna fama  
Sempre nos versos meus, e o verde tronco,  
Que se ergue d'entre a Róchia, donde brotão  
As tuas doces, murmurantes agoas.





O D E XIV.

*Ao Povo Romano.*

**E** Is torna Augusto, ó Povo de Quirino,  
Da extrema praia da remota Hespanha,  
Adornado de Loiros,  
Que a preço de seu sangue o Heroe só mérca,  
Qual vencedor Alcides,  
Tendo de monstros despejado terra.

Saia ao encontro seu a Esposa terna,  
De hum unico hymeneo nos laços preza,  
E aos altos, justos Numes  
Pendure offrendas nas sagradas Aras:  
E a púdica Donzella,  
A digna Irmãa do vencedor sublime.

Das Virgens, dos Mancebos, que escaparão  
Da Guerra aos tranfes, com decencia venhão  
As Mãis ao sacrificio:  
Vós, ó Esposas, ó Donzellas, Môços,  
Concorrendo aos festejo,  
Evitai proferir sinistras vozes.

O fausto dia, que celebrou ovante,  
De mim desterra os túrbidos cuidados:  
Já não receio as ondas

Da civil Tempestade, e já não temo  
A violenta morte,  
Quando Cezar sustem do Imperio as Rédias.

Traze-me, ó Servo, os vasos de perfumes:  
Grinaldas traze, e o envasilhado Bromio,  
Que vio a Márcia Guerra,  
Se he que escapou algum Tonel outrora  
A's exactas pesquizas  
De Spártaco servil, e aos vagos Socios.

Chama a Neéra, cuja vóz me encanta,  
Que á préssa adorne os lúcidos cabellos;  
Se inexoravel Guarda,  
Que a avara Porta de continuo espreita,  
Os passos te retarda,  
Volve ligeiro á habitação de Horacio.

O meu cabello, que a alvejar coméça,  
Adóça, abranda os férvidos Espritos,  
Que os combates anhelão:  
Na idade juvenil, mais iracundo,  
Não soffrêra as repulsas,  
Regendo as faxas consulares, Planco.

\* \* \* \* \*

O D E XV.

*A Cloris:*

**E** Sposa dissoluta  
Do miseravel Ibico, põe termo  
Põe termo de huma vez á torpe vida:  
Perto da sepultura,  
Não venhas enlutar, nuvem sombria,  
As candidas Estrellas, misturada  
Na alegre Dança das louças Donzellas.

O que he proprio de Fióe,  
A' longa idade não convem de Cloris:  
Qual ágitada Tiade, pulsando  
Os Timpanos sonoros,  
Tal tua Filha expugna; e as portas rompe  
Dos fêrvidos Mancebos, que enamora,  
Inspirando-lhe amor, qual tu não podes.

O delicado Nótho,  
Vorazes chammas em seu peito ateia,  
Possuida de Amor tenra Novilha,  
Mais não brinca no campo:  
Fia a Lã de Luceria, e deixa a Lÿra,  
Deixa a croa de rosas; torpe Vêlha  
Não merece o Licôr do alegre Bromio:

O D E



O D E XVI.

*A Mecenas.*

**D**A bronzeadá Torre as férreas portas,  
É de féros Mastins tristes latidos  
Guardarião assáz Dánae fechada  
De Adúlteros nocturnos,  
Se a bella Venus, se amoroso Jove  
Do vigilante Acrizio não zombassem,  
Medroso guarda da encerrada Mõça:  
Era livre o caninho, e não guardado,  
Se a estrada se franquea  
O mesmo Jove, convertido em oiro.  
Fôrça o oiro os Satélites armados,  
E com mais furia despedaça as penhas,  
Que o Raio accezo, que das nuvens desce  
Com ímpeto horroroso:  
Do Vate Argivo a habitação, e os Lares  
Desfeitos em ruínas se abysmarão,  
O lucro os habiteo: pôde o Monarcha,  
Progenitor do Heroe, que vence Arbella,  
A' força de thesoiros,  
Render Cidades, e os rivaes Monarchas.  
Os intractaveis, barbaros corsarios  
Dão com prazer as mãos aos laços de oiro:

A dura fome, os ávidos cuidados  
Mais, e mais se exasperão  
De haver thesoiros, se os thesoiros crescem;  
Eu com justiça detestei, Mecenas,  
Honra, Brazão dos Cidadãos Romanos,  
Erguer conspícua a frente entre os illustres,  
Inda que a vóz do Mundo  
Entre os Vates me exalte, e me destingua.

O Varão sabio, que os desejos corta,  
E os appetites fervidos refrea,  
Dos Numes liberaes mais dotis alcança:  
De tudo desunido,  
Busco o Reducto dos que nada querem;  
Dos Opulentos deixo a companhia,  
E mais soberbo de pizar riquezas,  
Que de encerrar nos próvidos Celleiros  
As abundantes Mésse  
Do infatigavel Lavrador da Apulia.

As claras agoas de perenne fonte,  
De poucas geiras hum cerrado bosque,  
Da loira Mésse impreterivel Renda  
Me tornão mais ditoso,  
Que o largo Imperio da Africana Terra:  
Eu não possio da Calabria fértil  
Ricas Colmeas, o espumante Bromio,  
Nos bojudos Tonéis não me envelhece;  
Nem da Galia nos pastos  
Os Rebanhos lanigeros conserva:

Mas de mim foge a incómoda Pobreza:  
 Se eu quizera mais bens, tu m'os darias:  
 Refreada a Ambição, melhor preencho  
     Meus pequenõs Déveres,  
 Do que se aos Frígios campos ajuntára  
 Da rica Lidia as Possessõens; e o Throno:  
 Aos, que desejão muito, o muito falta:  
 He só feliz, e venturoso aquelle;  
     A quem Jove supremo  
 Com parcas mãos o necessario outorga:

\* \* \* \* \*

O D E XVII:

*A E'lio Lamia.*

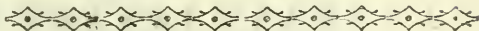
**O** Respeitavel E'lio, que descendes  
 Do antigo Lamio, d'onde o nome honroso  
     Hoje os Lamias conservão,  
 Memoraveis nos Fastos de Quirino.

Tu vens d'aquelle, que n'hum tempo o Sceptro  
 Do Formiano Povo; e Imperio teve,  
     Onde a nypha Mericia  
 As verdes margens illustrou do Liris.

E pois nãs azãs dos fogosos Euros  
 Correndo a Tempestade, á manhã deve  
     Cobrir de leves folhas  
 O Bosque, e de Alga as prais encurvadas:

Se acaso não me engana o triste agoiro  
Da annosa Gralha, que promette a chuva :  
Na antiga, sêca lenha,  
Pois podes tanto, a lavareda atéa. :

Com teus Escravos, da tarefa livres,  
Ao Genio alegre as libações offrece  
Do generoso Vinho,  
Sacrificando-lhe o Leitão bimestre.



O D E XVIII.

*A Fauno.*

**F**Auno, amator das fugitivas Nynfas,  
Meigo, e benigno por meus campos passa,  
E poupa estrago aos tímidos rebanhos,  
Quando delles partires.

Sempre te offreço o tenro Cordeirinho,  
Quando se fecha o círculo dos annos;  
Então se entorna o Vinho em teus Altares,  
Fuma o cheiroso Incenso.

E quanto torna o frígido Dezembro,  
Em honra tua pelo hervoso prado  
Brinca o Gado contente, e fôlga a Aldêa,  
C'os Bois do jugo sôltos.

Por entre os já não tímidos Rebanhos;  
Passa o Lobo voráz, derrama o Bosque,  
Em honra tua, as folhas verdejantes,  
Sobre a Terra contente.

O duro Cavador, que alegre exulta,  
Piza tres vezes com prazer a terra,  
Que elle aborrece, por que ingrata,  
Os braços lhe cançára.

\* \* \* \* \*

O D E XIX.

*A Telefo.*

**T**U nos contas, *Ó Telefo!*, as Idades;  
Desde Inaco vertidas  
Até Códro, que á morte, não medroso,  
Pela Patria se deo: de Eáco a Próte;  
E as sanguinosas Lides,  
Que junto aos muros seus Troia observára.  
Esquece-te o melhor: dize a que preço  
Os Balçamos de Chio  
Nós devemos comprar: quem deva as agoas  
Dos banhos aquecer; quem nós prepare  
Reparado aposento,  
Que nos defenda da Invernal saraiva.

Aprom-



Aprompta, ó Mòço, o férvido Falerno  
Da renascente Pébe:

Arraza as Taças, que libar devemos,  
Quando a Noite mais alta os carros guia,  
E em honra de Murena,  
Nove Cópos, ou tres mistura ás Taças.

O Vate que ama as impares Donzellas,  
Excitado c'o Bromio,

Beberá nove Cópos: o que ás Graças,  
Que co'as nuas Irmáas ligeiras giráo,  
Anellar ser acceito,

Temendo as dissensoens, só tres enxugue.

Apraz-me enfurecer: por que não oiço  
Os sons harmoniosos

Da Berecinthia Gaita? e por que vejo  
Muda, e suspensa com a Fruta a Lyra?

Detésto a dextra ociosa:

Eia, desfolhem-se as fragrantas Rosas.

Oiça Lico invejoso o estrepitoso

Som da amavel loucura,

E a bella Mòça, que he de Lico impropria,

Atenta nos escute, em quanto Clóe,

Por amor conduzida,

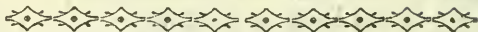
Teus meigos braços, Telefo, procura:

Formosissimo Telefo, que imitas

Nó cabello anellado,

Na linda face o Véspero brilhante,

Goza de Clóe, em quanto me abraza  
A mimosa Glicéra  
A fogo lento as míseras Entranhas.



O D E XX.

*A Pirro.*

**N**ão vês, ó Pirro, o precepicio infausto,  
A que te expoens, roubando os tenros filhos  
Da Leôa Africana?  
Fugirás temeroso do combate,  
Levando a susto a Preza agrilhoada.

Cheia de amor, correndo, ella se avança  
Por entre a turba dos gentis Mancebos,  
Busca o lindo Nearco:  
Prepara-te ao combate; a illustre Preza  
Será do Vencedor o premio, a gloria.

Em quanto tu ligeiros Passadores  
Sobre o arco atezado despedires,  
Ella os dentes afia:  
Juiz imparcial da alta peleja,  
Já depõe a seus pés Nearco a palma:

E aos Zéfiro suaves já permite,  
Que em tórno a seus cabellos perfumados  
Se agitem bolicosos:

Tão bello se verá, qual Nireo fôra,  
Qual Ganimedes foi, roubado ao Ida.

\* \* \* \* \*

O D E XXI.

*Ao seu Tonel.*

**A**lmo Tonel, que viste a luz do dia  
Juntamente comigo, quando Manlio  
Obteve o Consulado,  
Ou póssas atear féros debates,  
Ou brincos folgazoens, loucos amores:  
Ou derrames nas pálpebras o somno:

Sahe da profunda Adéga, em que hes guardado,  
Seja qual for o Mássico, que encérres;

Neste festivo dia

Destapado serás, corra o teu néctar  
Em ondas suavissimas, tranquillias;  
Será bebido em honra de Corvino.

Inda que elle empregado nas severas,  
Socraticas Doutrinas, nunca austéro

Te olhará com desprezo;

Pois do antigo Catão diz-se que hum tempo  
A indomavel virtude se aquecêra  
C'os dons alegres do festivo Bromio.

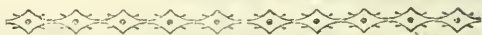
V

O

O' dadiua dos Numes, tu produzeste  
No austéro coração doce tormento,  
E teu vapor suave  
Descobre até dos sábios os cuidados,  
Reconditos arcanos patentea,  
A esp'rança outorga ao coração anciado.

Ao mísero Indigente comunicas  
Resolução, vigor, e já cercado  
Das armas, que lhe emprestas  
Dos mesmos Reis a cólera não teme;  
Entre os cerrados esquadroens mettido,  
Das bravas Legioens não teme o ferro.

As Graças sempre juntas, que não podem  
Seus laços desatar: risonha Venus,  
De Bacho acompanhada,  
E as vivas luzes dos brilhantes Fachos  
Te háo de fazer correr, té que afugente  
O Sol com sua luz dos Ceos os Astros.



O D E XXII.

*A Diana.*

**V**irginal Deosa, Tutelar dos Bósques,  
E dos montes sombriós,  
Tu, que tres vezes invocada, acodes

A's Mães afflictas no apertado lance,  
E que, triforme Deosa,  
Das mãos as roubas da implacavel morte:

Grato te seja o vecejante Pinho,  
Que assombra com seus ramos  
A minha humilde, rustica morada;  
Annual offerenda, em honra tua  
Lédo te yóto o sangue  
De cerdoso animal, que obliquo morde.

\* \* \* \* \*

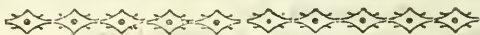
O D E XXIII.

*A Fidilla.*

**S**E as mãos humildes para os Ceos levantas,  
O' rustica Fidilla,  
Quando mostra nos Ceos a argentea Lua  
A renovada face:  
Se com cheiroso Incenso, e novos Fructos,  
Ou com a voráz Pórca  
Os Numes do teu Lar fazes propícios,  
Nem do Austro raivoso  
Fecundas Vinhas chorarás quebradas;  
Nem tuas loiras Mésses  
O duro estrago sentirão da alfôrra;  
Nem provarão teus Filhos  
Os golpes da Estação, que traz os fructos;  
Por que a Victima pura,

Que

Que entre as Néves do Algido se nutre,  
E crêsce, e se apascenta  
Entre as viçosas Faias, e os Carvalhos,  
Que de Alba os Campos cobrem,  
Dos sagrados Pontifices o ferro  
Tingiráo com seu sangue:  
Mas tu, que adornas com cheirosa Murta,  
E grato Rosmaninho  
De teus Penates a elevada fronte,  
Não precisas que o sangue  
Das ovelhas pacíficas se entorne:  
Se tóca nos Altares  
Tua innocente dextra, não mais grata  
A's Deidades supremas,  
Por lhe offertar custosos donativos,  
Os contrarios Penates  
C'o crepitante Sal, piedoso Bôlo  
Tornará's teus amigos.



O D E XXIV.

*Contra os Ricos Avarentos.*

**I**Nda que excedas na opulencia, e fausto  
Os thesoiros dos Arabes, dos Indos,  
Que a força invicta das Romanas armas  
Té agora não tocárão:

Inda que estreites as extensas praias  
De hum mar, e de outro mar com teus Palacios,  
Se a indomavel, fatal Necessidade  
Seus prégos diamantinos

Nas frentes superbissimas encrava,  
Pódes acaso aos golpes esquivar-te  
Do gellado pavôr, quebrar da morte  
Os invenciveis laços?

Melhor o agreste Scyta, cujo alvergue  
Sobre sonóros eixos se transfere,  
Melhor sabe viver o Gêta duro,  
Que os soberbos Romanos.

Cresce entre elles commum doirada Mêsse;  
Dão cultura annual a hum campo; e deixáo,  
Para os outros gozar de iguaes fadigas,  
O Prédio desfructado.

Terna madrastra amima a prole alheia,  
Que a mãi perdêra; nem a rica esposa  
Calca, fiada no formoso amante,  
De seu marido o cólo.

O dóte de mais preço he só Virtude;  
Eis a herança melhor: e a Castidade  
O Leito Nupcial defende, e guarda  
De adúlteros amores:

A falsidade he crime, e a morte o premio:  
Quereis, ó cidadãos, pôr termo a tantas  
Mortandades cruéis, e hum duro freio  
Lançar á civil guerra?

Debaixo das estatuas ler impresso  
De Pai da Patria quem deseja o nome,  
Se opponha á corrupção desenfreada,  
E irá famoso aos E'vos.

Até quando (ó maldade!) á inveja entregues,  
A' existente virtude odio teremos,  
Desejando gozar da já passada  
A' muito a nossos olhos!

Mas de que servem funebres queréllas,  
Se a dura pena não refrea o crime?  
E de que servem Leis, se os bons costumes  
O vigor não lhe outorgão?

Já da tórrida Zona o Clima ardente,  
E as Regioens do congelado Póllo  
Não tem barreiras, que sustenhão, prendão  
Mercador atrevido:

O mar cavado não suspende o Nauta:  
A Pobreza he baldão, que a tudo obriga,  
E das varedas da Virtude afasta  
Os míseros Humanos.



Levemos pois ao Capitolio excelso  
Ricas Joias, as Pérolas, o Ouro;  
Se nos chama o louvor, lancem-se ao fundo  
Dos mares empolados.

E se o remorso o coração nos fere,  
Delle as paixões indómitas se arranquem;  
A mocidade férvida se afaça  
Aos marciaes empregos.

Reger não sabe o Mêço o duro freio  
Ao Ginete feróz, e teme a caça;  
Mas perde o tempo nos perversos Jôgos,  
Que a sabia Lei defende.

O Pai perjuro, que engrossar deseja  
Avido Herdeiro, engana o socio, o amigo:  
Em vão tráfico vil lhe augmenta o ouro,  
E vive na indigencia.

\* \* \* \* \*

O D E XXV.

*A Bacho.*

**D**onde me levas, Bromio; eu já me sinto  
Cheio de teu furor! Que fundas cóvas,  
Que emaranhados Bosques já deviso!  
Eu vôo sobre as azas  
D'Estro sublime, desusado Fogo?

Er-

Erguer nobre Brazão destino a Cezar:  
Eu vou levallo aos astros refulgentes,  
Ao Sólío augusto do supremo Jove:  
Ao som da Lyra canto  
Nunca escutados, sonorosos versos.

Qual sobre o cume dos alpéstre montes  
A férvida Bachante, quando acorda,  
Descobre ao longe o Rhódope trilhado  
De barbaras pégadas,  
A fria Tracia, o Ebro congegado.

Tal eu vejo assombrado os densos Bosques,  
As escarpadas Róchas. Oh! das Nynfas,  
E das Bachantes Arbitro, que podem  
Com vigoroso braço  
Quebrar, fender os arreigados Freixos.

Nada humilde ouvirás, nada abatido  
Hoje nos versos meus, nada de Humano:  
Ardua empreza he seguir-te, ó Bromio, ó Nume!  
Que a sublime cabeça  
De vecejantes Pampanos adorna.

\* \* \* \* \*

O D E XXVI.

*A Venus.*

**J**A', digno escravo da Belleza hum tempo  
Não melitei sem gloria: agora as armas,  
E a eburnea Lyra, por troféos penduro  
Nas paredes do Templo.

Lancem-se aos pés do Simulacro os fachos,  
As rígidas Bipénes, e Alavancas,  
Com que outro tempo as portas se forçárão  
Das Bellas insensíveis.

Formosa Deosa, tutelar de Chypre,  
Potente Nume na calmosa Memphis:  
Ah! digna-te huma vez a dura Cloris  
Ferir com teus flagellos.

\* \* \* \* \*

O D E XXVII.

*A Galatea.*

**T**Ristes presagios acompanhem sempre  
Em seus caminhos os malvados todos;  
A estrada lhe atravésse  
Lôba feróz dos Lanuvinos campos,  
Prenhe Cadella, ou pérfida Raposa.

Enroscada Serpente lhe resurja.  
Debaixo de seus pés, qual léve sétá,  
E silvando assanhada,  
Póssa do côche, que o conduz, co'a vista  
Os ligeiros cavallos assustar-lhe.

Mas para aquelles, cuja ausencia eu temo,  
Como Agoireiro prôvido desejo,  
Que o Côrvo os arés córte  
Do lado Oriental, antes que a Ave,  
Que a chuva nos prediz, busque a Lagôa.

Parte feliz, ó Galatea, e vive  
Onde a fortuna te levar, lembrada  
Sempre do antigo amante:  
Nem sinistro Picanso, ou Graha errante  
Suspender póssa teus ligeiros passos.

Mas

Mas vê com quanto horror se precepita  
O chuvoso Oriente! Eu sei qual seja

O recurvado seio  
Do sombrio Adriatico, e do vento,  
Que hoje galerno sópra, a vil perfídia.

De nossos féros Inimigos sintão  
As Esposas, os Filhos duros golpes  
Dos Furacoens soberbos,  
Que desde o fundo escuro os mares volvem,  
Que ao longe fazem rebramir as praias.

Assim do níveo Toiro a espadua hum dia  
Pelo mar opprimio crédula Europa,  
E descõbrindo o engano,  
Debalde então temeo do mar as furiás,  
Então debalde vio nadantes monstros.

Ha pouco havia nos floridos Prados  
De mil boninas enastrado a c'roa,  
Que ás Nynfas destinava;  
Escolhida da noite escura, e fria,  
Nada pôde ver mais, que os Ceos, e as ondas.

E apenas tóca da opulenta Créta  
Com cem Cidades as soberbas praias,  
De espanto, e raiva cheia,  
Assim bradava: ó Pai, ó doce nome  
De Filha, que eu deixei! onde hoje existo!

São reaes minhas lagrimas, meus crimes?  
Ou sônhô vão me illude a Fantazia?

Acaso antes quizera

Colher no Prado hervoso as tenras flores?  
Cu vir do mar azul cortando as ondas?

De furor, que meu peito abraza, escalda,  
Tão possuida estou, que o faláz toiro,

Tão loucamente amado,

Despedaçára intrépida, quebrando  
As temidas em vão ferozes pontas.

Abandonei sem pejo os patrios Lares:

Resta-me apenas a Infernal Morada:

Por que a aguardo mais tempo?

Se algum dos Numes Sempiternos me ouve,  
Inérme aos Leões rábidos me exponha.

Antes que o Tempo no meu rosto apague

A luz, a formosura, eu seja preza

Dos esfaimados Tigres:

Europa, indigna Europa, hum Pai deixado

Teu crime aos olhos teus julga, e castiga.

Que esperas? que detens? quem te suspende

A merecida morte? Acaso a falta

De duros Instrumentos?

Eis tens os troncos de hum Carvalho, e o cinto,

Que inda teu corpo felizmente aperta.

Se mais te apráz o precepicio, aos olhos,  
D'além se mostra alcantilada rócha:

Eia, aos ares te lança;

Ou, resoluta em fim, Régia Donzella,  
Servir em ferros vis barbara Esposa.

Taes queixumes, sorrindo-se, escutavão  
A Cypria Deosa, o pérfido Cupido,  
Que a Mái acompanhava,  
Sem que atezasse as retorcidas pontas  
Da eburnea Lua, d'onde embebe as sétas.

Ao brinco dando fim, exclama: Europa,  
Eia, pôe termo ás lúgubres queréllas,  
Aos duros ameaços;  
Que bem depressa o Toiro aborrecido  
Tu verás meigo receber teus golpes.

Conhéce que hes de Jupiter Esposa:  
Deixa os suspiros váos; mostra-te digna  
Da sublime ventura:  
Tu vais dar nome, e fama sempiterna  
A' melhor Parte do habitado Mundo,

\* \* \* \* \*

O D E XXVIII.

*A Lidia.*

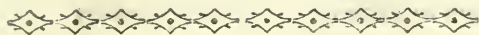
**H**E sagrado a Neptuno este almo dia,  
Oh Lidia, que faremos?  
De huma austéra Moral rebate a força;  
De recondita Adéga extrahe contente  
Doce Licôr do Cécubo espumante.

Metade já transpõe do curso, o Dia,  
Suspenso me parece:  
Tira oh Lidia gentil de teu Celleiro  
A antiga Talha, que o Licôr nos guarda  
Desde o tempo de Bíbulo lacrada.

Firão-se as cordas da toante Lyra,  
Cantemos á porfia  
Ou de Neptuno a magestade, e as verdes  
Madeixas das Nereidas. Tu canta  
De Latona, e de Centia as leves sétas.

Depois unindo a voz, hymnos diremos  
A' Deosa que preside,  
Sobre as fulgentes Cicladás, que Páphos  
Busca no Carro de atrellados Cisnes;  
E, á fria Noite entoaremos Nenias.





O D E XXIX.

*A Mecenas.*

**A** Ti d'Etruscos Principes, Progenie  
Destino oh meu Mecenas, inda intacto  
Tonel de Licôr rubro,  
E para ornar-te a frente,  
Guardo enastradas pudibundas Rosas  
E o Bálçamo, que entorne em teus cabellos.

Não te detenhas, vem; nem sempre observes  
Da fresca, e grata Tivoli os oiteiros  
De Túsculo as Campinas:  
Deixa, a Grandeza, a Pompa  
A quem de perto companheiros seguem  
Momentos sem sabor, Tédio importuno.

Deixa os altos Palacios, que se mettem  
Nas enroladas Nuvens; não te encante  
Da Septicole Roma  
O fumo, o reboliço:  
Aos opulentos Principes, he grata  
Em tudo a variedade, o novo em tudo.

Hum Banquete frugal, Sadio, e Limpo,  
Sob Alizares rusticos disposto  
Sem Docéis recamados

Sem purpura, e sem oiro  
Trazem ás frentes, que o cuidado enruga  
Serena paz, e candida alegria.

Já de Andromeda o Pai mostra seus fógos:  
Já se enfurece Procião, já breme,  
A Canicula ardente;  
O Sol abraza os dias  
Fatigado Pastor co'o manso Armento  
Busca as Sombras, o Rio, e os Ventos dormem.

Tu novas Leis meditas, que o socego  
A Patria possão dar, ao Estado, ao Mundo  
Receias os projectos  
Que contra Roma fórmão  
O Tánais discordante, o adusto Séres  
E Bactra, que já foi de Ciro o Imperio.

Deos esconde o futuro em sombra espéssa  
Com prudente concelho: e dos Humanos  
Escarnéce os temores,  
Se além do justo passão:  
Tu só te occupa do presente, e deixa,  
O mais ás Leis da Providencia eterna.

Tudo se volve qual perenne Rio  
Que huma vez socegado, os mares busca;  
Outra vez espumando  
Leva as penhas, e troncos  
As Aldêas, o Gado, ao longe sôão  
Das agoas co'o bramido, o Bosque, o Monte.

Man-

Manda em seu coração, só vive alegre,  
O que pôde exclaimar, hoje existimos:

Embora envolva Jove  
O Ceo d'escuras nuvens

No dia que ha de vir, ou surja alegre  
Nelle o sereno Sol, e o Pólo aclare.

Frustrar não pôde o Fado, o que he já feito  
E, huma vez existio: não pôde o Fado

Aniquillar os factos,  
Que sobre as leves azas

Troxé inconstante, fugitivo Tempo:

» Taes são as Leis que Jupiter promulga.

Obstina-se a Fortuna em seus Caprichos  
Sempre se apraz de lúgubres revézes:

E as quiméricas honras  
Hoje léda me ortorga,

Logo, volvendo a roda, esparge aos outros  
Os bens, que liberal, me dera, outr'ora.

Se os pés suspende Lubricos, a louvo:

Se bate as leves pennas, eu lhe entrego

Contente, o que me déra,  
E na propria virtude

Me envolvo, e me reparo, e busco ancioso

Sem Gloria, sem Brazoens, Pobreza honrada.

Se as véllas rasga subita Procélla

Eu não recorro a vergonhosas préces

Por que Neptuno irado

Me poupe as opulentas  
Merces de Chipre, e Tiro, sem que ao fundo  
Do avaro Mar augmentem os thesoiros.

Nos escarcêos da solta Tempestade  
Tranquillo, hei de sulcar em lenho exíguo  
As empoladas ondas  
Do Egêo amotinado:  
Hirei seguro com galerno vento  
Co'o gémeo lume que he propicio aos Nautas.

\*\*\*\*\*

O D E XXX.

*A Melpomene.*

**D**Ei fim a hum monumento, he mais duravel  
Que as soberbas Pyramides, que o bronze,  
Alluilo não podem  
Rápidas agoas, que os Penhascos mináo,  
Nem dos fogosos Aquiloens os sôpros,  
Ou dos ligeiros Seculos a fuga,  
E a serie immensa dos vorazes Tempos.

A fria mão da morte impetuosa  
Não pôde todo reduzir-me a cinzas;  
A minha melhor parte  
Se ha de evadir de Libitina aos golpes  
Crescerá meu louvor d'idade em idade,

Em

Em quanto entrar do Capitolio as portas  
O Sacerdote co'a Vestal modésta.

Por onde, pobre d'agoa, o Dáuno corre  
Que agreste Povo innunda, e ferteliza ;  
E o A'ufido espumante,  
Volve apressadas, rápidas correntes  
Dirão, que humilde em Berço, e grande em nome  
Sobre a Terra existi, que ao Lacio estyllo  
Juntei primeiro Eólicos assentos.

E tu, do proprio merito escudada  
De justo orgulho cheia, oh Musa, vôa  
Sobre as azas da Fama :  
E, não duvides circundar-me a frente  
De vecejante Loiro, illustre premio  
Que tu, sacra Melpomene, repartes  
Aos doctos Filhos do fulgente Apólo.

## LIVRO QUARTO.

### ODE I.

#### *A Venus.*

**A** Quem, por tanto tempo as armas tinha  
Cançado, em fim deposto,  
De novo a guerra, oh Venus apregôas  
Esqueça-te hum vencido. Jaz extincto  
Aquelle fogo em mim que hum tempo viste  
Quando duras cadêas,  
Eu, Vassallo de Cinara, arrastrava.

Mãi cruel dos ternissimos Amores,  
Deixa em o ocio tranquillo  
O Mísero Soldado, que já tóca  
Decimo Lustro da ligeira idade,  
Indocil em soffrer teu brando imperio,  
E vôa onde te chamáo  
Da Juventude as súplicas ardentes.

E, se digno de ti, digno de Amores  
Hum coração procuras,  
Puxem os Cisnes candidos teu Carro  
A habitação de Maximo, que as Artes

Cultiva, os Réos defende, he bello, he nobre,  
Teus féros Estendartes  
A toda a parte levará com gloria.

A Fortuna o bafeja, elle triunfa  
Com dadivas prestantes  
D'hum Rival apocado, e já destina,  
Nas frescas margens d'Alagoa Albana  
Consagrar-te marmoreo simulacro  
Assombrado co'as folhas  
Das verdes odoríferas Cidreiras.

Nos teus Altares arderão contínuo  
Suavísimos perfumes,  
Ouvíras mil cançoens, mil brandos versos  
Ao som da Lyra e Berecintia Frauta  
Em honra tua candidas Donzellas  
Com flóridos Mancebos  
Formárão sempre festivaes Choréas.

Eu, de chammas reciprocas já deixo  
A crédula esperança;  
O tempo já passou, já não me he grato,  
Sacrificar a Bromio, e a léda fronte  
Já não me apraz cingir de frescas flores:  
Mas porque Ligurino  
Inda humedecem lagrimas meu rosto?

Huma apóz outra involuntaria corre;  
E fica na garganta  
A vóz que era tão prompta hoje truncada!

Em lisongeiro somno inda te abraço  
E, te sigo, oh cruel, no Marcio campo  
E, te sigo nadando  
Pelas voluveis Tiberinas agoas?

\* \* \* \* \*

O D E II.

*A Julio Antonio.*

**Q**uem procura imitar Pindaro, oh Julio,  
Qual Dedaleo Mancebo, se aventura,  
A dar, voando, em azas enceradas  
O nome aos vitreos mares.

Como torrente que dos montes desce,  
A quem a chuva engrossa, e vence as margens;  
Tal ferve immenso, e férvido se lança  
Altisonante Vate.

Digno he Pindaro só do Delio Loiro:  
Ou elle entôe audazes Dethirambos,  
Ou elle entorne em ondas a harmonia  
Livre das Leis humildes.

Ou Cante os Numes, os Monarchas cante  
Progenie Devinal, que pôde hum tempo  
Os Centauros domar, dar morte á horrenda  
Flamívoma Chiméra.

Ou



Ou elle cante o vencedor em Piza  
Que obtem a Palma, que a entestar o eleva  
Co' o mesmo Olympo, e versos lhe consagre  
Mais nobres que as Estatuas.

Ou elle chore da saudosa Esposa,  
O meigo, e terno Esposo em flor cortado  
E, ergue a virtude aos Ceos, salva-lhe o nome  
Do Lethes invejoso.

Assim voando se equilibra o Cisne  
Honra de Thebas sobre as altas nuvens,  
E sóbe rapidissimo, entestando  
Co' as fulgentes Estrellas.

Eu, igual ás solícitas Abelhas,  
Que vão libando os Nectares das Flores,  
Componho humilde, com trabalho, os versos,  
De Tivoli entre os Bosques.

Tu, Vate mais subido, ah! tu sómente  
Podes Cezar cantar, que ao Carro atados  
Traz, enramando de Laureis a frente,  
Os ferozes Sicambros.

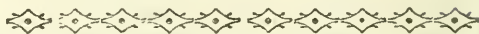
Cezar, preciosa dadiva dos Numes:  
Raro dom que os Destinos nos fizerão;  
E não farão jámais, inda que torne  
A' Terra a Idade d'oiro.

Tu só descanta a sólida alegria,  
O público prazer, pois Cezar volta;  
O Foro emudecêo, fizeram pausa  
Litigiosas vozes.

Se acaso he digno de se ouvir meu canto,  
Teu canto seguirei, bradando, oh dia,  
Dia feliz, que Augusto em fim trouxeste  
Aos ditosos Romanos.

Dez Toiros, dez Novilhos, os teus votos  
Aos Numes pagáráo; tenro Novilho  
Eu só pôsso ofertar, sem Mái já brinca  
Pelos hervosos prados.

As duras pontas, que da frente rompem  
Imitáo Febe no terceiro dia,  
Candida Estrella lhe assignalla a frente  
O corpo todo he loiro.



O D E III.

*A Melpomene.*

**A** Quelle a quem Melpomene benigna  
Meigos olhos lançou no tenro Berço;  
Não buscará, por certo, ouzado Atléta  
Istímicos combates  
Nem de Achaia no câmpo em leve coche

Arras-

Arrastrado por férvidos Ginetes,  
Correrá vencedor. Guerreiros feitos,  
Q'abrem do excelso Capitolio as Portas,  
Não lhe háo de a frente ornar do Delio loiro,  
Por ter vencido os Reis, por ter domado,  
Dos Potentados a Cerviz soberba.

Sómente á sombra de tufados Bosques,  
E pelas margens dos serenos Rios,  
Que férteis tornão co'a fugaz corrente  
De Tivoli as Campinas,  
A nobre Fama buscará, que outorgão  
As Eólias Cançoens. Roma conspicua,  
Soberana do Mundo, eis já se digna  
Entre os amaveis Liricos contar-me,  
Progenie excelsa de sublimes Vates,  
Da torpe Inveja os venenosos dentes  
Menos a clara Fama me ataçalhão.

Tu, que deriges da doirada Lyra,  
Pieria Deosa as concertadas vozes;  
Tu que do Mar aos Incolas dar podes,  
Do Cisne a melodia;  
Se eu sou chamado Vate, e se o Romano  
Povo me mostra ao dedo, e se me aplaudem  
Primeiro Mestre das Cançoens Latinas,  
He teu presente só, dádiva he tua:  
Devo-te a Fama, devo-te a existencia;  
Por ti sou grato ao Mundo, e se meus versos,  
Já celebrados são, tu lhes dás gloria.

\* \* \* \* \*

O D E IV.

*Elogio de Druso.*

Qual Aguia generosa, que o trisulco  
Raio ministra ao Arbitro dos Numes,  
A quem potente Jove,  
O Imperio deo das vagabundas Aves,  
Depois que aos Ceos o loiro Ganimedes  
Levar pôde, fiel, nas pandas azas:  
A quem Patrio vigor, e a juventude,  
Não vista no trabalho, ao ninho arrancão,  
E lhe ensinão golfar volantes nuvens,  
Que impetuosa desce  
Aos currais a empolgar Rebanho inerme;  
E logo o amor da Lide, e a fome obrigão  
A ataçalhar Dragoens, que em vão pelejão.

Ou qual tímida Corsa atenta ao pasto  
Vê ao longe o Leão que as fulvas tetas  
Da mãe deixára á pouco;  
E já, (preza infeliz!) receia as garras:  
Tal dos Alpes nas faldas escabrosas,  
Virão Druso empunhar, brandir as armas,  
Os ferózes Vindélicos rebeldes  
Da Amazonia Bipene as mãos armadas  
O virão Esquadroens, por nós vencidos.  
Dos Ceos alto segredo!

Tan-

Tanto pôde a prudencia, e tanto pôde  
De hum Mancebo o valor, e tanto o peito  
Dos Neroens que adoptára, e anima Augusto.

Dos fortes, nascem fortes, e a virtude  
No feróz Toiro, e févido Ginete,  
He dos Pais derivada.

D'Aguia real não nasce a Pomba imbelle:

Mas pôde a educação dar inór valia  
A' força natural, pôde a cultura  
Desenvolver o Germen das virtudes,  
Dar-lhe viço energia. Onde costumes  
Falecem, de repente o vicio impéra;

Quanto debes oh Roma

Aos valentes Neroens, Metauro o diga;  
Diga-o Asdrubal derrotado. Oh dia  
Sempre formoso nos Romanos Fastos!

De Italia afugentou medonhas sombras,  
E primeiro raiou com luz serena

Depois que Anibal féro,

Qual chamma rapidissima, que abraza  
O denso Bosque, ou Euro impetuoso,  
Que de Cecilia o mar revolve, e turva  
Toda a Espéria assollou. Ditoso dia,  
Em que a Romulea Prole vencedora,  
Com trabalho feliz subio aos Astros!

Então bri'hou de novo

Dos Sacros Templos o esplendor manchado  
Por Africanas mãos: e os altos Numes  
Altar tiverão, Sacrificio, Incenso.

Então bradava o pérfido Africano,  
Já somos preza d'esfaimados Lobos;  
    Não mais a força, o brio  
Hoje, tímidos Cervos provoquemos:  
Poder fugir das garras eslaimadas  
Eis o illustre triunfo, a gloria nossa.  
Nação que evadir pôde o ferro, a chamma  
De astutos Gregos, que abrazarão Troia,  
Assoitada dos ventos, e das ondas  
    Ludibrio longo tempo  
Foi d'inconstante mar, até que pôde  
Tocar d'Hespéria a praia, e dar a Hespéria  
Seus Penates, e Avós, seus tenros Filhos.

Qual nas montanhas d'Algido a Azinheira  
Dos repetidos golpes desbastada  
    Da rigida Bipene  
Se arreiga mais, e mais, tal Roma altiva  
Do mesimo ferro, que a combate, tira  
Mais força, mais vigor, mais cresce em gloria.  
Não d'outra sorte, mutilada a horrivel  
Hydra disforme contra o féro Alcides,  
Que se indignava de se ver vencido;  
    Com mór furia crescia,  
Nem Thebas vio brotar no extenso Campo,  
Nem Colcos pulular entre os venenos,  
Mais alentado furioso monstro.

Embora a possão sepultar no abysmo,  
D'entre as sombras do Cáhos, mais formosa,  
    Ha de elevar a fronte.

Lutem com ella formidaveis braços,  
 Seu mesmo vencedor com baque horrendo  
 Verá cahir na terra. As Máis aos Filhos  
 Contarão lides, contarão triunfos;  
 Eu já não pôsso annunciar Victorias  
 A' Carthago . . . acabou Fortuna, e Gloria  
 Quando Asdrubal expira.

Tudo pôde de Claudio o braço invicto:  
 Jove o defende, e a Mente cautelosa  
 Das mãos o tira do perigo, e morte.

\* \* \* \* \*

O D E V.

*A Augusto.*

**D**Os Numes immortaes, Rómulo he próle:  
 Celeste Genio, Protector de Roma  
 De nós ha quanto tempo te afastaste!

Torna, Cezar á Patria,

Traze-lhe a doce luz. Quando teu rosto  
 Assoma, eis surge a Primavera alegre;  
 Mais doce então se volve o claro dia,  
 He mais sereno o Ceo, mais brilha Apólo.

Qual terna Mái do Filho separada,  
 Que além do mar os ventos lhe demorão,  
 Que com suplices vótos, e com preces  
 Aos Ceos por elle brada

Fitos na praia os olhos saudosos,

Ver arfando o Baixel no mar se fingê.  
Dest'arte a Patria com sinceros votos,  
Busca, aguarða que volte o invicto Cezar

Seguro, em teu Governò o Boi tardão,  
Pasce, e devida a Terra em longos sulcos  
Aima alegria, e paz, e a loira Ceres  
Os campos fertilizão.

O Nauta fende os mares aplainados,  
Nega a sincera Fé a entrada ao Crime  
A casta habitação, as Leis, costumes  
O cauteloso Adultero refreão.

De virtuosos Pais he justa a pròle:  
Corre a sevéra pena a par do Crime,  
Quem teme hórrido Persa, ou frio Scita  
Se impera o grande Augusto?  
Quem se horroriza co'os ferozes Monstros  
Que a Germania produz raios na Guerra?  
Quem se amedronta co'o feróz tumulto  
Que excita lá de longe a inculta Iberia?

O Lavrador conteúdo as horas passa  
Nos montes Paternaes tranquillo, e lédo  
Casa co'os alfos e despidos troncos  
As vides pampinosas.  
Em honra tua libaçõens consagra  
Co'o licôr lédo, dadiva de Bromio  
Entre os Lares Domesticos te invoca  
Como a Grecia invocou, Polux, e Alcides.



Póssas oh Cezar, dos Reinantes honra,  
Fazer volver na Hespéria alegres dias:  
Estes os votos são do Mundo, e Roma

Isto aos Numes rogamos

Quando aponta a manhãa, quando o Sol nasce.

Aos Ceos as mesmas súplicas se inuião

Quando alegres bebemos, quando a Noite

Surge, e o brilhante Sol, no mar se atufa.



## O D E VI.

*Em louvor de Apólo, e de Diana.*

**O**H Numen Domador da raça impia  
De Niobe insolente

De Ticio roubador tu já vingaste  
Sacrilégio delicto.

Tu foste o vencedor do bravo Achilles  
Que da soberba Troia,

Quasi só destruiu os altos muros:  
Da Grecia o mais valente

Só (desigual Soldado) a ti sómente,  
Cedeo nas fortes armas:

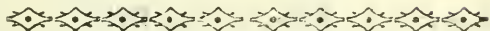
Inda que Filho da Cerulea Thetis  
Inda que as reforçadas

Torres Dardánias aluio co'a lança;  
Cahio, mordendo a Terra,

Qual Pinheiro abalado aos duros golpes,  
Da rígida Bipene.

Ou qual dos soltos Euros combatido,  
 Verdenegro Cypreste.  
 Não foi no seio escuro, e d'armas prehe,  
 Do fementido Bruto,  
 Que votou falso Argivo á Grão Minerva  
 Entre festivas danças  
 Dos míseros Troianos enganados.  
 Com força descuberta  
 Da invicta Espada desfexava raios  
 E, dera crua morte  
 Aos mudos Innocentes, the fexados  
 Nas maternas entranhas;  
 Se o Pai dos Numes, o supremo Jove  
 Vencido de teus rogos,  
 E das ferventes lagrimas de Venus  
 Não permitirá a Eneas  
 Erguer com lédo auspicio outras Muralhas  
 Em Terra mais ditosa.  
 E, tu da casta, harmónica Thalia  
 Tu Preceptor Céleste,  
 Que os ondados finissimos cabellos,  
 Lavas no claro Xanto,  
 Tu defende o Brazão, sustenta a Gloria  
 Das Latinas Camenas.  
 Febo o fogo me dá, que o Genio abraza  
 Dá-me o nome de Vate.  
 E vós Donzellas Candidas, oh Mòços  
 De clara Stirpe, e sangue,  
 A quem protege a Diva, que atravessa  
 Co'as voadoras sétas

Ligeiros Cervos, fugitivos Linceos  
Observai a harmonia  
Dos versos meus, do Lesbico Alaúde.  
Cantai com sons acordes  
O Filho de Latona, a argêntea Febe,  
Que a noite nos aclara,  
Que as ondeantes Mésses nos prospéra,  
E volve alegres Mezes.  
Quando Hymineo suave em laços d'ouro  
Os coraçãoes vos prenda  
Direis então nos seculares Jôgos  
Ao som da eburnea Lyra,  
Repetimos Cançoens do Vate Horacio  
Que aos Numes agradirão.



O D E VII.

*A Torcato.*

**D**Esfez-se a neve, os campos dilatados  
De vecejante relva se matizão  
E, de virente Cónia  
As corpulentas Arvores se enfeitão.  
Muda de face a Terra, os turvos rios  
Eis já se estreitão mais nas vitreas margens:  
Formão as graças nuas  
Co'as gentis Ninfas concertadas Danças.

A successão das Estações, das Horas  
Que os leves dias rápidas nos levão;  
Com alta voz nos bradão  
Que a eterna duração debalde anhelas.

O rude Inverno os Zéfiros abrandão:  
Succede á Primavera o secco Estio  
Que se retira, e foge  
Quando o Outono pomífero aparece.

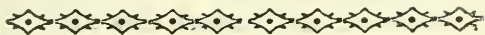
Logo, prestes retorna o frio Inverno,  
Mas finda seu rigor, findão seus damnos:  
Só nós quando descemos  
A's sombras onde existe o pio Enéas,

Onde envolto jaz Anco, e o rico Tullio:  
Somos ligeiro pó, volantes sombras.  
Quem sabe se os Destinos  
Hum dia mais, nos guardão d'existencia!

Tudo quanto ao prazer deres contente  
Escapará das mãos de avaro herdeiro,  
Quando da Parca o ferro  
O fio te cortar da fragil vida,

Quando em seu Tribunal, Minos te julgue  
Nada, oh Charo Torcato, o sangue illustre  
A Eloquencia, a virtude  
Te ha de chamar de novo á doce vida.

Das trévas infernaes tirar não pôde  
Jámais o casto Hippolyto, Djana:  
Nem das prizoens do Lethes,  
Thezeo desliga o pranteado Amigo.



O D E VIII.

*A Censorino.*

**S**E eu de Parrasio os Quadros possuía  
Se as fadigas d'Escopas, que dos Jaspes,  
De Numes, e de Heroes formára Efigies,  
(Bem como aquelle co'os Pinceis no Lenso;)

Déra aos charos amigos  
Ricas Estatuas, Bronzes, e Relevos,  
E Tripodes doiradas,  
Dos fortes Gregos, recompensa illustre.

Nem tu terias, Censorino amado  
As menos ricas dadivas prestantes.  
Estres sublimes monumentos d'arte,  
Os meus estreitos cabedaes exceedem.

Assáz delles hes farto;  
Meiga Fortuna, e Gosto te bafejão;  
Mas pois estimas versos,  
Versos d'estima, e preço, eu pôsso dar-te.

Mas nem marmoreos Bustos, e as pomposas  
Lapidaes inscripçoens que o nome guardão

Doa

Dos grandes Capitaens; d'Anibal féro,  
As rechassadas, e vencidas Hostes;  
D'ímpia Carthago as cinzas;  
Louvão mais o guerreiro a quem deu nome  
A Libia avassallada,  
Que a branda voz das Musas de Calabria.

Se hum livro emudecer, perdes o fructo  
De teus illustres, e guerreiros feitos:  
Onde existíra de Mavorte o Filho,  
Se invejoso silencio se oppozera,  
De Romulo á memoria?  
Podérão versos de sublimes Vates  
Tirar da Estige, Eáco  
Fazendo-o habitador do Elizio campo.

Quebranta a docta Musa as Leis da morte;  
E o prestante Varão conduz ao Olympo:  
O infatigavel Hercules dest'arte  
Pôde sobir de Jove, ao Throno, á Meza,  
Assim Castor, e Polux  
Salvão das ondas combatidos Lenhos.  
Assim do Mundo os votos  
Bromio aceita de pampanos c'roado.

\* \* \* \* \*

O D E IX.

*A Lolio.*

**N**ão creias, Lolio, que a terrível Morte  
Póssa seus golpes desfechar nos versos  
Que eu, nascido Poeta  
Nas Ribeiras do Aufido espumante  
De nunca ouvida Lyra aos sons ajunto.

E se o Throno mais alto occupa Homéro;  
Não ficão sepultados entre as sombras,  
Do mudo esquecimento  
De Pindaro, e Simonides as Musas  
De Stesicoro, e Alcêo os tons severos.

Os voadores Seculos respeitão  
Do folgazão Anacreonte os versos.  
Amor inda respira,  
Da Mõça Eólia nas Cançoens suaves:  
Vive o fogo, que a Lyra lhe abrazava.

Não foi primeiro a decantada Helena,  
Quem se deixou prender do aureo cabello  
Dos soberbos vestidos  
Tecidos d'ouro, de pomposo fausto  
» De hum lisongeiro Adúltero ardiloso.

Não

Não foi primeiro Teucro o que com arte  
As pontas encurvou d'arcos Cidonios  
As sétas embebendo.

Nem setiados vio seus altos muros  
Só dos Argivos a abrazada Troia.

Nem derão só combates sanguinosos  
Dignos da voz, e das Cançoens das Musas,  
Sthénelo arrogante

E o grande Idomeneo. Victimas muitos,  
Antes de Heitor, e Deifobo expirarão.

Muitos Heroes intrepidos vivêrão  
Antes de Agamenon, mas não chorados  
Jazem nas frias cinzas

Não tiverão cantor. Mui pouco dista  
Da vil inercia incognita virtude.

Não deixarão meus versos ignorado,  
Oh Lolio, teu louvor. Teus altos feitos,  
Não deixarei cobertos,

Do esquecimento lívido co'as azas  
Em meu canto, immortal, será teu nome.

Em negocios do Imperio, alma profunda:  
Tu vez com rosto impávido, e seguro,  
Huma, e outra fortuna:

Juiz imparcial, jámais impune  
Deixas o crime, e sordida avareza.



O brilhante metal, que tantos prende  
Perde contigo a força; e nunca expira  
Teu Consulado augusto.

Hes Magistrado sempre, quando inteiro  
Propoens a honestidade aos interesses.

Com pezado sobrolho, austera fronte,  
Tu regeitas as dadivas de Iniquos:

Da virtude escudado

Fazes passar victoriosas armas  
Entre inimigas hostes que resistem.

Tu jámais chames bemaventurado  
Quem tem grandezas, e thesoiros guarda

He sómente ditoso

Quem sabe usar das dadivas dos Numes

Quem soffrer pôde a rígida pobreza.

O que se ancêa, e tímido descóra  
Mais á face do crime, que á da morte:

Aquelle que não teme

O proprio sangue derramar constante  
Se amigos, Cidadãos, se a Patria o pedem.

\* \* \* \* \*

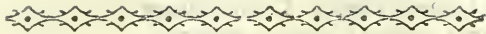
O D E X.

*A Ligurino.*

**L**igurino cruel, e inda formoso,  
E digno inda de amores,  
Quando importuna, inesperada barba  
Vier do rosto teu pizar o orgulho:  
Quando os loiros cabellos,  
Que ora nos alvos hombros te fluctuão,  
Forem mudados pelas mãos da idade.

Quando nas faces mórbidas, e bellas,  
A purpura se eclipse,  
Que ora a côr vence da punicea Rosa:  
Quando teu rosto, que me encanta agora  
Perder o viço, a graça,  
» E a luz dos olhos teus, lânguida, e morta  
E, a frente eburnea, ríspida, e rugosa.

Ai! de inim, bradarás, (quando te vires  
No refulgente Espelho,  
Tão diverso daquelle Ligurino  
Agora encantador.) Por que apeteço,  
O mesmo, que eu negava?  
Porque não corresponde o rosto antigo  
De novo agora aos férvidos desejos?



O D E XI.

*A Filis.*

**E**U guardo oh Filis hum Tonel que encerra  
Ha nove Invernos, o Licôr d'Albano:  
No viçoso Jardim, crescem as Héras,  
Cresce o Aipo abundante  
Que te ficão tão bem, quando aos cabellos  
Delles teces grinaldas florescentes.

Os alizares prateados brillhão;  
E cinge o sacro altar casta verbena;  
O sacro altar, que apetece parece,  
Das victimas o sangue.  
Estão promptas às mãos ao sacrificio  
Girão em torno os Mõços, e as Donzellas.

Ondêa a crepitante lavarêda  
Que o ar toldando vai d'espesso fumo.  
O solemne aparâto, a pompa bradão  
Oh Filis que hes chamada,  
A celebrar os Idus, que devidem,  
O matizado Abril, tão grato a Venus.

Para mim fausto dia, e mais solemne  
Que meu dia natal. Nelle Mecenas  
O gyro começou da idade sua.

Deixa oh formosa Filis,  
Deixa pois de seguir Telefo illustre  
De teus desejos fervidos, objecto.

Donzella mais feliz, mais nobre o guarda  
Envolto, e prezo em ríspidas cadêas,  
Mas que elle beija, voluntario Escravo  
Faetonte abrazado  
Do coche etherio, e lúcido cahindo,  
Desengana avarentas esperanças.

O mal sofrido Pégazo co'o pezo  
Do grão Belerofonte, exemplo he vivo,  
Ao soberbo mortal, na quéda infausta,  
Não transponhas a Esfera,  
Que a sorte te assignou: julgo hum delicto  
Céga ambição, que o desigual procura.

Eia oh Filis, meus ultimos amores  
( Ultimo jugo, que arrastar prometto )  
Estuda doces Arias, que repitas  
Co'a voz encantadora;  
Olha, que os tristes lúgubres cuidados,  
Ao som de mágos versos se dissipão.

\* \* \* \* \*

O D E XII.

*A Virgilio.*

**D**A Primavera lisongeiros Socios  
Já sóprão Tracios ventos, que encrespando  
Do mar azul a trémula planicie,  
Enfunão brancas véllas.

Já de néve as campinas não se alastrão:  
Os crystallinos rios, já libertos  
Dos gelados grilhoens com rouco estrondo  
Não vão cortando os eampos.

A infeliz Ave, que se dóe, se queixa,  
Da morte d'Atis, com mágoado acento,  
Sentindo os dias tépidos fábrica  
Seu ninho industrioso.

(Perpétuo opprobrio da Cecópria Casa  
Q'ardendo em puro zello, ardendo em fogo,  
Da impureza d'hum barbaro Monarcha,  
Impávida se vingá.)

Ao som da frauta agreste, já répetem  
Estendidos na relva brandos versos  
Os Pastores ao Deos, que os gados préza,  
Q'ama d'Arcadia os montes.

A suave Estação, Virgilio, accende,  
Em nós a sêde d'espumante vinho;  
Tu valido dos Principes, tu podes,  
Beber Calleno Nectar.

Eia, apressa-te, e vem; traze comtigo  
Pequeno vaso de Sabeos perfumes  
Elle vale hum Barril, que pousa escuso  
N'Adéga de Sulpicio.

Almo Licôr, que aviva as esperanças:  
Que mil prazeres traz, que accende o rosto,  
E, que do peito túrbidos cuidados  
Espanca para sempre.

Se tanto bem te apraz, corre apressado  
Traz comtigo os bálçamos, são preço  
Das invejadas dadas de Bromio  
» Que alegre te offereço.

Mas não de graça regalar-te intento  
Como na casa de abastado, e cheio,  
Esqueção-te porém fagueiros lucros  
E acode persuroso.

Sempre lembrado da funesta Pira,  
Junta á séria razão, breve Stulticia;  
Que huma loucura a tempo, torna doce  
O pezo da existencia.

\* \* \* \* \*

O D E XIII.

*A Licia.*

**M**Eus fervorosos votos,  
Escutarão os Ceos, Licia, escutarão  
A fria mão da Idade te converte  
Em repugnante velha:  
E, queres inda parecer formosa!  
Inda impudente bebes, e inda danças!

Com voz trémula, e rouca  
Desafias Amor! Amor que he surdo!  
Elle tranquillo pouosa, e meigo habita  
Nas faces delicadas,  
Nas madeixas subtis, no eburneo cólo  
Nos igneos olhos da cantora Grega.

Rindo Amór esvoaça  
Deixa a cortiça de Carvalho annoso,  
E quando vê teus dentes amarellos  
Teus cabellos de neve  
E do rosto escarnado as torpes rugas  
Feicha as azas, e tímido se esconde.

A Purpura brilhante,  
A Pedraria fúlgida, não podem  
Trazer-te os dias da primeira Idade

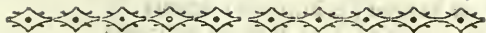
Os florescentes dias  
Que a avara mão do Tempo inexoravel  
Entre a sombra dos Seculos sepulta.

Que he feito dos Prazeres  
Daquella viva graça, e téz mimoza,  
Daquella Licia, que inspirava amores?  
Daquella formosura,  
Que muito a meu pezar, levar-me pôde,  
Captivo o coração, preza a vontade?

E que nos resta agora,  
Daquella Licia que brilhára tanto  
Que apenas em belleza era vencida,  
Por Cinara, que os Fadós  
Nos cõtárão em flor, qual tenra planta  
Que o surdo vento assoita, o Sol derruba!

Destinos invejosos,  
Que deixão viver Licia inda mais tempo  
Que huma importuna Gralha, porque possão  
Os férvidos Mancebos,  
Não sem riso, observar brilhante Faxe  
Tornado em frio pó, tornado em cinzas.





O D E XIV.

*A Augusto.*

**C**Om que braçoens, e títulos famosos,  
O Povo de Quirino  
E o grão Senado dos Conscriptos Padres  
Já pôde eternizar teu nome, oh Cezar!  
Em que Fastos lançar com letras d'oiro  
A Fama eterna das virtudes tuas?

Por onde o claro Sol, ou nasça, ou morra  
Esparge os igneos raios,  
Se he clima donde alvergue a especie humana,  
Alli hés dito, e proclamado sempre  
O maior entre os Principes, d'esta arte  
Teu nome, e Fama aos Astros se levanta.

Aos ferozes Vindelicos, que o Lacio  
Jugo jámais provarão  
Tu fizeste sentir o pezo, a força  
De tuas armas triunfaes; e Druso  
Das vencedoras Legioens á frente  
Pizou, venceo, Genânos indomaveis.

Domou velozes Brenos abatendo  
Innacessas Trincheiras  
Postas nos cumes dos tremendos Alpes.

Logo o primeiro dos Neroens entorna  
Rios de sangue, e impávido derrota  
(Feliz auspicio!) os Rêssios belicosos.

Digna scena de ver-se! Eis já no meio  
Das combatentes Hostes,  
Que victimas abate! E quantas frentes  
(Miseravel ruina!) entrega á Morte!  
Corre, qual Austro, que revolve as ondas,  
Quando as Pleiades rásão densas nuvens.

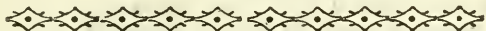
Tiberio corta os Esquadroens armados  
Qual Aufido expumante  
Que da Calabria o campo alaga, e cobre;  
Assim valente, e rápido arremeça  
O Ginete feróz por entre as chammas  
As Falanges dos Barbaros derruba.

Inda que armadas venhão d'aço, e ferro;  
Com ímpeto espantoso,  
Alastra de cadaveres a Terra;  
Sem sangue he vencedor: assim triunfa.  
Tu, Numen Tutelar, seus passos guias,  
Tu lhe dás armas, tu lhe dás concelho.

E tres lustros depois, tornando o dia  
Em que humilde, e submissa,  
De Alexandre a Metropoli te abrira,  
Seu vasto Porto, seus desertos Paços,  
Ventura sempre igual, poz termo á Guerra  
Teu Imperio acabado, encheu de Gloria.

Oh Genio Tutelar de Italia, e Roma  
O Indo, o Partho, o Scita  
O Cántabro indomado hoje te adorão  
O Nillo que aos Mortaes a frente esconde:  
Já te admira o Danubio alto, e profundo,  
E o Tigris rapidissimo, te aclama,

E o Mar que brame rouco, e furioso  
(De monstros povoado, )  
Nas Costas d'Albion, recebe humilde  
As Leis, que tu lhe impões. O Ibéro ardente,  
E o Trace ousado, que despreza a morte,  
A teus pés, c'o Sicambro, as armas prostrão.



O D E · XV.

*Elogio d' Augusto.*

**A**O som da eburnea Lyra, em magos versos  
Destinava cantar da Guerra os tranzes  
Muros entrados, derribadas Torres,  
Eis do Olympo me brada,  
Auri-Crinito Apólo, e não consente,  
Que eu golfe o mar Tirreno em fragil Barca.

He tua Idade, Augusto, a idade d'ouro  
Os Campos cobre d'abundantes Mésses:  
Ao Capitolio, a Jove, hoje são dadas

A perdidas Bandeiras  
Arrancadas de novo ao Persa ousado  
Feicha-se o Templo do bifronte Jano.

Geme, enfreado, o Crime audacioso  
Reina, a Justiça, a Paz; e os vícios morrem  
Brilhão de novo as desprezadas Artes,  
Com que o nome Latino  
Sobíra aos Astros, e de Italia as forças,  
Tanto crescêrão na passada Idade.

Voa do Imperio, a magestade, a fama  
The onde nasce o Sol, e onde se occulta.  
Em quanto Cezar, manejar as rédeas,  
Ao Povo de Quirino,  
Da Civil Guerra a Furia Sanguinosa,  
Não veremos surgir do Inferno horrendo.

O Furor cégo, que os Punhaes aguça  
Que arma contra os Mortaes, Mortaes soberbos,  
Q'entre Cidades, e Cidades alça  
O Faxe da Discordia,  
Os ternos laços desatar não pôde  
Da Paz que nós conserva, e que nos guarda.

Os Habitantes da Germania fria,  
Que do fundo Danubio as agoas bebem,  
Os Persas infieis, Sérés, e Getas,  
Os Póvos que nascêrão  
Do Tánais pelas margens congeladas  
De Julio, o Edicto, as Leis, submissos guardão.  
E,

E, nós contentes nos sagrados dias  
Entre as fagueiras dadas de Bromio  
Co'os ternos Filhos, co'as fiéis Esposas  
Com sacrosantos ritos  
Invocaremos os Supremos Numes  
» Entre fumo odorifero de Incenso.

E, ao som da Lidia Frauta, os altos feitos  
Dos Vencedores Capitães cantando,  
Sua virtude aos Astros ergueremos,  
E sobirá com ella  
De Anchises, e de Troia, o nome, a gloria  
E d'alma Venus a Progenie excelsa.

---

## LIVRO DOS EPODOS.

### E P O D O I.

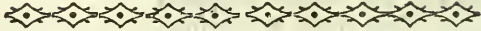
*A Mecenas.*

**E**M ligeiros Baixeis, cortando as ondas  
Hirás charo Mecenas,  
Entre os pujantes, torreados Lenhos,  
Do rebelado Antonio  
Expondo a vida ao mar, ao ferro, ao fogo  
A que se exponha Augusto  
Eu, que devo fazer, que só contigo  
Póssó prezar a vida?  
(Sem ti me he grave a vida, e doce a morte)  
Gozarei do repouso  
Que eu não desejo, e busco, se a teu lado,  
Não provo seus prazeres?  
Vestirei férreas armas, que mal cumprem  
A fragil peito imbelle?  
Eu seguirei com animo prestante,  
E sem temor teus passos  
Pelos serros dos Alpes congelados  
E Caucaso intratavel  
E, pelas que o Sol últimas devisa  
Inhabitadas praias.

Mas

Mas que póssó ajudar-te, inerte, e froxo,  
Nos transe de Bellona?  
A dura ausencia dilatada augmenta  
Meus tristes sobresaltos,  
Afrontando a teu lado a morte escura  
Serão menos pezados.  
Tal a Pomba solícita esvoáça  
Em torno ao charo ninho:  
Co'as meigas azas cobre implumes Filhos  
Temendo a negra Serpe.  
Longe do Lar pequeno, inda mais teme,  
Os Silvos espantosos  
Junto d'elle talvez servir podéra  
De Escudo aos féros golpes.  
Hirei, pois sem pavor, da horriavel guerra  
Ver a face medonha.  
De teu amor na sólida esperanza,  
Desafiando a morte,  
Não porque intente fecundar mais campos  
Com próvida Lavoira.  
Ou conduzir Armentos numerosos  
Dos pastos de Calabria,  
Aos vales de Lucania, antes que Sirio  
Dardeje ardentes chammas;  
De meu pobre casal chegando os marcos  
De Túsculo ás Muralhas.  
Os beneficios teus cumprirão promptos,  
E excedêrão meus votos.  
Eu não desejo amontoar thesoiros,  
Qual avarento Crêmes,

Para os gastar, qual gasta o desleixado,  
Dessipador Herdeiro.



E P O D O II.

*Louvor da vida Campestre.*

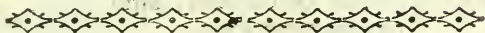
**H**E só ditoso aquelle, que afastado  
Do estrépito do Mundo  
Frugal, co'os proprios Bois cultiva o Campo  
Que de seus Pais herdára,  
Livre do torpe lucro: assim vivêrão  
Os primeiros humanos.  
O som medonho da guerreira Tuba,  
Jámais o sobressalta.  
Do irado mar não teme as roucas ondas:  
Nem desvelado corre  
Aos Tribunaes, aos Porticos dos Grandes  
Ao despontar d'Aurora.  
Ora co'o Chopo antigo, enlaça, e prende,  
As pampinosas vides,  
Co'a recurvada Foice, outr'ora corta,  
Os inuteis renovos,  
E, hum tronco mais feliz n'hum tronco encherta  
Já no fundo dos vales,  
Contente vê pastar fecundo Armento  
Que atrôa o ar mugindo.  
Já cresta o loiro mel; já das ovelhas,  
Tosquia os crespos vêlos.



Ergue o fecundo Outono a leda fronte  
De Pómos coroada ;  
Quanto lhe apraz colher do ramo a fruta  
Que elle mesmo enchertára !  
Cortar da cepa humilde o doce cacho ,  
Que á purpura se iguala ?  
Taes dons a ti Silvano , a ti Priapo  
Consagra nos altares,  
Quer acaso encostar-se á sombra fresca  
De antigas Azinheiras ?  
Ou na relva tenaz , que enroupa os Campos ?  
As agoas que murmurão ,  
O brando som das Aves lisongeiras  
Co'as agoas misturado ,  
Do somno os doces balçamos lhe entornão ,  
Nas palpebras cançadas.  
Ou quando Jove no sombrio Inverno  
Tóá , e derrama o Gello ,  
Então lhe apraz colher na cauta rede  
O Javali cerdoso ,  
Acossado dos caens , que látem féros  
Nos matos intrincados.  
Aos Tordos comilloens , fôrma aboizes ,  
Em cilada escondida ,  
Apanha a Lebre tímida , e ligeira.  
No laço ou visco enrêda ,  
O Grú de arribação , premio jocundo  
Da fadiga innocente.  
Podem d'Amor acaso , entre estes brincos ,  
Lembrar as férreas sétas ?

Se d'outro lado a casta, e terna Esposa,  
Qual antiga Sabina  
Mulher do forte Calabrez, queimada  
Do Sol, e ardente Clima  
O ajuda em seu trabalho, e educa os Filhos,  
Se quando á noite torna  
Dos rusticos empregos fatigado,  
Accende a antiga lenha,  
E, das Ovelhas, que aos Rediz levára,  
Ordenha o doce nectar,  
Se do Tonel bojudo extrahe contente  
Almo Licor de Bromio . . . .  
Eu taes regallos, preferíra alegre  
A's Ostras de Lucrino  
Ao saboroso Peixe, que mil vezes  
A negra Tempestade,  
Que o vento oriental conduz nas azas  
Troxé ás praias de Hespéria.  
Ave Africana, saborosa, e tenra,  
O Francolim de Jonia,  
Nunca tão gratas a meu gosto forão,  
Como forão no Campo,  
As hervas salutíferas ao Corpo;  
Os fructos da Oliveira;  
Ou mimosa Novilha dessangrada,  
De Terminó nas festas:  
Ou do Lobo feróz tirado ás garras  
O tenro cordeirinho.  
Quam grato he ver entre frugaes Banquetes  
Tornar mansas Ovelhas

Já do pasto aos curraes, e os Bois cançados  
Trazer do Arado o ferro,  
Pendurado do lânguido pescoço,  
E ver em torno ao fogo,  
Assentados os simplices Escravos  
Que na casa nascêrão,  
Alfio Usurario discorreu dest'arte  
Prompto a buscar o Campo.  
Ajunta os cabedaes, que tinha a juro,  
Mas de novo os empresta.



E P O D O III.

*A Mecenas.*

**S**E ha Parrecida que do Pai caduco,  
O sangue derramasse;  
Alhos coma sómente, que a Cicuta  
He menos venenosa.  
Oh cegadores rusticos, vós tendes  
Estomagos de ferro!  
Que veneno cruel me despedaça  
As torradas entranhas!  
Atróz peçonha, Vibora cruenta  
Lançou nestes manjares  
Ou, delles foi maldita cozinheira  
A pérfida Canidia.  
Quando o bello Jazão, dos Argonautas  
O Conductor Valente,

Foi

Foi subjugar os indomaveis Toiros,  
Sob ignorado jugo;  
Medéa os membros lhe banhou co'o çumo  
Dos alhos expremido.  
Antes que as rédeas aos Dragöens Sanhudos  
Batesse sobre os ares,  
Fugindo de Corintho, com tal çumo  
Os vestidos molhava  
Com que do leito seu vingava a afronta  
Na Rival innocente.  
Jámais nos campos de Calabria, Sirio  
Vomitou tanto fogo,  
Jámais nas veias do valente Alcides  
De Nezo as vestiduras  
Tantos accezos turbilhoens lançarão  
De chamma abrazadora.  
E se veneno tal, teu gosto prende,  
Verás, charo Mecenas  
Como de ti fugindo a terna Mõça  
Teus osculos regeita.

\* \* \* \* \*

E P O D O IV.

*Contra Mênas.*

Qual se observa perpétua antipathia  
Entre o Lobo, e Cordeiro,  
Tal a aversão, discordia sempiterna  
Que a Natureza inspira,  
A meu peito por ti, malvado infame  
Q'inda o corpo conservas,  
Do Hiberico Azurrague retalhado.  
Q'na escarnada perna  
Tens os signaes das asperas correntes  
E vilissima braga  
Embora campeando audacioso  
Ostentes vão thesoiro,  
A brilhante Fortuna não disfarça,  
Teu vilissimo Berço  
Quando arrastras, vaidoso, a ondada veste,  
Enchendo a larga rua;  
Olhando de revés, todos te insultão  
No peito lhes não cabe  
A livre indignação, todos exclamão  
Eis o illustre Romano  
Tantas vezes do assoite fustigado  
Que o Porteiro cansava  
Hoje layra de Terra immensas geiras  
Nos Campos de Falerno,

E,

E, sob os pés de alípedes Cavallos  
 Treme a Terra, se passa.  
 De Oton pizada a Lei se assenta altivo  
 Nos degrãos do Theatro  
 Que a mesma austéra Lei, marca ao Senado.  
 De que serve apromptar-se  
 A tanto custo fluctuante Armada  
 Contra Escravos rebeldes  
 Contra Piratas vis, se he Mênas feito  
 Supremo Commandante?



E P O D O V.

*Contra Canidia Feiticeira.*

**N**Umes, oh Numes, Arbitros do Mundo  
 Que com potente braço  
 Desde o sereno Ceo, regeis a Terra!  
 Q'insólito temulto!  
 Por que se volvem com rancor os olhos  
 De quantas me contemplão?  
 Dizei: por vossos Filhos vos conjuro,  
 Por Lucina invocada,  
 E pela illustre Purpura, que visto,  
 E por Jove Supremo,  
 Porque me olhais qual aspera Madrasta  
 Ou, qual Féra nos Bosques  
 De voadora sêta penetrada?  
 Apenas tenro Infante,

Exhalou com voz trémula taes queixas  
Das vestes o despoção  
Seu bello corpo enternecido houvera  
O bellicoso Trace.  
Feróz Canidia, sôltos os cabellos,  
Q'as Serpes enlaçavão,  
Dentro de hum fogo magico mettia  
As folhas da Figueira  
D'entre as pedras d'hum Tumulo arrancadas,  
E o funebre Cypreste,  
E da Coruja os ovos, e a plumagem  
Tintos no torpe sangue  
De huma palreira Ran, eervas trazidas:  
De Cólcos, e de Hibéria.  
Duros Paizes, de venenos férteis,  
E os óssos arrancados  
Das fauces de Cadella esfomiada.  
Depois, correndo em torno,  
A feróz Maga, os angulos da casa:  
Borrifa a nua Terra  
Co'o Licor, que tirou do Estigio Lago.  
Qual Javali, que foge  
Qual o marinho ouriço, se lhe irrição  
Na cabeça os cabellos;  
Veia incensivel, ao remórso, ao grito  
A' voz da Consciencia,  
Co'a dura Enchada escava a Terra fria,  
E geme de trabalho;  
Fórma cova profunda onde soterre  
O mísero Menino.

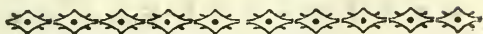
Deixando á flor da Terra a face imberbe  
 Como fica nas ondas,  
 Do forte Nadador suspensa a fronte.  
 Só podendo co'a vista  
 Hir tocar os manjares que no dia  
 Tres vezes lhe renovão,  
 Para que ás mãos de descarnada fome  
 O mísero expirasse.  
 E arrancando-lhe o Fígado, e as Médulas  
 Para formar hum Filtro  
 Poderoso em amor, quando em seus olhos  
 Fitos nas iguarias,  
 Se embaciásse a luz: já não faltava  
 Ao feitiço horroroso,  
 Mais do que a torpe Folia a cujo encanto  
 Dos Ceos se despegavão  
 A branca Lua, as lúcidãs Estrellas:  
 (Se he certo o que assoalhão,  
 Da ociosa Parthenope os visinhos)  
 Eis chega a Feiticeira,  
 Canidia então roendo as negras unhas,  
 Que meditou, que disse?  
 Testemunhas fiéis destas fadigas,  
 Que reinais no silencio,  
 Quando os mysterios mágicos se formão,  
 Oh noite, oh tu Diana,  
 Decei dos Ceos oh Numes vingadores,  
 Contra meus Inimigos,  
 Em quanto as Féras nas montanhas dormem,  
 Prezas em doce somno;



Os Caens no bairro de Suburra uivando  
 Raivosos vão seguindo,  
 Esse adúltero velho, digno objecto,  
 De mófas, e rizadas;  
 De pomada odorifica inundado,  
 Que nunca tão perfeita  
 Sahio das minhas mãos industriosas.  
 Mas estes vingadores,  
 Pestiferos venenos não produzem  
 Seu desejado effeito.  
 Nem tanto podem, como póde aquelle  
 Vestido enfeitado,  
 Que á soberba Rival mandou nas nupcias,  
 A barbara Medéa.  
 Mas eis occulta em asperas montanhas  
 Raiz encantadora,  
 Illudida me traz; dorme tranquillo  
 Como se acasq o leito  
 Em que jaz, lhe molhasse o turvo Lethes.  
 Mas ah! que se levanta,  
 Mais poderosa Maga o encanto quebra  
 Com mais potentes versos!  
 Mas ah Varo! (Que lagrimas te esperão!)  
 Mais efficaz bebida,  
 Te vai unir a mim: quando enlaçado  
 Teu coração conserve  
 Não, não te hão de soltar marcios encantos.  
 Eu te preparo hum Filtro,  
 Mais poderoso, que os encantos todos,  
 Q'teus desdens mais forte.

Será mais baixo o Ceo, que as salfas ondas,  
Mais alta que as Estrellas,  
Primeiro se verá sobindo a Terra  
Senão arder d'amores,  
Por mim teu coração, como arde em chammas  
Este negro Bitume.  
A taes palavras o infeliz Menino  
Já não procura meigo  
Taes Monstros abrandar, suspenso hum pouco  
Rompe o silencio, e brada,  
Como bradava o mísero Thiestes,  
As Furias invocando.  
Podem, malvadas, os encantos vossos  
Contra os mortaes mesquinhos  
Contra os clamores da Justiça, podem,  
Porém não vos isentão,  
Da merecida pena, e tal delicto  
As Victimas não pagão.  
Devo expirar em fim; mas sombra nua,  
Como nocturno Spectro,  
Ululando, contínuo, o atróz semblante,  
Vos rasgarei raivoso;  
O somno espancarei de vossos olhos,  
Com fúnebres bramidos  
(Terão tal força os indignados manes)  
A Plebe alvoroçada  
Vos ha de apedrejar de rua em rua;  
Infames Feiticeiras,  
Hão de ser vossos lacerados membros  
Pasto de féros Lobos,

Pasto de Corvos do Esquilinio Monte  
E meus Pais desgraçados,  
Possão ver com seus olhos inda hum dia,  
Esta horrorosa scena.



E P O D O VI.

*Contra Cassio Severo, Poeta maléfico.*

**M**Astim perseguidor que a todos ladras,  
E, só tímido, e froxo,  
Contra ferozes denodados Lobos.  
Dize, porque não volves  
Os teus agudos venenosos dentes,  
Se os meus tu não receias?  
Qual hum Dogue do Epiro, ou Cão Laconio  
Dos simplices Pastores  
Guarda sempre fiel, hirei constante  
Até por alta neve,  
De qualquer Féra proseguindo o rasto.  
Tu, depois de atroares,  
Com teus latidos os sombrios Bosques,  
Farejas a comida,  
Q'bemfazeja mão lançou na Terra.  
Ah! teme que eu levante,  
As sempre féras-retrocidas pontas,  
Contra Imigos malvados.  
Provarás meu furor, qual já provarão,  
O pérfido Licambe,

Das

Das mãos do Genro, e Búbalo inimigo.  
Esperas desgraçado  
Se algum me abocanhar, que eu chore inulto  
Qual Menino innocente?

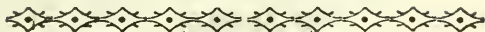
\* \* \* \* \*

E P O D O VII.

*Aos Cidadãos Romanos.*

**I**mpios, onde correis? Lampeja o ferro  
Em vossas mãos cruentas,  
E não basta inda o sangue, que entornaste,  
Na Terra, e vastos Mares?  
Mas não correu nos levantados muros,  
Da Inimiga Carthago.  
Delle o preço não foi Britano invicto  
Q'á triumphal Carroça,  
Viesse atado ao sacro Capitolio,  
Dar mais braçoens a Roma.  
Fol delle a Patria objecto; e foi Theatro  
Das suas proprias armas,  
Assim dos Parthos preencher quizestes,  
Os temerarios votos.  
Sempre o Leão sanhuído estende as garras  
Contra a diversa especie.  
Sanguinario furor nos tapa os olhos,  
Ou nos arrastra o Fado.  
Co'o proprio sangue d'execravel Crime.  
A expiação fazemos.

Do Fratrecidio. Vingador Destino  
Os Romanos persegue;  
De Remo o justo sangue, inda resalta  
Nos tristes Descendentes.



E P O D O VIII.

*Contra huma Velha dissoluta.*

S ão já negros teus dentes; em teu rosto  
Móra torpe velhice,  
Inda pertendes, Século ambulante  
Prender-me em doces laços?  
Hediondo Esqueleto, que me importa  
Que tenhas sangue illustre?  
Que Imagens triunfaes venhão cercar-te  
O Féretro medonho?  
Que Pingentes de Perolas mais finas,  
Nenhuma Esposa traga?  
Pôde amor accender-me, porque guardas,  
Estoicos Escriptos  
Entre almofadas de bordada Seda?  
Oh repugnante Velha,  
Debalde tentarás, co'a voz, com tudo  
Inspirar-me ternura.

\* \* \* \* \*

## E P O D O IX.

*A Mecenas.*

**E**, Quando poderei feliz Mecenas  
 ( Assim aprouve a Jove )  
 Sob altos téctos celebrar comtigo  
 Os triunfos de Cezar ;  
 Bebendo do bom Cécubo guardado  
 Para festivos dias ?  
 Ressoárão meus versos entoados  
 Ao som da Frauta , e Lyra ,  
 Em Frigio tom , em Dorico , bem como  
 Descantámos á pouco  
 Quando o Neptunio Heroe vencido , e roto  
 Co'os Lenhos abrazados  
 Fugio no undoso Mar ; elle que a Roma  
 Cadêas preparava  
 Aos pérfidos Escravos arrancadas.  
 Os Illustres Romanos  
 ( Talvez não creia o Seculo futuro )  
 Huma Mulher seguindo  
 Armas vestindo , as ordens escutavão  
 De encarquilhado Eunuco.  
 E , via o Sol os Pavilhoens soberbos ,  
 Da vaidosa Egypcia ,  
 Entre as Romanas Aguias levantar-se !  
 Da vergonhosa scena

Os Francos Cavalleiros indignados  
Os arraiaes deixáráo,  
Viva Cezar, bradando, as Náos ligeiras  
No Porto se encondêráo,  
Varando em terra as recurvadas popas;  
Viva o grande Triunfo!  
Tu retardas as Victimas intactas,  
E as doiradas Carroças,  
Pois, nem da Guerra Jugurtina veio,  
E das Púnicas lides  
Maior Triunfador, inda que fosse  
Da soberba Carthago,  
O Illustre Domador, cuja virtude  
Fez das altas ruinas,  
Soberbo Mausoléo. No mar, na terra  
Foi vencido o contrario  
Da dor a veste lúgubre, transforma  
Em púrpura brilhante,  
E, á despeito dos ventos conjurados  
Busca as praias de Créta  
Com as cem Cidades orgulhosa, e nobre,  
Busca as ventosas Sirtes,  
Ou erra vagabundo em mar ignoto,  
» Onde o leva o Destino.  
Arraza, oh Môço, os cópos do espumante  
Vinho de Scio, e Lesbos,  
Ou, bebamos do Cécubo precioso,  
Q'o coração conforta  
Nelle se afoguem, sobresaltos, sustos,  
Que Cezar nos custára.

\* \* \* \* \*

## E P O D O X.

*Contra Mevio Poeta.*

**L**Argue, solta do Porto a Náo que leva  
 O fedorento Mevio  
 Com triste agoiro, Furacoens juntai-vos  
 Batei co'as bravas ondas,  
 Do Lenho fragil ambos os costados.  
 O furioso Boreas  
 Revolva o turvo mar, quebre-lhe os remos,  
 Rasgue-lhe sôlto panno,  
 Sópre rijo Aquilão, qual brame irado  
 Sobre as altas montanhas,  
 Quando os troncos abate, e desarreiga.  
 Nunca em noite profunda,  
 Veja brilhar no Pólo amiga Estrella  
 Naquella plaga ethérea  
 Onde o frio Orion, se esconde, e encerra.  
 Seja-lhe o mar tão bravo,  
 Qual foi n'outr'ora aos Gregos vencedores  
 Quando, abrazada Troia,  
 Voltou Minerva, seu rancor, seu odio,  
 Contra o Baixel ímpio  
 Do sacrilego Aiáce; e quanto deve  
 Suor enregellado,  
 Cobrir teus Nautas assustados! Quanta  
 Palidez espantou,

Se



Se ha de ver em teu rosto ! Que alaridos  
Deves lançar aos ares ?  
Que inuteis votos formarás a Jove  
Quando os mares, os ventos,  
A' porfia bramindo, o debil Lenho,  
Nos Roxedos quebrarem !  
Teu corpo exangue sobre a praia nua  
Sirva de pasto ás Aves,  
Então, contente, ás negras Tempestades,  
Sobre cruentas aras,  
Offertarei com denegrída Ovelha  
Libidinoso Cápro.

\* \* \* \* \*

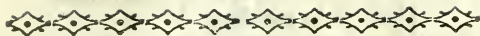
E P O D O XI.

*A Péssio.*

**J**A' não me apraz, oh Péssio ao Som da Lyra,  
Compor sonoros versos.  
Amor, Tyranno Amor, me abraza o peito,  
E o coração me prende.  
Já por tres vezes, frígido Dezembro,  
De verdejante Cónia  
Os Bosques despojou, depois que Ináquia  
Deixei d'amar furioso.  
Eu fui, (quê pejo!) a fabula de Roma!  
Ao dedo me apontavão.  
Até detesto, os festivaes Banquetes,  
Onde hum triste silencio,

Trun-

Truncados ais, e languidez profunda,  
     Meu amor delatavão.  
 Depois, que o Nume férvido, indiscreto  
     Me arrancava do peito  
 O segredo escondido, eu te exclamava,  
     E, pôde o torpe lucro  
 Vencer, e suplantar do Engenho os dotes?  
     Mas se em fim justa bilis,  
 Livremente do peito já rompendo  
     Tão inuteis soccorros,  
 Q' nunca os golpes meus cicatrizavão.  
     Aos ventos entregava,  
 Deixando de lutar, mesquinho, e pobre,  
     Com Rivais opulentos;  
 Se assim determinado, me levanto  
     Das opiperas Mezas,  
 Buscando, a teu aceno, o proprio Alvergue,  
     Os passos vacilantes,  
 A meu pezar, incertos me conduzem  
     Ao Limiar tyranno  
 Da dura Porta em que jazi mil vezes,  
     Abatido, e cançado.  
 Agora amo Licisco, que se préza  
     De exceder em ternura  
 As mais mimosas, delicadas Môças.  
     Tão suaves cadêas,  
 Não me farão quebrar concelho austéro,  
     Nem revêzes da sorte;  
 Mas outro amor sómente que me abraze,  
     Em chamma mais ardente.



E P O D O XII.

*Aos Amigos.*

**A** Abobeda dos Ceos se feicha escura  
Co'a negra Tempestade,  
Desfaz-se o ar turbado em neve, e chuva,  
Nos Mares, e nos Bosques,  
O Treicio Aquilão brame furioso.  
Charos, doces amigos,  
Aproveite-se hum dia em quanto a Idade  
He forte, e vigorosa,  
Em quanto o velóz tempo nos convida,  
Afoguem-se as tristezas,  
Da velhice cruel, que a fronte enruga:  
Corra espumante Vinho,  
Que comigo nasceo, quando Torcato,  
Obteve o consulado,  
Tratemos de beber, não de negocios.  
Benigna Providencia,  
Tudo ha de regular, só cumpre agora  
De balçamo Achemenio  
Innundar o cabello, ao som da Lyra  
Afugentar cuidados.  
Estas grandes liçoens dava o Centauro  
Ao já crescido Alumno,  
Invencivel Mortal, digna Progenie  
Da maritima Thetis.

Eis

Eis o campo te aguarda, que o Escamandro  
 Corta co'a fria linfa.  
 E o Símois tortuoso, duras Parcas  
 A tornada te negão.  
 Nem pôde o pranto da cerulea Thetis,  
 Fazer que á Patria volte.  
 E, quando junto aos levantados muros  
 De Troia te acamparés,  
 Afoga em roxo vinho, em doce canto,  
 Os túrbidos cuidados.

\* \* \* \* \*

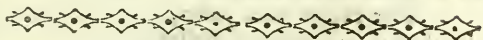
E P O D O XIII.

*A Mecenas.*

**M**Eu ingenuo Mecenas, tu me affliges,  
 Tantas vezes bradando,  
 Porque motivo a languida Preguiça,  
 Entorna na minha alma,  
 Tão frio, tão profundo esquecimento,  
 Que dizer-se podéra,  
 Q'a grandes sorvos hei bebido as turvas  
 Ondas do fundo Lethes!  
 Hum Deos, hum Deos dispotico me véda  
 Impôr ultima Lima,  
 Aos promettidos coméssados Jambos.  
 Dest'arte Anacreonte,  
 De amor ardeo pelo gentil Batilo,  
 Que sobre a branda Lyra,

Pou

Pouco limados versos entoava,  
 Tu Victima d'amores,  
 Não sentes jugo igual? Se o fogo ardente  
 Q consumirá Troia  
 Não foi mais bello, que a suave chamma,  
 Que o coração te abraza,  
 Deixa que eu viva, que suspire prezo  
 Nos saborosos laços,  
 De Frine encantadora, que inconstante  
 Me rala, e me atormenta.



E P O D O XIV.

*A Neêra.*

**E**Ra de noite: a prateada Lua  
 Brilhava entre as Estrellas;  
 Quando tu nos meus braços enlaçada  
 Mais do que a fragil Era,  
 Se enlaça ao tronco d'hum Carvalho annoso,  
 Para offender os Numes  
 Proferias sagrados Juramentos,  
 Q'eu mesmo te dictava:  
 Em quanto o féro Lobo infesto fosse,  
 A's simplices Ovelhas,  
 E inimigo Orião turvasse os mares,  
 Aos Nautas sempre infesto  
 Em quanto aura subtil do loiro Apólo  
 Encrespasse os cabellos,

O nosso mútuo amor seria eterno.  
Oh pérfida Neêra,  
Quantas amargas lagrimas te deve,  
Custar minha virtude!  
Se acaso pôde alguma coisa Horacio,  
Não passarás impune  
Da fria noite as vagarosas horas  
De meu Rival nos braços:  
Raivoso hirei buscar quem corresponda;  
A meu amor sincero.  
Porém se acaso lívido ciume,  
Vier rasgar meu peito,  
Hei de ultrajar mil vezes a belleza  
Da Ingrata que me offenda;  
Sem que pôssa huma vez minha constancia  
Ceder á Formosura,  
Oh tu feliz Rival, tu, que triunfas  
Da minha Desventura,  
Inda, que sejas nobre, e que possuas  
Mil campos, mil rebanhos;  
E, que só para ti volva o Pactólo,  
As doiradas arêas;  
Q'os sonhos Pitagóricos entendas;  
Q' sejas mais formoso,  
Que o formoso Niréo, deixado hum dia  
Por Neêra inconstante,  
Debalde chorarás, e então contente,  
Mofarei de teu pranto.

\* \* \* \* \*

## E P O D O XV.

*Ao Povo Romano.*

**E** Is nova idade nas civis discordias  
 Comessa a consumir-se.  
 Co'as proprias forças Roma se arruina,  
 Roma, que pôde hum tempo  
 Oppor-se ás armas dos visinhos Marsos  
 A's Tropas de Porcena.  
 E de Capua rival, á sanha, á força.  
 D'Espártaco aos furores,  
 E do pérfido Alóbrogo inconstante  
 A's tramas cavilosas.  
 Aquella Roma, que a Germania féra  
 Co'ó valor de seus Filhos,  
 Nunca domada vio, nem vio vencida.  
 Que Anibal detestado  
 Dos antigos Avós vencer não pôde.  
 Nós, sanguinaria Prole,  
 Nós procuramos reduzilla a cinzas:  
 As Féras da montanha  
 Formarão seus covis entre as ruinas,  
 Soberbos vencedores  
 Insultarão, passando, os restos tristes,  
 Os fervidos Ginetes  
 Co'as férreas unhas assoitando a terra  
 Farão voar as cinzas,

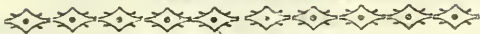
Dessipando, que horror! do grão Quirino,  
     Os soterrados óssos.  
 Se algum de vós, ou todos, inda buscão,  
     Remedio à tantos males,  
 Imitai (este he só) tristes Focenses,  
     Q'a Patria abandonarão.  
 Deixando aos Javalís, deixando aos Lobos  
     A's roubadoras Feras  
 Os Templos, Posseçoens, e os doces Lares;  
     Fujamos apressados  
 Onde os mares, e os ventos nos levarem.  
     Se he grato este concelho,  
 E, se nada lembrais mais util, que elle,  
     Quem nos suspende os passos?  
 Sopra galerno favoravel vento,  
     Largue-se a Náo ligeira.  
 Porém juremos não tornar sem crime  
     Senão, quando os roxedos  
 Aboiarem do mar na superficie,  
     Arrancados do fundo.  
 De não voltar a Roma a curva proa  
     Senão, quando o espumante  
 Rapidissimo Pó cobrir os montes,  
     Ou, quando no Oceano,  
 Se for larçar o frígido Apenino.  
     Quando Amor monstruoso,  
 Juntar aos Cervos sanguinarias Tigres,  
     Quando a tímida Pomba,  
 Se ajuntar o Milhafre carniceiro,  
     E do Leão sanhudo



Não temã a garra o simplice Rebanho.  
     Quando a ligeira Cabra,  
 Cortar, nadando, as ondas amargosãs.  
     Depois de taes conjuros,  
 Capazes de vedar doce tornada,  
     Intrepidos partamos,  
 Ou de Roma a porção mais nobre, e firme.  
     E fique o vulgo indocil  
 Na triste escuridão, no vil-desprezo  
     D'huns Lares infelizes.  
 Vós cheios de valor, deixai sem pranto,  
     E feminis queixumes,  
 Deixai as praias ultimas da Etruria,  
     Hum novo Mundo espera,  
 Q'o fluctuante mar circunda, e lava.  
     Vamos buscar afoitos,  
 Felizes campos, opulentas Ilhas;  
     Onde a Terra fecunda,  
 Produz, não cultivada, os dons de Ceres,  
     Onde florece a vinha,  
 Sem que afiada Foíce as vides córte,  
     E, a proveitosa Oliva,  
 Vingado mostra o fructo que promete.  
     A sombria Figueira,  
 Com seus pomos dulcissimos se enfeita.  
     Dos carcomidos troncos  
 Corre em ondas o mel. Dos altos Montes,  
     Correm límpidas agoas.  
 E voluntariamente a teta off'récem  
     As petulantes Cabras.

Nenhum contagio os gados apoquentá  
 Nem Sol ardente os crésta ;  
 Não brame o Urso informe em noite escura  
 Em torno das poizadas,  
 Nem sobre a nua terra o cólo entôna  
 A Vibora medonha.  
 D'outros prodigios, d'outras maravilhas,  
 Seremos testemunhas.  
 Os frios Euros, que nas azas trazem  
 As soltas Tempestades,  
 Não cobrirão com frígidos chuveiros  
 Os matizados campos.  
 E, as tenras plantas do calor crestadas  
 Não morrerão nas Leivas.  
 Allí concerva eterna Primavera  
 O Monarcha dos Numes,  
 Allí não forão fortes Argonautas,  
 Cortando as frias ondas  
 Co'os alutados remos, nem Medéa  
 Pôde chegar voando.  
 Nem de Sidonia o Navegante ouzado,  
 E Ulysses vagabundo,  
 Pôde aportar co'os tristes companheiros  
 Das teimosas desgraças.  
 Ao Justo, ao Pio, Jupiter reserva  
 Estes ditosos climas  
 Depois que extincta fôra a Idade d'oiro ;  
 E o Seculo de ferro  
 Na Terra avassallada ergueo seu Throno.  
 Fugamos apressados,

Que eu Vate acceito a Delio vos agoiro,  
Venturosa fugida.



E P O D O XVI.

*A Canidia.*

**C**Anidia, eu cedo em fim, e as mãos entrego  
Vencido dos Coujuros.  
Humilde, eu te supplico pelo horrendo  
Throno de Prozerpina;  
Por Diana tambem, tremendo Numen;  
Pelos mágicos versos,  
Que podem despenhar dos Ceos os Astros;  
Que nunca mais profiras  
Mysticas vozes de fataes encantos,  
Que abandones de todo  
A velóz roda de infernaes feitiços.  
Pôde Télefo humilde,  
Do grande Achilles acalmar a sanha  
Côntra quem mui soberbo  
Commandára Esquadroens, e agudas lanças  
Arremeçára ouzado.  
Embalçamarão as Troianas Damas  
De Heytor o frio corpo,  
De Heytor que dera a morte a mil Guerreiros  
Que destinado fôra  
A ser vil pasto de Mastins raivosos,  
De esfaimados Abutres;

Depois que o velho Priamo prostrado  
     Em terra vio chorando.  
 Os companheiros do infeliz Ulysses  
     (Enternecida Circe)  
 De Javalis cerdosos depozerão  
     A medonha-figura.  
 Recobrarão de novo a voz, o gésto  
     E o rosto que perdêrão.  
 Assáz punido estou Canidia, amada  
     Até dos Nautas duros,  
 Findou ligeira a minha mocidade,  
     E macilenta pelle,  
 Cobre os óssos do rosto onde algum tempo  
     A purpura brilhára.  
 De teus perfumes mágicos á força  
     Já me alveja o cabello.  
 Não tem pausa desgraças que me opprimem.  
     Volve-se o dia, e noite,  
 E não pôsso c'hum férvido suspiro,  
     Desafogar o peito.  
 Tinha negado teu poder, mas vejo,  
     E miseravel creio,  
 Que os magos versos, e as Cançoens têm força  
     De agrilhoar vontades,  
 De enloquecer de todo: oh Terra, oh Mares!  
     Ah! suspende a vingança,  
 Que mais queres de mira? Eis me abrazado.  
     De Nezo o sangue impuro,  
 Menos as veias inflammou d'Alcides,  
     Do Ethna as lavaredas

Menos ardor no peito me causarão  
 Complexo de venenos,  
 Quaes Cólcos não produz, tu só desejas  
 Que a cinzas reduzido,  
 Ludibrio seja em fim do solto vento?  
 Que premios me destinás?  
 Dize, dize, cruel, que prompto, humilde,  
 A' pena me sujeito.  
 De Toiros cento o sacrificio queres?  
 Já contente os dessangro.  
 Queres que o nome teu pelo Universo  
 Espalhe ao som da Lyra?  
 Direi, que hes pura, candida, innocente,  
 Q'em Astro transformada,  
 Giras no espaço do fulgente Olympo  
 Os dois Irmãos d'Helena  
 (Infamada com satiras atrozes,)  
 A's súplicas cedendo,  
 Derão de novo ao desgraçado Vate,  
 A vista que perdêra,  
 Eu te conjuro pelo sangue illustre  
 Q'te gyra nas veias,  
 Q'não desfeiches contra mim teus golpes,  
 Da loucura me livra  
 Já que, Velha prudente, nunca imitas,  
 Infames Feiticeiras,  
 Q'vão tirar dos Tumulos dos Pobres  
 As cinzas taciturnas,  
 Depois do nono dia em que pagarão,  
 Tributo a Libitina.

Tens meigo coração, as mãos tens puras;  
Hes Mãi terna, e fecunda;  
Depois de dar á luz penhores d'alma,  
Surges forte, e robusta.

\* \* \* \* \*

E P O D O XVII.

*Resposta de Canidia.*

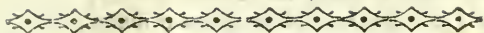
**P** Ara que invias súplicas inuteis  
A cerrados ouvidos?  
As duras pedras que no mar negreão;  
Quando Neptuno irado  
Co'as turvas ondas se enfurecê, e berra,  
Nunca forão tão surdas  
Aos lastimosos lúgubres gemidos,  
Dos Naufragos, que expiráo:  
Deves acaso escarnecer impune  
Os sagrados mysterios,  
A que preside Amor? Foste creado  
Pontífice supremo  
Dos profundos, e mágicos segredos?  
E depois que teus versos,  
Me tornárão a fabula do Povo,  
Morrerei não vingada?  
Embora com mil dádivas procures,  
Mais poderosas Magas,  
Que mais subtil veneno té preparem  
Oh soccorros baldados!

Será mais tarda a morte, que teus votos;  
 Vivirás desgraçado.  
 Teus dias crescerão, porque se augmentem  
 As mágoas com teus dias.  
 O muito infeliz Tantaló presiste  
 Faminto n'abundancia.  
 Deseja, em vão, findar triste existencia.  
 E Prometheo ligado  
 De balde quer morrer. Sezifo aspira  
 A suspender a pedra  
 No cume da montanha, porém Jove  
 Com dura lei lho véda.  
 Tu quererás, em vão, já desgostoso  
 Da penosa existencia  
 Precipitar-te de elevadas Torres;  
 E quererás no seio,  
 Cravar duro Punhal, debalde ao laço,  
 Darás o infausto cólo.  
 Sobre ti mesmo conduzida óvante  
 Em triumphal Carroça,  
 Farei ceder a Terra espavorida,  
 A meu poder supremo.  
 Se eu posso dar o movimento, a vida  
 Aos frios Simulacros,  
 Se, prompta á minha voz, a argentea Lua,  
 Dos Ceos se precepita,  
 Se as cinzas do sepulchro, ánimo, e chamo,  
 Se, os meus potentes Filtros,  
 Os duros coraçoes, d'amor quebrantão  
 Acaso eu sôlta em choro,

Só verei contra ti sem força as artes;  
Que a Mágica me ensina?

*Fim dos Epodos:*





H Y M N O ,

Que se devia repetir nas Festas que os Romanos  
fazião no fim de cada Seculo.

*A Apólo, e a Diana.*

**O**H Loiro, intonso Apólo, oh tu Diana,  
Que hes Nume Tutelar dos densos bosques,  
Honra do Olympo, fulgurantes Astres  
Oh sacrosantos Numes!

Sempre adoraveis, adorados sempre,  
Escutai nossas súplicas, e votos,  
Nestes sagrados dias, que a Sibila  
Promettêra em seus versos.

Puro Esquadrão de candidas Donzellas  
De castos Mòços, escolhido Còro,  
Aos grandes Numes, que defendem Roma,  
Almos Hymnos envia.

Alma da Natureza, oh Sol, que o dia  
Trazes, e levas no brilhante coche,  
Nada vejas maior, gyrando a Terra,  
Que a Soberana Roma.

Oh

Oh compassiva Ilitia, ou se mais prézas,  
Ou de Lucina mais, te he grato o nome,  
Preside á geração, e adóça as mágoas,  
Do doloroso parto.

Conserva as Mães fecundas, e defende  
Os tenros fructos seus, firma o Decreto  
Do laço conjugal, de nova Próle  
Enche a soberba Roma.

E, quando o tardo Século se finde  
Possão em dias tres, e em tantas noites  
Os jogos festivaes, e os doces cantos,  
Com prazer celebrar-se.

E vós, Parcas virídicas, que tendes,  
Já cumprido os oraculos, de novo  
Juntai a vossos vaticinios, lédos  
E venturosos Fados.

Cubra-se a Terra de abundantes Mésses;  
E a chuva salutifera lhe nutra,  
Seus fructos, seus rebânhos, e respirem  
Hum ar sereno, e puro.

Mostra-te meigo, oh Febo, e as duras sétas  
Mette de novo no carcaz, e escuta  
As súpplicas dos Mòços, tu Diana  
Escuta as das Donzellas.

S'obra foi vossa a Soberana Roma  
Se á praia Etrusca os Troades chegarão  
Se lhes mandastes que os paternos Lares  
Deixassem presurosos:

Se o casto Eneas á queimada Troia  
Pôde superviver, lhe abris caminho  
Por entre as chammas que á fadada Patria  
Em cinzas convertêrão.

Se môres bens lhes dais; Numes potentes  
Virtude aos Môços dai, répouso aos Velhos,  
E thesoiros, grandeza, gloria, e nome  
Aos Filhos de Quirino.

A progenie de Anchises, e de Venus,  
Que hoje candidas victimas offerta,  
Possa vencer os Inimigos, possa,  
Perdoar aos vencidos.

Já na Terra, e no Mar, de Mêdia o Povo  
Teme seu braço, e consular Bipene:  
E, o Indio ha pouco fero, o Scita ouzado  
Esperão seus Decretos.

Já reina a Paz, e a Fé, e o Pejo antigo,  
O brio sempre intacto, a saá virtude,  
The agora envolta em sombra co'a abundancia  
A ressurgir comessão.

O Deos presságo do futuro incerto,  
Em cujos hombros sôa a eburnea Aljava,  
Que amando as Musas, com potentes hervas,  
Suspende o passo á morte.

Se vê propicio o Palatino monte,  
Por dilatados Seculos prospere,  
E derrame mil bens de Italia, e Roma  
No Imperio florescente.

Tu que o monte Aventino, oh cásta Deosa,  
E o Algido te apraz, dá prompto ouvido  
Dos Baroens quinze as súpplicas, e aos votos  
De innocentes Donzellas,

Depois de haver cantado a Febo, e Cintia,  
Justo Louvor, aos Lares nos tornamos,  
Certos, que Jove, que Supremos Numes  
Hão de ouvir nossos votos.

*Fim do primeiro Tomo das Obras de Horacio.*

# ERRATA S.

## Na Prefação.

<i>Erros.</i>	<i>Emendas.</i>
Pag. xxii lin. 13 prescreve	proscreeve
Pag. xxv lin. 5 <i>Melibé</i>	<i>Melibæe</i>
Pag. xxxi lin. 12 o mais delicado engenhoso	o mais delicado, e engenhoso
Pag. 16 Ode IX. lin. 4 Velhice amorosa ao longe aponta	Deve ler-se A velhice morósa ao lon- ge aponta
Pag. 41 Ode XXVII. lin. 12 He sempre o teu amor, no- bre, e puro	Deve ler-se He sempre o teu amor, e nobre, e puro.
Pag. 83 Ode XVI. lin. 13 Inda que visses rinchar, em tôrno, o altivo	Deve ler-se E que visses rinchar em torno o altivo
Pag. 110 Ode VI. lin. 17 plautro	plastro
Pag. 111 Ode VII. lin. 6 <i>Asteréa.</i>	<i>Astéria.</i>
Ibid. - - - - lin. 7 <i>Asteréa,</i>	<i>Astéria,</i>
Pag. 116 Ode IX. lin. 3 Calay	Caláis



